



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO –  
UNIRIO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS

Cristie de Moraes Campello

**O ressentimento, o esquecimento e o riso: as  
metamorfoses da memória dos idosos numa perspectiva  
nietzschiana**

Orientador: Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea

CRISTIE DE MORAES CAMPELLO

O ressentimento, o esquecimento e o riso: as metamorfoses da memória dos idosos numa perspectiva nietzschiana

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Memória Social, do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Memória Social. Área de Concentração: Memória, Subjetividade e Criação.

---

Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea (orientador)

---

Profa. Dra. Jô Gondar (UNIRIO)

---

Profa. Dra. Célia Pereira Caldas (UERJ)

Rio de Janeiro, outubro de 2008.

Ao meu pai, Ayr, que sempre acreditou na minha força.

À minha mãe, May, que sempre me desafiou e, com isto, me fez caminhar.

Ao meu terapeuta, Pedro Honório, feiticeiro, que me passou em trevas e luz, para que eu não fosse mais a mesma e me imputou a coragem para caminhar.

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Miguel Angel Barrenechea, pela sua enorme disponibilidade ao se colocar como meu orientador e me ensinar que mestre é, também, alguém do afeto.

À Célia Caldas, pelo carinho de acreditar, esses anos todos, no meu trabalho com os idosos. Sempre contei com o seu olhar e a sua competência.

À Jô Gondar, pelo nosso primeiro encontro, quando, percebeu que o meu projeto caminhava por horizontes diferentes e, naquele momento, me deu muita força para continuar e não desistir.

À minha querida amiga Aline pela parceria e pela delicadeza que teve ao cuidar dessa dissertação e da nossa relação.

Às amigas Cláudia e Inês por, logo, acreditarem que o projeto poderia dar certo e me ajudarem nessa construção.

Aos colegas da nossa turma de mestrado, pelos fortes laços que construímos e que foram fundamentais para o meu percurso nesse curso.

Ao filósofo Nietzsche, de quem busquei toda a inspiração e o sangue para escrever essa dissertação.

E, finalmente, a todos os meus queridos alunos idosos, pois sem eles, nada disso seria possível. Não haveria a paixão que foi importante para toda a construção dessa dissertação.

Três metamorfoses, nomeio-vos, do espírito: como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança.

Muitos fardos pesados há para o espírito, o espírito forte, o espírito de suportação, ao qual inere o respeito; cargas pesadas, as mais pesadas, pede a sua força.

‘O que há de pesado’, pergunta o espírito de suportação e ajoelha como um camelo e quer ficar bem carregado.

‘O que há de mais pesado, ó heróis’, pergunta o espírito de suportação, ‘para que eu o tome sobre mim e minha força se alegre?’

Não será isto: humilhar-se, para magoar o próprio orgulho? Fazer brilhar a própria loucura, para escarnecer da própria sabedoria?

Ou será isto: apartar-se da nossa causa, quando ela celebra o seu triunfo? Subir para altos montes, a fim de tentar o tentador?

Ou será isto: alimentar-se das bolotas e da erva do conhecimento e por amor à verdade padecer fome na alma?

Ou será isto: estar enfermo e mandar embora os consoladores e ligar-se de amizade aos surdos, que não ouvem nunca o que queremos?

Ou será isto: entrar na água suja, se for a água da verdade, e não enxotar de si nem as frias rãs, nem os ardorosos sapos?

Ou será isto: amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma quando ele nos quer assustar?’

Todos esses pesadíssimos fardos tomam sobre si o espírito de suportação; e, tal como o camelo, que marcha carregado para o deserto, marcha ele para o próprio deserto.

Mas, no mais ermo dos desertos, dá-se a segunda metamorfose: ali o espírito torna-se leão, quer conquistar, como presa, a sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto.

Procura, ali, o seu derradeiro senhor: quer tornar-se-lhe inimigo, bem como do seu derradeiro deus, quer lutar para vencer o dragão.

Qual é o grande dragão, ao qual o espírito não quer mais chamar senhor nem deus? ‘Tu deves’ chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: ‘Eu quero’.

‘Tu deves’ barra-lhe o caminho, lançando faíscas de ouro; animal de escamas, em cada escama resplende, em letras de ouro, ‘Tu deves’!

Valores milenares resplendem nessas escamas. E assim fala o mais poderoso de todos os dragões: ‘Todo valor das coisas resplende em mim.

Todo valor já foi criado e todo valor criado sou eu. Na verdade, não deve mais haver nenhum ‘Eu quero’!’ Assim fala o dragão.

Meus irmãos, para que é preciso o leão, no espírito? Do que já não dá conta suficiente o animal de carga, suportador e respeitador?

Criar novos valores - isso também o leão ainda não pode fazer; mas criar para si a liberdade de novas criações - isso a pujança do leão pode fazer.

Conseguir essa liberdade e opor um sagrado ‘não’ também ao dever: para isso, meus irmãos, precisa-se do leão.

Conquistar o direito de criar novos valores – essa é a mais terrível conquista para o espírito de suportação e de respeito.

Constitui para ele, na verdade, um ato de rapina e tarefa de animal rapinante.

Como o que há de mais sagrado amava ele, outrora, o 'Tu deves'; e, agora, é forçado a encontrar quimera e arbítrio até no que tinha de mais sagrado, a fim de arrebatá-la a sua própria liberdade ao objeto desse amor: para um tal ato de rapina, precisa-se do leão.

Mas dizei, meus irmãos, que poderá ainda fazer uma criança, que nem sequer pode o leão? Por que o rapace leão precisa ainda tornar-se criança?

Inocência, é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer 'sim'.

Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso dizer um sagrado 'sim': o espírito, agora quer a sua vontade, aquele que está perdido para o mundo conquista o seu mundo.

Nomeei-vos três metamorfoses do espírito: como espírito tornou-se camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança.

Assim falou Zaratustra. E achava-se, nesse tempo, na cidade chamada a Vaca Pintalgada. (ZA, Das Três Metamorfoses)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*, trad. Mario da Silva, 15 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

## SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo1. A Memória e o ressentimento.....	26
1.1. Cena 1: O velho chega à Oficina, um “carregador de pesos”: o momento do camelo.....	27
Capítulo2. A memória e uma outra forma de lidar com o passado: a memória e a força.....	51
2.1 Cena 2. O velho descobre sua potência : o momento do leão.....	52
Capítulo3. O esquecimento e o riso para além da criança nietzschiana.....	66
3.1 Cena 3. O velho (re)encontra o riso.....	67
Considerações Finais.....	82
Referências bibliográficas.....	87
Anexos.....	92
A- Roteiro da entrevista.....	93
B- Depoimentos.....	94

## RESUMO

Partindo de uma vasta experiência com idosos, na oficina de cinema da UNATI, pretendemos, com este trabalho, percorrer as transformações ocorridas em sua maneira de lidar com suas memórias, tendo, como eixo conceitual as três metamorfoses nietzschianas e o encontro das imagens nietzschianas com o cinema e, como eixo metodológico, um trabalho de campo no qual se privilegiou a pesquisa-ação na coleta de dezoito depoimentos, que resultaram em um vídeo e ilustrarão nossa aposta conceitual. Esta ferramenta metodológica nos deu liberdade para rompermos com um modelo de trabalho de campo diretivo e neutro, tornando, com isso, possível afetar e ser afetado pelo acaso das forças que surgiam dos (e nos) encontros, dando passagem “a voz e a vez” daquilo que se mostrava silenciado nos idosos e no pesquisador, produzindo, assim, metamorfoses na escrita, na imagem e na ação. Assim, as imagens do camelo, do leão e da criança, desdobradas nas três metamorfoses, nos servirão de guia para analisarmos os diversos momentos dos idosos na oficina. O momento de chegada dos idosos, na oficina, será, então, permeado pela imagem do camelo, nos remetendo a análise da noção de ressentimento que, por sua vez está atrelado ao peso. Nesse momento, discutiremos o efeito do cinema clássico na trajetória destes idosos na oficina. Num segundo momento, a noção de força, nos guiará para um primeiro desdobramento da memória, chamado “momento leão”, no qual o idoso descobre a sua potência a partir de uma relação ativa com o passado, enfrentando a mágoa e o ressentimento e finalmente, o esquecimento atrelado ao riso, tendo como aliado o cinema chapliniano. Por fim, a relação do riso e do esquecimento nos permitirá analisar o momento mais criativo, ativo e alegre desses idosos, quando entregues ao riso provocado pelos filmes da chanchada, pelas experiências em grupo e pelo esquecimento de experiências amargas e dolorosas, constroem, em conjunto, uma memória nova, criativa, afirmativa.

Palavras chave: idosos, três metamorfoses, ressentimento, esquecimento, riso



## ABSTRACT

Starting with a vast experience with older people in the UNATI's workshop of cinema, we intend, with this work, to pass through the changes in its own way of dealing with their memories and, as conceptual axis, the three Nietzschean metamorphoses and the meeting of the Nietzschean's images with the cinema, and, as the axis methodology, a fieldwork which focused on an action-research by collecting eighteen statements, which resulted in a video and that will illustrate our conceptual bet. This methodological tool gave us freedom to break up with a neutral and directive model of fieldwork, providing a way of affecting and being affected by the chance of forces that emerged from (and during) the meetings, opening path "to the voice and to the turn" of what was muted by the elderly and the researcher, producing in this way, metamorphosis in writing, in image and in action. Thus, the images of the camel, the lion and the child, unfolded in the three metamorphoses, serve as a guide in reviewing the various moments of the elderly in the workshop. The time of arrival of the elderly in the workshop, will then be permeated by the image of camel, referring to the analysis of the concept of resentment, which in turn is tied to the weight. At that point, we will discuss the effect of classic cinema in the path of the elderly in the workshop. Secondly, the notion of strength will guide us for a first deployment of memory, called "lion moment", in which the elderly find its power from an active relationship with the past, experiencing the bitterness and resentment and finally, the forgetfulness coupled to laughter, having the Chaplin's films ally. Finally, the relationship of laughter and forgetting will allow us to analyze the moments that are more creative, active and happy of these elderly, when delivered to the laughter provoked by the chanchada films, by the experiences in group and the oblivion of bitter and painful experiences, build on together a new memory, creative and affirmative.

Key words: elderly, three metamorphoses, anger, forgetfulness, laughter.

## Introdução

A escolha “Das Três metamorfoses”, enunciadas no primeiro discurso de Zaratustra na obra *Assim Falou Zaratustra*, que abre a presente dissertação, nos lança ao encontro de uma linguagem simbólica que caracteriza os discursos intensos, de forte carga vital e expressiva. Neste momento, o pensamento filosófico do autor se faz poético. A filosofia se une à poesia para fazer-nos pensar. A filosofia poetiza. A poesia filosofa.<sup>2</sup>

Quando Nietzsche apresenta *Zaratustra*, no *Ecce Homo*, ele diz:

Talvez se possa ver o Zaratustra inteiro como música; - certamente um renascimento da arte de *ouvir* era uma condição para ele (...) Parece realmente, para lembrar uma palavra de Zaratustra, como se as coisas mesmas se acercassem e se oferecem como símbolos.<sup>3</sup>

O estilo nietzschiano de expressão artística, inaugurado no *Zaratustra*, inspira o trabalho que realizamos com idosos, na oficina de cinema que estamos desenvolvendo há dez anos, na UNATI (Universidade Aberta da Terceira Idade), na UERJ. A identificação com o autor e, especificamente, com o texto “Das três metamorfoses” foi imediata a ponto de, ao ser trabalhado em sala de aula, influenciar profundamente os alunos no que tange a relação que eles estabeleciam com a vida. Este encontro não é uma identificação apenas porque a linguagem do *Zaratustra* seja poética, mas sim, porque ela nos convida a sair da linguagem convencional para nos encontrarmos no registro dos afetos, que são, para

---

<sup>2</sup> A crítica da linguagem conceitual perpassa toda a obra nietzschiana. Ele apresenta como alternativa à tradição filosófica uma filosofia trágica, uma *metafísica de artista*, totalmente diferente da metafísica racional. Contudo, ele adverte que, no seu primeiro livro *O nascimento da tragédia*, ao criticar a racionalidade optou justamente por métodos racionais. Então, ele sublinha que será preciso um *estilo* artístico, poético, que possa dar conta do fluxo vital. Tal estilo teria sido proposto em *Assim falou Zaratustra*; conforme aponta Machado: “(...) libertar a palavra da universalidade do conceito, construindo um pensamento filosófico através da palavra poética, mais que (...) através do uso do aforismo, do fragmento ou mesmo do ensaio”. MACHADO, Roberto. *Zaratustra. Tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997, p. 21. Também, para o esclarecimento do estilo poético em Nietzsche, ver: O *Zaratustra* como fala da liberdade. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 77-82.

<sup>3</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*, S. Paulo: Companhia das Letras, 1995, trad. Paulo César de Souza.

Nietzsche, forças.<sup>4</sup> Esses idosos são afetados, no trabalho realizado na UNATI, através de propostas artísticas. Um método fundamental empregado é o *encontro* na arte. Principalmente, assistimos filmes - muitos deles cômicos, outros dramáticos -, que nos colocam diante de situações afetivas, de idéias, sensações e percepções que levam os idosos a refletir sobre suas vivências, seus anseios, decepções, alegrias, isto é, diante das suas memórias<sup>5</sup> e, para nossa surpresa, diante da possibilidade de construção de outras memórias. Assim, neste trabalho ecoa a inspiração nietzschiana, pois a arte serve como veículo privilegiado para aprofundar nos próprios afetos, no percurso singular de cada idoso.

Privilegiamos essa passagem do *Zarathustra* para apresentarmos nosso trabalho com idosos, porque percebemos que ela, conforme veremos posteriormente, pode simbolizar as transformações que essas pessoas constataam em suas vidas. O percurso que Nietzsche descreve, em “Das três metamorfoses”, nos serve, de alguma forma, para interpretar as mudanças que pudemos observar no processo desses idosos ao serem colocados em contato com a arte.

Quando o velho procura a oficina da UNATI, ele chega com um peso, carregado, ressentido.<sup>6</sup> Embora nem todos os idosos procurem a instituição por conta própria, pois na maioria das vezes eles conhecem o espaço por indicação dos familiares, um primeiro movimento se inaugura, quando eles tentam superar experiências negativas. O velho vai a UNATI em busca de uma transformação e, durante o seu percurso na oficina, importantes mudanças terão impacto no seu modo de ser. Poderíamos sintetizar esse processo, assinalando que o idoso deixa de agir como “o espírito que suporta” para tornar-se um homem que busca “encarar” o próprio peso, para, mais tarde, abandoná-lo, ultrapassá-lo. *Isso não seria justamente o percurso das três metamorfoses: camelo, leão e criança?*<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Marton destaca a importância da teoria das forças na filosofia nietzschiana, como chave interpretativa do homem e do universo. Cf. MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 50-7.

<sup>5</sup> Bosi realiza uma importante análise sobre os idosos, suas memórias e suas vivências, que será relevante para a realização da nossa dissertação. Cf. BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade*. Lembrança de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

<sup>6</sup> Veremos, posteriormente, como as categorias nietzschianas, apresentadas em *Genealogia da moral*, I e II Dissertações, nos permitem repensar as diversas atitudes diante do passado: a reativa, ressentida e a ativa, afirmativa, que exercita o esquecimento criador.

<sup>7</sup> Fink é um pensador que realizou uma análise de toda a obra de Nietzsche, dedicando especial atenção a *Assim falou Zarathustra*. Será importante, para esta dissertação, o estudo do terceiro capítulo – A anunciação – de *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1983, particularmente quando o comentarista focaliza as três

Consideramos que sim, como mostraremos ao longo desta dissertação, principalmente, a partir da análise da experiência dos próprios idosos.

Observamos, durante nosso trabalho na oficina, que a maioria dos velhos, quando se aproxima da UNATI pela primeira vez, chega carregado de mágoa, melancolia, tristeza e, principalmente, de ressentimento. Parece que as experiências do passado, os problemas nos vínculos familiares e nas amizades, o que eles *já não são*, aquilo que *já não podem fazer*, os tornam tristes, céticos. Geralmente, *ruminam* essas experiências; as suas lembranças traduzem impotência, perda, desencanto. Então, utilizamos o cinema como uma forma de estimular o surgimento de uma *memória* nova, ligada ao esquecimento e que posteriormente levará à experiência do *riso* afirmativo, que acolhe e celebra o passado, a existência em geral.<sup>8</sup>

O valor do riso, ligado à experiência com o cinema, fica claro na fala de um aluno: “Quando se vê um filme se tem permissão para rir”. O cinema torna-se uma possibilidade de estimular uma vida mais leve e saudável, como convite à alegria e à risada espontânea. O cinema mexe com imagens, lembremos que a proposta fundamental do estilo de *Assim falou Zaratustra* consiste em elaborar uma filosofia artística, povoada de metáforas e símbolos, como podemos ver na comentada passagem “Das três metamorfoses”.

A partir do assinalado, queremos frisar a importância de interpretar Nietzsche e suas idéias no campo da memória e apontar as metamorfoses ocorridas na memória dos idosos em seu percurso junto à oficina de cinema da UNATI. As imagens do camelo, do leão e da criança nos servirão de guia para analisarmos os diversos momentos dos idosos na oficina. Por este motivo, analisaremos a noção de ressentimento, vinculado ao peso e ao “momento camelo”: a chegada dos idosos na oficina, a noção de força, que apontaria para um primeiro desdobramento da memória, chamado “momento leão”: quando o velho descobre a sua potência a partir de uma relação ativa com o passado, enfrentando a mágoa e o

---

metamorfoses. Cf. p. 76-80. Sua interpretação será fundamental para articularmos as metamorfoses do espírito – camelo, leão e criança – com o processo vivido pelos idosos na UNATI.

<sup>8</sup> A questão do riso aparece em diversos momentos do *Zaratustra*, chegando a estar vinculada a questão da vivência do eterno retorno. Nesta dissertação, não trabalharemos com tal conceito, porém, é importante assinalar que, na passagem “Da visão e do enigma”, um pastor oprimido, *afogado* com uma serpente presa na sua garganta, consegue mordê-la e cuspi-la. Após essa experiência – vinculada à vivência do *eterno retorno* -, o pastor afirma a existência na sua totalidade, sem restrições, rindo de uma forma extraordinária, com um riso sublime que diz um grande “sim” à existência. Esta modalidade de riso será tematizada numa pesquisa futura.

ressentimento e finalmente o esquecimento atrelado ao riso<sup>9</sup>. A relação do riso e do esquecimento nos permitirá analisar o momento mais criativo, ativo e alegre desses idosos, quando entregues ao riso provocado pelos filmes, pelas experiências em grupo, pelo esquecimento de experiências amargas e dolorosas, construindo em conjunto uma memória nova, criativa, afirmativa.

É importante destacarmos que a questão do riso é um dos principais eixos deste trabalho, conforme a proposta de Nietzsche que a valorizou, ao longo de sua obra. Para ele, o riso, o jogo e a dança são aspectos da vida que estão ligados à arte, à criação em geral e através deles chegaríamos ao momento em que o velho re-encontra a sua potência criativa, aprende a jogar com a vida e fala através de suas experiências e afetos não através de lembranças cancerosas.

Para aprofundarmos esta questão é importante analisar uma frase: “Professora, acabei de oxigenar meu cérebro” dita por um idoso, após assistir uma cena cômica, uma chanchada, gênero típico do cinema carioca que teve seu auge nos anos 1940 e 1950. Nessa cena, os atores Oscarito e Grande Otelo faziam uma paródia de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, produzindo uma inversão do que poderia ser uma interpretação moral, já que eles brincam com os papéis convencionais de feminino e masculino, de amor romântico e amor trágico, de paixão eterna etc. As chanchadas eram filmes cuja proposta visava provocar o riso fácil, a boa gargalhada e que através da paródia<sup>10</sup> realizavam a crítica da sociedade da época. O que quis dizer o aluno com essa afirmação? Ele quis mostrar a sensação de plenitude, de expansão da potência, de leveza propiciada pela descontração do riso. Diante da situação inusitada, bizarra, hilária, ele consegue aliviar as agruras cotidianas, ultrapassa as experiências negativas do seu dia-a-dia e reconhece, na sua própria existência, a dimensão jocosa, lúdica; ele esquece o peso, aquilo que o deprime, celebra a

---

<sup>9</sup> A questão da memória e do esquecimento é abordada desde o início da obra nietzschiana. Lembremos que na *Segunda Consideração Intempestiva*, Nietzsche vai problematizar a utilidade e desvantagem da história para a vida. Em *Assim falou Zaratustra* são valorizados o riso, a dança e o canto para uma filosofia afirmativa. Já em *Genealogia da moral*, o autor focaliza o fenômeno do ressentimento, da memória e sua gestação, do esquecimento como atividade fundamental para uma vida afirmativa, saudável.

<sup>10</sup> Lembremos que a paródia é um recurso amplamente utilizado por Nietzsche; peculiarmente, em *Assim falou Zaratustra* quando a narração adota uma dicção bíblica, uma imitação do estilo bíblico. Neste sentido, conforme comenta Ferraz, a paródia procura “justamente produzir, no interior de um discurso, sua destruição; é miná-lo (...) ‘a partir do interior’, provocando uma tensão estratégica entre certo texto, que é retomado, ‘imitado’, e aquilo que é efetivamente afirmado”. FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Nietzsche, o bufão dos deuses*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 89.

alegria descontraída, afirma a leveza. Por esses motivos, o idoso em questão pôde experimentar a sensação de alívio, até afirmar que seu cérebro “acabou de ser oxigenado” e sendo o oxigênio o gás da vida, o que este idoso recebeu foi um sopro de vida, talvez porque trouxesse antes, em sua memória, apenas “toxinas” que adoeciam o seu pensamento e os seus sentimentos, mas incorporou novas energias: *força plástica*, na concepção de Nietzsche.<sup>11</sup>

No início do trabalho na UNATI, a proposta consistiu em que os alunos assistissem às cenas dos filmes que suscitassem algum vínculo com um momento de suas vidas, por isso escolhemos filmes que eles conheciam bem, que faziam parte de suas memórias. O objetivo era que, ao verem os filmes, eles trouxessem lembranças daqueles momentos e, transportando-os para o presente, estivessem prontos para transformá-las. Em outras palavras, visávamos a que as imagens evocassem o passado dos idosos, que diante dessas lembranças tivessem uma atitude diferente: uma postura nova, criativa, face ao passado, proporcionada pela leveza da obra de arte que eles estavam presenciando.

Após diversas observações, percebíamos que a emoção surgia, mas a mágoa, a dor, o ressentimento ainda permaneciam. Depois da experiência inicial, exibimos filmes de Chaplin. Julgávamos que, através de seu personagem Carlitos, uma mistura de vagabundo com aristocrata, que se expressava com gestos vivos e hilários, pudéssemos encontrar uma chave para que os espectadores ultrapassassem o ressentimento e se entregassem à leveza do riso. Acabamos por descobrir, a partir das manifestações dos idosos, que o “riso chapliniano” suscita uma mistura de riso e tristeza; trata-se de um *riso-cético* e amargo que denuncia as injustiças sociais. Em termos nietzschianos, indagamos se esse riso seria *reativo*? Nesta dissertação tentaremos posicionar-nos sobre a questão.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Na *Segunda Consideração Intempestiva: das utilidades e desvantagens da história para a vida*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003, p. 10, Nietzsche assinala que existe uma “força plástica” vinculada ao esquecimento: “(...) penso esta força crescendo singularmente a partir de si mesma, transformando e incorporando o que é estranho e passado, curando feridas, restabelecendo o perdido, reconstituindo por si mesma as formas partidas”.

<sup>12</sup> *Ativo e reativo* são características fundamentais, empregadas por Nietzsche, para definir diversos tipos humanos. O autor considera os *nobres*, aqueles que têm forças para criar, para agir, para instaurar valores e impor sua vontade, como naturezas *saudáveis*, *ativas*. Eles têm a capacidade de *agir*, de criar valores; na sua ação, descarregam as suas forças e *esquecem* das dores, das afrontas, das agruras da sua vida. Já há outras naturezas, os *fracos*, que ao não poderem *agir*, *reagem*, tentam se vingar das dores sofridas, das agruras impostas pelos seus adversários; eles são vítimas do *ressentimento*: atijam continuamente a sua *memória*, nada esquecem, tentando sempre se vingar, remoendo suas dores e fracassos. Cf. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, trad. Paulo César de Souza, I Dissertação, 7 a 12.

Lembremos, agora, o idoso que pronunciou a frase: “Professora, acabei de oxigenar meu cérebro”. Quando ele acabou de proferir a frase e, após rir, perguntamos como ele estava se sentindo e ouvimos: “Estou me sentindo leve”.

A partir desta cena, pudemos perceber que o cinema do riso poderia ter uma importância fundamental para influenciar as memórias dos velhos, pois foi a partir desse momento que o idoso pode, após assistir um filme cômico, *digerir* as mazelas de sua vida, se *oxigenar* e ficar leve.

Esta experiência foi um marco inicial para percebermos a importância de estudar questões que apareciam ao longo de nosso trabalho com os idosos e que poderiam contribuir para melhorar sua relação com a vida. Temas como memória, ressentimento, esquecimento e riso poderiam tornar-se relevantes e serem aproveitados para suscitar uma reflexão mais abrangente sobre a relação do homem com seu passado, principalmente com experiências *negativas*, com *lembranças* desagradáveis, dolorosas. Esses relatos podem ser aproveitados para indicar uma postura mais saudável perante a vida. Não é possível ignorar essas vozes de indivíduos experientes, vividos, próximos do final das suas existências. Muito pelo contrário, torna-se imprescindível deixá-las falar; através dessas vozes podemos refletir sobre questões fundamentais, não só dos idosos, mas válidas para todos: crianças, jovens, adultos. Será mister refletir sobre como lidar com as experiências do passado, como posicionar-nos diante das lembranças: o que devemos acolher, o que devemos rejeitar, o que devemos *eliminar*, *deixar para trás*? O que devemos lembrar? O que devemos esquecer?

Embora a proposta da “transmutação zaratustriana”, conforme aparece em “Das três metamorfoses”, que nos serve de guia e inspiração para nossa prática com idosos seja o pano de fundo de onde parte nossa inquietação e descobertas, também empregaremos outras obras, posto que encontramos em Nietzsche um excelente instrumental interpretativo, tendo em vista que seu pensamento oferece condições necessárias para este estudo, além de suas contribuições teóricas relevantes no campo de pesquisa da *memória social*.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Acompanhamos as reflexões que têm surgido em torno de Nietzsche e seus importantes aportes para o campo da memória social. Destacamos as ponderações de GONDAR, Jô. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: GONDAR, Jô et al. (Org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 35-43 e de

Além disto, esta escolha parte da leitura do autor alemão, que se tornou um pensador que vem influenciando, há muitos anos, a nossa trajetória de vida e, em consequência, nosso trabalho com os idosos. É importante acrescentar que Nietzsche, ao longo de sua obra, relaciona o seu pensar à vida, mas à vida ascendente, àquela que afirma a existência em sua totalidade. Dizer sim à vida, como propõe este pensador, é uma questão que desenvolvemos e pretendemos continuar desenvolvendo na relação com os alunos.<sup>14</sup>

Esta dissertação foi elaborada, inicialmente, a partir da inspiração do percurso das mudanças do espírito, relatado em “Das Três Metamorfoses”, de *Assim Falou Zaratustra*. Este texto nos permitiu estruturar os capítulos, assim como nos orientou na compreensão dos relatos dos idosos. Essas imagens tornam-se a coluna vertebral do trabalho. Cada capítulo vai focalizar alguma das figuras de “Das Três Metamorfoses”, a saber: o camelo, o leão e a criança. A proposta de empregarmos este texto como eixo do nosso trabalho não decorre de uma escolha impensada e, sim, porque o seu conteúdo e a expressividade de suas imagens, conforme iremos mostrar no transcorrer desta dissertação, permitiu iluminar o trabalho que realizamos com os idosos.

O encanto que *Zaratustra* oferece e vem oferecendo aos idosos, provém do fato de que este livro tão instigante possa ser interpretado como um livro de histórias. Poderá *Zaratustra* ser considerado um contador de histórias?

Para respondermos a essas questões, salientamos que o velho, como mostraremos neste trabalho, é de fato um contador de histórias, de histórias de vida. Mas o que ele busca neste contar, é se transformar a partir daquilo que narra; só quem caminhou pela vida sabe a arte de contar. *Zaratustra* é um peregrino caminhante, e o velho também.

Em *Zaratustra*, Nietzsche trabalha com imagens poéticas e sugestivas. O idoso entende melhor a escrita que vem acompanhada de imagens, pois ele pode imaginar e sonhar. Nesse sentido, vimos que o cinema provoca, com suas imagens, grande impacto nos idosos. Sem dúvida, essa obra de Nietzsche foi a melhor compreendida e a que mais interessou aos alunos da terceira idade. Além disso, percebemos que as três metamorfoses

---

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: ContraCapa, 2005, p. 55-71.

<sup>14</sup> Lembremos a proposta afirmativa da criança, tal como é descrita no *Zaratustra*, que celebra inocente e alegremente a vida na sua totalidade: “Inocência, é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’”. Cf. Das três metamorfoses. In: *Assim falou Zaratustra*.



do espírito - camelo, leão e criança - podem ser comparadas ao processo que observamos na maioria dos casos. Ele chega à oficina, ressentido, suportando os pesos da vida (como o camelo); após uma fase crítica, semelhante ao leão, vai adotando uma atitude afirmativa diante da sua vida, vai ficando cada vez mais leve (assemelhando-se à criança zaratustriana).<sup>15</sup> Essa leveza, essa alegria, essa mudança foi constatada em diversos depoimentos. Muitas vezes ouvimos o relato de um filho ou de um neto afirmando que seu pai ou avô está bem humorado e que, agora, é possível se relacionar com ele, já que antes era difícil.

Por isso, nessa dissertação adotaremos como estratégia demonstrativa um esquema de três capítulos que acompanham, em linhas gerais, as três metamorfoses do espírito do *Zaratustra*, para interpretarmos o percurso dos idosos. Por sua vez, subdividiremos os três capítulos em cenas já que o cinema, assim como a leitura das três metamorfoses, foram fundamentais no processo de transformação destes alunos, possibilitando, conseqüentemente, a gestação e nascimento deste trabalho.

O primeiro capítulo intitulado “A memória e o ressentimento” analisará a cena da chegada do velho à Oficina, entendido como um “carregador de pesos”: trata-se do momento do camelo e dos efeitos da exibição de filmes clássicos. O segundo capítulo intitulado “A memória e a força” enfocará a cena do velho descobrindo sua potência : trata-se do momento do leão e da análise da exibição de filmes de Charles Chaplin. O terceiro capítulo, intitulado “O esquecimento e o riso: para além da criança nietzschiana”, trará a cena do velho (re) encontrando o riso e o efeito dos filmes de chanchada na sua relação com a memória. Neles, como as figuras do *Zaratustra*, percebemos um momento de peso (como o do camelo), outro de reação (como o do leão) e finalmente uma instância leve e afirmativa, como o da criança, mas, conforme veremos, esta instância estaria mais ligada ao riso do que à criança nietzschiana.

---

<sup>15</sup> Será importante para nossa dissertação elucidar a questão de “tornar-se criança”, como na terceira transformação do espírito, no *Zaratustra*. Não se trata de que o velho adote formas infantis, se infantilize, mas que, mesmo desde seu próprio estágio físico e mental, se permita novas experimentações, novas realizações, com *plasticidade tal como* uma criança. Ferraz diz: “(...) em Nietzsche trata-se de um ‘tornar-se’ criança, recuperando, ou melhor, reacionando e produzindo a inconsistência, a plasticidade que, na criança empírica, já estão dadas”. FERRAZ, Ma. Cristina Franco. Teatro e máscara no pensamento de Nietzsche. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de et al. (Org.) *Assim falou Nietzsche II*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p. 45.

Convém salientar que esses “estágios” podem exprimir as mudanças de um único idoso (ou de vários), não sendo, portanto, modelos de existência, formas definitivas porque isso remeteria ao plano das essências e não ao plano da potência. Nietzsche não afirma a existência de oposições, dicotomias excludentes, por este motivo ele falará de um “não” que deriva de um “sim” e de um “sim” que deriva de um “não”. Lembremos que, em *Além do bem e do mal*, o autor sustenta que é possível algo surgir do seu oposto, que num mundo em devir são inúmeras as perspectivas, as mudanças de posição, as contradições.<sup>16</sup>

Destacamos que os três sub-capítulos foram nomeados e estruturados como *cenias*. Não se trata de uma licença poética ou um deslize no trabalho argumentativo, mas de uma escolha por um discurso que trabalha com imagens, que emprega imagens para apoiar a argumentação. Nessa escolha, nossa formação em cinema tem tudo a ver. As imagens podem estruturar um discurso. É possível *mostrar* o percurso dos idosos como um *filme*, que retrata cenias de vida. Idosos que são ora camelo, ora leão e que finalmente re-encontram a sua criança. Trabalhamos com filmes na oficina, então, também é possível *rever* o percurso desses idosos como um filme que retrata a passagem do ressentimento, do peso, à alegria, ao esquecimento, ao riso criador.

No transcorrer dos capítulos utilizaremos relatos dos idosos que sirvam para aprofundarmos nossa hipótese acerca das metamorfoses do espírito e as mudanças da memória numa perspectiva nietzschiana e sobretudo para esclarecer *aquilo que pode o riso*, ou seja, que o riso tem um poder libertador que transforma a memória e, junto a ela, possibilita a criação de uma nova história de vida.

Estes relatos, que se encontram em anexo, foram colhidos em sala de aula, totalizando dezoito depoimentos a partir de um questionário que, também, se encontra em anexo nesta dissertação. Posteriormente, esses depoimentos foram registrados em um vídeo. Embora, num primeiro momento, possa parecer que partimos de um estudo diretivo, ou seja, apresentação de perguntas seguidas de respostas pontuais, o que aconteceu foi algo inusitado porque a metodologia foi se efetivando com certa autonomia. Os entrevistados só conseguiram acompanhar o processo quando todas as perguntas foram colocadas ao acaso,

---

<sup>16</sup> Cf. *Além do bem e do mal*, 2, quando Nietzsche questiona os metafísicos que sustentam a oposição de valores; ele valoriza os filósofos que enxergam as contradições, as nuances no devir, o “talvez”, a indefinição que é própria do vir-a-ser: “Talvez! – Mas quem se mostra disposto a ocupar-se de tais perigosos ‘talvezes’? Para isto será preciso esperar o advento de uma nova espécie de filósofos, que tenham gosto e pendor diversos, contrários ao daqueles que até agora existiram – filósofos do perigoso ‘talvez’ a todo custo”.

todas ao mesmo tempo e eles responderam a partir daquilo que afetava seus corpos naquele momento. Por esse motivo, observaremos que, no anexo, não encontramos perguntas pontuais seguidas de respostas também pontuais, mas as perguntas acabaram, sem que soubéssemos de antemão, operando como um dispositivo que acionou afetos que foram registrados em vídeo, na forma de depoimento. O encontro com o acaso das forças afetivas acabou se tornando o fio condutor de nossa metodologia, nele, a possibilidade de dar passagem à voz e a vez do que se mostrava silenciado nos velhos aparece em imagem e ação.

Realizamos um trabalho de campo no qual se privilegiou a metodologia da pesquisa-ação, pois partimos de observações cotidianas, resultantes do nosso trabalho na Instituição. Nele registramos os testemunhos dos idosos para analisarmos suas perspectivas sobre o trabalho realizado na oficina, para sabermos quais as transformações que eles percebem ao entrarem em contato com a arte.

Concordamos com Thiollent<sup>17</sup> quando afirma que a pesquisa-ação implica, além da participação, uma forma de ação planejada de caráter social, educacional e técnico, na qual o que se busca é romper com métodos de pesquisa convencionais que, ancorados em ideais de cientificidade, neutralidade, acabam deixando de lado a possibilidade de transformação tanto do pesquisador quanto do grupo participante da pesquisa. Por isso, “na pesquisa-ação, os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas”<sup>18</sup>, exigindo, assim, que haja “uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas em situação investigada que seja de tipo participativo”<sup>19</sup>. Nessa experiência procura-se a resolução de problemas do mundo real.

Com isso, podemos dizer, concordando com o autor citado, que:

Um dos principais objetivos dessa proposta consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob a forma de diretrizes de ação transformadora. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído. Devido à urgência de tais problemas (...) os procedimentos a serem

---

<sup>17</sup> THIOLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1988, p.7

<sup>18</sup> *Ibid*, p.15

<sup>19</sup> *Ibidem*

escolhidos devem obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação na qual os participantes tenham voz e vez.<sup>20</sup>

Esta proposta metodológica articula-se com aquilo que ouvimos em sala, porque pudemos observar ações transformadoras ocorrendo, possibilitada pela aproximação entre o pesquisador e o grupo pesquisado que tinham “voz e vez”. Esta ligação é sempre priorizada em sala de aula, e, como podemos ver nos relatos, suscita mudanças positivas na vida dos idosos.

Eis alguns relatos que mostram como se deu esse processo:

“Aqui na UNATI, nós encontramos calor humano, encontramos amigos e que nos ensinam viver a cada dia, para superar todos os problemas (...) Porque aqui nós conseguimos falar dos nossos problemas, que estão lá dentro da gente, que muitas das vezes a gente não tem coragem de falar e aqui nós conseguimos falar.”<sup>21</sup>

Ou então:

“Eu procurei a UNATI desde que ela inaugurou, tem dez anos. Porque eu queria-estava aposentada - e eu queria fazer alguma coisa diferente, aprender alguma coisa, enfim, qualquer coisa. E eu fiquei pirada com a UNATI, porque é todo um leque de coisas, que a gente...é impossível fazer tudo...Mas a coisa que eu mais aprecio no UNATI, até hoje, é a oportunidade que nós temos de falar. Os professores, principalmente a Cris, ela deixa a gente falar, ela dá atenção pra todo mundo, aí ouvem. Porque, às vezes, na nossa casa, não nos ouvem. E eu tenho um ótimo marido, sou casada a cinquenta e três anos, mas nem sempre ele está disposto a me ouvir, não é!? Não se interessa, às vezes, por certas coisas que só outra mulher é que se iguala a nós, não é!? Então, isso pra mim é primordial.”<sup>22</sup>

Nestes dois relatos podemos observar a necessidade que este grupo tem *de falar*, de trocar experiências. Este grupo, composto por idosos, pessoas que, neste momento de suas vidas, se sentem oprimidas nas suas relações, impossibilitadas de narrar sua história, justamente na Oficina de Cinema da Unati se sentem acolhidas e fortalecidas.

A partir destes relatos percebemos a eficácia de trabalharmos com um método que permite a atuação do pesquisador e do grupo de pesquisa, numa ação conjunta em que todos são atores do processo, todos “tem voz e vez”, porque todos se encontram inseridos no jogo de forças que se dá no momento da troca. É permitida a vida! São valorizadas suas inúmeras manifestações! Neste método se leva a sério “o saber espontâneo e todas as

---

<sup>20</sup> Ibid, p.8

<sup>21</sup> Quinto depoimento: Título I, 5’27” - 6’23”

<sup>22</sup> Décimo quarto depoimento: Título III, 0’00” - 1’05

sutilezas e nuances que em geral escapam aos procedimentos padronizados”, como afirma Thiollent.<sup>23</sup>

Por isso, em outro sentido, é possível aproximar o método de pesquisa-ação com diversas propostas de afirmação vital oriundas do pensamento de Nietzsche, pois o filósofo parte da vida e não de teorias sobre a vida. Sua proposta filosófica consiste em abordar o plano da relação de forças, no momento em que essas interagem, acontecendo nos corpos.

Nesta dissertação também nos serviremos de uma pesquisa bibliográfica que contemple a bibliografia primária e secundária sobre Nietzsche. Nela privilegiaremos as questões relativas à memória, à força, ao esquecimento e ao riso, assim como a problemática do velho.

Nessa bibliografia, outra obra, além do *Zarathustra*, que fundamentará este trabalho será *Genealogia da Moral*. Focalizaremos a Primeira Dissertação para analisar a questão do ressentimento, de como surgiu e como se tornou, segundo o autor, hegemônico em nossas vidas; estudaremos também a Segunda Dissertação para abordar a gênese da memória e do aparecimento de uma atividade totalmente diversa: o esquecimento. Outro livro importante para o nosso estudo será a *Segunda Consideração Intempestiva - Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida*, fundamental para focarmos a questão da memória, do ressentimento e do esquecimento. No primeiro capítulo, Nietzsche desenvolve uma crítica à exagerada importância outorgada à memória, sustentando a relevância do esquecimento para o homem. Ele lembra a imagem do rebanho pastando que estaria ligado “à própria estaca do instante”.<sup>24</sup> O calmo bovino torna-se símbolo do esquecimento e o homem, contrariamente, preocupado em memorizar as suas experiências, se admira do animal, porque ele não consegue esquecer nem habitar harmoniosamente o instante.<sup>25</sup>

No fio condutor do nosso trabalho, serão fundamentais as três obras apontadas. Nelas, Nietzsche desenvolve suas idéias principais sobre a memória e o esquecimento. Ele discute também a questão do ressentimento, do esquecimento, da “força plástica” que

---

<sup>23</sup> THIOlLET, op.cit, p.24.

<sup>24</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Segunda Consideração Intempestiva*, p. 7.

<sup>25</sup> Nietzsche dirá, na *Segunda Consideração Intempestiva*, p.7: “Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado. Ver isto desgosta duramente o homem (...) pois o homem quer apenas isso, viver como o animal, sem melancolia, sem dor (...)”.

precisamos desenvolver para levar uma vida afirmativa e, finalmente, o riso que, num ato de leveza e esquecimento, permite a alegria e a criação.

Lembremos novamente a importância do *Zaratustra*, que nos ajudará a articular a totalidade desta dissertação, ao estabelecer a relação do texto das metamorfoses com o percurso decorrente do trabalho com os idosos. Além disso, no *Zaratustra*, o riso e a alegria são constantemente celebrados. O texto exalta, diante dos indivíduos esgotados, cansados da vida, a afirmação da terra, a valorização do corpo: “O ser próprio criou para si o apreço e o desprezo, criou para si o prazer e a dor.”<sup>26</sup>

*Zaratustra* também exalta, em numerosas passagens, a dança, que nos convida à leveza, a celebrar o corpo, a terra, a vida. Na dança, o homem se entrega ao ritmo, ao prazer, à alegria, destoando assim da atitude do homem do ressentimento que, em função do peso constante que carrega nos ombros, fica paralisado, impossibilitado de brincar.

Observando os idosos, percebemos que muitos deles sentem como se a sua vida estivesse congelada, paralisada no passado. Eles parecem ressentidos, com mágoa do tempo vivido; eles reclamam continuamente das suas experiências do passado. Além disso, para os velhos, o futuro, com sua possibilidade de invenção e criação, parece já não existir, o amanhã assemelha-se a uma permanente e rotineira repetição. Com isso, o fluxo do imprevisível, que é próprio do devir vital, é impedido de circular. Aprisionados no passado, eles sentem que não podem criar o novo.

Nos tempos atuais, em que é exageradamente valorizada a juventude, considerada o ápice da capacidade produtiva, o velho é visto como o fim do percurso humano, como uma etapa que aparentemente nada novo poderia trazer. Assim, a criança é entendida como início desse percurso e a velhice como final, como epílogo do mesmo. Neste trabalho, essa visão será questionada, pretendemos propor um outro olhar sobre as possibilidades da existência humana, sobre os diversos estágios da vida. Acompanhamos neste ponto a sugestão de Nietzsche que, nas “Três Metamorfoses”, coloca a criança como a última etapa,

---

<sup>26</sup> Cf. “Dos desprezadores do corpo”. In: *Assim falou Zaratustra*, I. Neste trecho, Nietzsche considera que o corpo é o “ser próprio”, *Selbst*, diferenciando-se da tradição metafísica que exalta a alma, o espírito, a consciência como determinantes da *condição humana*.

ou seja, a criança não inicia, mas é a conclusão do ciclo. Assim, consideramos o velho como início de um processo e não como fim.<sup>27</sup>

Não podemos deixar de mencionar que, na contemporaneidade, a imagem do velho aglutina componentes contraditórios, porque, do ponto de vista das relações capitalistas ele se tornou uma fatia interessante no mercado de consumo. Na mídia observamos anúncios, comerciais, jornais etc que aproxima a velhice do “universo jovem”, dando visibilidade a este grupo e produzindo novas necessidades de consumo para ele. Os velhos aparecem nas propagandas cheios de vitalidade, saúde, com dinheiro, fazem esportes radicais, utilizam computadores etc. Além disso, em função da instabilidade das relações empregatícias atuais, as aposentadorias dos velhos acabam sendo o que sustenta famílias inteiras e muitas vezes eles acabam tendo que buscar novas ferramentas para retornar ao mercado, o que implica adquirir mais conhecimentos para adequar-se às novas exigências mercadológicas. Ao mesmo tempo, em alguns nos programas jornalísticos, a velhice é apresentada como uma fase de dor e penalização. Vemos idosos abandonados pelas famílias, dormindo em filas de hospitais públicos para conseguir atendimento, sendo que muitos deles morrem nas filas etc. Esta contradição, entre uma visão idealizada nas imagens da mídia e a dura realidade, está na base da nossa sociedade e afeta muitos outros grupos, não só o dos velhos.<sup>28</sup>

Além das obras referidas acima, outro livro que fundamentará nossas reflexões será *A Gaia Ciência*. Pretendemos estudar, dentre outros, o aforismo “A Grande Saúde”, para analisar a concepção de saúde que para Nietzsche está relacionada com a alegria, pois não alude apenas a saúde física e, sim, a uma forma afirmativa de viver.

Dentre as outras obras de Nietzsche que subsidiarão esta pesquisa, destacamos também *Ecce Homo*, quando o autor realiza a interpretação dos seus próprios textos “Assim Falou Zaratustra”, “Genealogia da Moral”, “Gaia Ciência” e “Aurora”. As suas ponderações serão importantes para o esclarecimento de diversos conceitos da dissertação. Além de ser autobiográfico, pessoal, o texto é paródico, já que sugere a importância de

---

<sup>27</sup> Lembremos, conforme apontamos na nota 17, aludindo ao trabalho de Maria Cristina Franco Ferraz: “Teatro e máscara no pensamento de Nietzsche” que o velho, ao retomar um processo vital, criativo, plástico, pode assumir a tarefa de tornar-se criança, de retomar a vida e seus devires.

<sup>28</sup> Não temos a intenção, nesta dissertação, em realizar uma espécie de genealogia da velhice que respondesse ao valor da velhice no contemporâneo, mas acreditamos que este ponto não poderia, ao menos, deixar de ser mencionado, e, quem sabe, numa pesquisa futura, possamos desdobrá-lo.

fazer da vida um alegre processo de transformação, de auto-realização. Essa atitude fica manifesta quando o autor se apropria da frase de Píndaro: “Chega a ser o que tu és”. Nesse título, a expressão “tornar-se” indica que a vida é um processo em permanente construção, em contínua elaboração; na existência não há nada fixo, nada definitivo. Nesse sentido, percebemos que o velho, quando conta suas histórias de vida, ele tem possibilidades de escolha; mesmo no momento em que já não está no apogeu físico e mental, ele tem a capacidade de *narrar* sua própria existência (de *re-fazê-la*) de modos diversos: contá-la como um ressentido ou contá-la de forma alegre, irônica, até paródica. Além disso, ele se encontra diante da possibilidade de avaliar a vida como um peso ou, ao contrário, como criação. Ele percebe, ao se defrontar, na UNATI, com novas possibilidades da arte, que a sua existência não está *fechada*, que ele, mesmo com o passar dos anos, pode experimentar o viver como tarefa renovada, como criação.

Aos efeitos dessa dissertação, além das obras de Nietzsche, lembramos diversos comentadores que trarão importantes contribuições para este trabalho. Destacamos Fink com *A filosofia de Nietzsche*; Deleuze com suas obras *Nietzsche e a filosofia* e *Nietzsche*; Machado com *Nietzsche e a Verdade* e *Zaratustra, Uma Tragédia Nietzscheana*; Franco Ferraz com *Nietzsche, o Bufão dos Deuses* e *Nove Variações sobre Temas Nietzscheanos*; *Teatro e máscara no pensamento de Nietzsche*; Barrenechea com *Nietzsche e a liberdade, Nietzsche: A memória, o esquecimento e a alegria da superfície* e *A Genealogia da Memória Social* e Gondar com seus artigos *Quatro Proposições sobre Memória Social* e *Lembrar e esquecer: desejo de memória*.

As figuras de Charles Chaplin e Oscarito também serão abordadas nesta dissertação. Serão importantes, na análise destes dois personagens: Paulo Mendonça, com o livro *Carlitos: um menino pobre cria uma arte nova* e José de Matos-Cruz, com: *Charles Chaplin : a vida, o mito, os filmes*, Flávio Marinho, com o livro: *Oscarito: o riso e o siso* e Sérgio Augusto com *Este mundo é um pandeiro: a chanchada de Getúlio a JK*. Chaplin será estudado no segundo capítulo, no “momento leão”, tendo em vista que sua obra pauta-se na denúncia das tramas sociais marcada. Essa denúncia torna-se uma atitude de resistência escondida no riso melancólico, mas que, na experiência com idosos, produziu uma outra modalidade de riso, que, posteriormente, discutiremos. Já Oscarito, o rei da



chanchada, será focado no terceiro capítulo, vinculado ao “grande riso libertador”, à gargalhada dionisiaca, à paródia .

O objetivo desta dissertação é, portanto, analisar as percepções e sentimentos manifestados por idosos, alunos da Oficina de Cinema da UNATI, à luz de conceitos filosóficos nietzschianos de memória, ressentimento, força, esquecimento e riso. Focaremos também as vantagens e desvantagens do uso da memória para a vida e, para isso, analisaremos, na vivência com os idosos, como se processa o despertar para outras memórias que não mais aquela que intoxica a vida. Visamos mostrar que a memória tem metamorfoses. Eis o convite feito por eles a nós e eis a potência do encontro deles com Nietzsche.

Propomos com este trabalho uma dignidade. Dignidade que não será interpretada moralmente e sim como uma força que gera potência de vida. Vida que habita um presente, que afirma um passado e cria um futuro. Essa é a questão de um idoso que diz: “Professora, acabei de oxigenar meu cérebro”. Essa é a proposta de uma idosa que cria um Carlitos para ela e sai para a vida apresentando a sua história. Esse é o sentimento de um idoso demenciado em uma cadeira de rodas que após assistir vários filmes de Carlitos, um dia, surpreendentemente, se levanta da cadeira e o imita, girando o dedo como se fosse sua bengala. Onde está o ressentimento? Esqueceram. Podem rir. Podem viver.

O convite nietzschiano convoca à celebração da vida, a participarmos da festa da existência e nela encontrarmos múltiplas máscaras: a dos homens sérios ou a dos parodistas da história. Qual delas escolheremos? Para o autor, inventar a vida é rir dela, é rir de si mesmo. Para alguém que está “cronologicamente” se aproximando da morte como o idoso, este convite é, no mínimo uma loucura ou uma coragem impensável para quem está aprisionado num excesso de memória. Mas, observando os idosos na oficina de cinema, esta coragem vai se fazendo presente a cada encontro, a ponto de ouvirmos: “Vir para a UNATI é viver. Que não nos tirem nunca isto”. Esta atitude não estaria relacionada à idéia do idoso que diz que “oxigenou o cérebro?”.

Este é o início de um trabalho acadêmico que esperamos dar prosseguimento para que continuemos comprometidos com a dignidade destes idosos na sua tarefa de afirmar a vida em sua totalidade.

Destacamos, finalmente, que este trabalho não surge apenas por um interesse teórico, mas por uma visceral questão pessoal. No trabalho de anos com idosos pretendemos fomentar a possibilidade de tornar uma existência quase exânime, dolorosa e sufocada por memórias negativas, em vidas que esgrimem o esquecimento e o riso como novas formas de vida.

# CAPÍTULO I

## A MEMÓRIA E O RESSENTIMENTO

Três metamorfoses, nomeio-vos, do espírito: como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança.

Muitos fardos pesados há para o espírito, o espírito forte, o espírito de suportação, ao qual inere o respeito; cargas pesadas, as mais pesadas, pede a sua força.

“O que há de pesado?”, pergunta o espírito de suportação; e ajoelha como um camelo e que ficar bem carregado.

“O que há de mais pesado, ó heróis”, pergunta o espírito de suportação, “para que eu o tome sobre mim e minha força se alegre”?

1.1- CENA 1: O Velho chega a Oficina, um carregador de *pesos*: o momento do camelo.

Segundo Nietzsche, o camelo é o que carrega e suporta o peso, o que conserva valores da tradição. A sua existência não é criativa, mas conservadora, reativa. Neste ponto, queremos tecer as relações possíveis entre a imagem do camelo *suportador* e o velho quando chega à oficina, ilustrando essa entrada com o seguinte depoimento:

Meu nome é Cleonice, eu vim para a UNATI através da mão da minha amiga Arlete. Eu vim pela dor, problema com filho e tudo... Vim pela dor. Cheguei até a fazer... Estou no psiquiatra — como é que é!? — Psicologia... E o psicólogo me informou, para mim (*sic*) procurar fazer alguma coisa aqui, para mim (*sic*) me refazer.” (...) Eu entrei nessa sala como o camelo, mas um camelo doente, com o peso dos problemas que eu tinha na minha casa. Passado alguns dias, eu comecei a me sentir um leão e hoje eu me sinto uma criança, porque aqui dentro eu aprendi a me amar e amar a todo mundo. Continuo com meus problemas, mas eu consigo resolvê-los. Então, aqui você acaba — como fala minha amiga — se acabar a UNATI a gente se acaba também... E essa professora maravilhosa, que ela só faz levantar o ego da gente. Muito obrigada, Cris, por você existir.<sup>29</sup>

Neste depoimento podemos observar que esta idosa chega na oficina carregada de lembranças dolorosas. Quando o idoso é refém de lembranças obsessivas que ele re-edita todo dia para justificar suas mazelas, ele se torna escravo do ressentimento e não consegue sair de uma existência circular, repetitiva. Ela diz: ***Eu vim pela dor (...) eu entrei nessa sala como um camelo, mas um camelo doente, com o peso dos problemas que eu tinha na minha casa***”. O camelo tem como traços fundamentais *preservar*, *conservar*, trata-se, conforme define Nietzsche, do *espírito de suportaçã*o. E o idoso? Qual o seu panorama vital quando procura a oficina? Conforme diversos testemunhos informais, como o acima citado, ao privilegiarmos o universo da experiência de vida do grupo pesquisado, observamos que a maioria dos velhos chega com muitos *pesos*, muitas *cargas*. A sua memória está intoxicada de frustrações, lembranças negativas, dores. Além do mais, a vida para o velho, principalmente, na nossa cultura, é cruel. Ele é descartado, as suas histórias não são escutadas e, por isto, muitas vezes, ele escolhe o caminho do ressentimento e, não, o de um contador de histórias, que seria um dos possíveis caminhos para viver com

---

<sup>29</sup> Terceiro depoimento: Título I, 3’ 47’’- 4’ 58’’.

dignidade, com respeito. Em vez disso, eles sentem que sua vida tornou-se um peso, eles já não mais têm um valor para o mercado, já não são mais produtivos. Uma sociedade consumista parece condená-los à inutilidade, a uma passividade que os levará lentamente para uma morte anunciada. Diante desse panorama, a proposta do trabalho da oficina de cinema da UNATI é que, por um instante, ele possa esquecer as mazelas e, ao propor uma nova forma de lidar com a lembrança e com o esquecimento, se livre do *veneno* do ressentimento. Quando esses velhos entram em contato com a arte do cinema, a sua vida tonifica, a vemos adquirir um colorido que antes não possuía, permitindo-lhes restaurarem a alegria de viver.

Uma outra idosa diz:

Eu cheguei aqui muito tristonha, porque eu estava com dificuldade de me adaptar à mudança de vida, de uma casa, de perda também, e de mudar de uma casa para um apartamento. Eu me sentia muito só, porque eu estava acostumada com pessoas em volta e quando... Eu cheguei aqui meio camelo, aí consegui mudar um pouquinho para leão e... A Cris foi a primeira oficina que eu fiz. E já fiz outros cursos, já fiz línguas, já fiz internet... Mas daqui eu não saio. Daqui eu não saio, porque a Cris consegue nos transformar de... Ninguém sai daqui triste. Todo mundo... É feito uma terapia, além de ela nos ensinar muita coisa, ela nos ensina a viver. Eu estou emocionada e é só isso, não dá pra falar mais. (reinicia depois de uma longa pausa) Então eu quero dizer que eu cheguei camelo, passei pelo leão, e hoje eu sou uma verdadeira criança, aqui nesta aula. A gente sai criança. Só isso.<sup>30</sup>

Esta idosa diz que chegou a oficina tristonha, com dificuldade para se adaptar às mudanças ocorridas em sua vida e que estas mudanças acabaram deixando-a muito só, num apartamento que passa a substituir a casa antiga em que morava com muitas pessoas. Ela chega, portanto, com dor e quando afirma **“cheguei camelo, passei pelo leão, e hoje eu sou uma verdadeira criança, aqui nesta aula. A gente sai criança”** o que ela nos aponta é que a experiência proporcionada pela oficina de cinema, lhe possibilitou sair do lugar antes habitado pelo peso carregado pelo camelo para o lugar dos encontros, no qual a arte parece amenizar as agruras cotidianas, o *transporte* artístico parece derrocar o peso de lembranças negativas; as emoções dos filmes suscitam o riso, a alegria e a troca, fazendo o leão e a criança aparecer.

---

<sup>30</sup> Nono depoimento: Título I, 13'49''-15'07''.

Tanto neste depoimento como no anterior, o camelo é visto como símbolo do peso, o leão como imagem da força e a criança como uma metáfora na qual o lúdico é transposto para o primeiro plano.

É importante assinalarmos que aprendemos muito com a experiência dos alunos. O próprio dispositivo cinema sofreu transformações a partir dela, pois descobrimos que ele podia acionar expansão das forças ou diminuição delas. Porque, inicialmente, exibimos filmes clássicos como “E o vento levou”, “Casablanca”, “Suplício de uma saudade”, “Tarde demais para esquecer” etc. acreditando que, ao deslocar uma determinada modalidade da memória que deixa de ser refém do passado, pudéssemos acionar forças ativas. Porém, percebemos que, nas reações dos idosos, o que vinha à tona era o ressentimento, até porque a própria temática nostálgica dos filmes suscitava isto. E, assim, nossa pesquisa sobre as metamorfoses da memória começou. Nesse momento, encontrávamos, em inúmeros discursos, a figura do camelo, expressada no mal-estar dos idosos, porém, ao mesmo tempo, havia ali uma força que buscava passagem, e os próprios velhos solicitaram que outros filmes fossem exibidos. Eles sugerem Chaplin e, a partir dele, conforme veremos no segundo capítulo, mudanças foram instauradas em nossa percepção da memória e na dos idosos. Ela começava a se metamorfosear.

Neste ponto, lembremos o assinalado por Barrenechea, ao comentar a proposta de Nietzsche que valoriza a arte como um grande estímulo para a vida:

Para fazer a existência possível, ele (o homem), precisa do véu das ilusões, do esquecimento do já sabido (...) A arte permite fugir do exagero do saber, do abuso da memória, ela é um transporte para um mundo de sonhos, de belos sonhos (...) já a arte tonifica a existência, restaura a alegria de viver”.<sup>31</sup>

Seguindo estas reflexões, observamos que quando o aluno chega, pela primeira vez, na oficina, vem angustiado com o peso de uma memória marcada pelo ressentimento, pela negativização de uma história de vida na qual não se vislumbram possibilidades de expansão das forças ativas. Num relato marcante de uma idosa, ouvimos: **“Eu nasci criança. Aos doze anos de idade, eu virei camelo. Comecei a virar camelo até os**

---

<sup>31</sup> BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de et al. (Org.). *Nietzsche e os gregos*. Arte, memória e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 42.

**sessenta e cinco anos.”**<sup>32</sup> Esta fala, carregada de mágoa, ressentimento, mostra uma visão de um passado que *pesa nos seus ombros*. Este sentimento pode ser associado, como já apontamos, à imagem do camelo que, como Nietzsche nos apresenta, consiste no “espírito do peso”, o “espírito de suportaçãõ”. Esse velho, carregado de mágoas e de experiências frustrantes parece que não consegue caminhar, que leva uma *mochila* de lembranças, uma carga que esgota as suas forças. A arte então, como apontamos, parece que o ajuda a *esquecer*, a desfazer-se desses pesos, dessas lembranças que o anulam, que exaurem sua energia, que estagnam sua potência. A experiência artística, ao contrário, o liberta, lhe outorga um andar mais leve. Isso fica claro quando a mesma idosa conclui a frase dizendo: **“Com sessenta e cinco anos, eu virei é leão. Depois, dez anos após, eu virei criança, novamente. Porque batalhei minha liberdade, que eu nunca tive na vida. Porque foi só trabalho.”**

Esta idosa diz que virou criança novamente depois de dez anos. A experiência na oficina, o contato com a arte, para ela, significa um momento de passagem de um estado de luta, para um estado de leveza e potência, pois ela esquece momentaneamente a luta e o enfado. A luta do leão e o peso do camelo. O leão aqui é novamente interpretado como símbolo do processo que leva do estado de suportaçãõ (camelo) para a luta felina com os pesos da tradição. Essa luta prepara o caminho para o estado da criança que surgirá, posteriormente, no encontro com a arte. Assim, o último estágio das transformações dos idosos é possibilitado pela arte; arte que é vivenciada e discutida nos encontros do grupo.

É importante esclarecermos o significado da figura do camelo, em *Assim falou Zaratustra*. Para tanto, inicialmente, nos serviremos de um importante livro intitulado *Nove Variações Sobre Temas Nietzscheanos*, de Ferraz<sup>33</sup>. Ferraz afirma que aquilo que caracteriza a imagem do camelo é sua força; ele deseja o que é pesado, almeja suportar os maiores fardos, tais são os valores milenares. A autora assinala que “não se trata, aqui, de um elogio ao mero desejo de carregar o que é pesado, no sentido, bastante cristão, do sacrifício, do martírio ou da penitência”, mas de pensar o camelo como aquele que busca “o mais pesado”.<sup>34</sup> É importante advertir que a atitude *reativa*, de suportaçãõ, de conservação,

---

<sup>32</sup> Décimo primeiro depoimento: Título 1, 16’58”-17’25”.

<sup>33</sup> FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Nove variações sobre temas nietzscheanos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 28.

<sup>34</sup> *Ibid*, p.28.

também exige força. O espírito de suportação diz: “ ‘O que há de mais pesado,   heróis’ (...) ‘para que eu o tome sobre mim e minha força se alegre?’ (...) Todos esses pesadíssimos fardos toma sobre si o espírito de suporta o; e, tal como o camelo, que marcha carregado para o deserto, marcha ele para o próprio deserto”.<sup>35</sup> Nesse sentido, a interpreta o de Ferraz ajuda a desfazer mal-entendidos com rela o   imagem do camelo. Não se trata apenas de uma figura reativa ou fraca, “não   uma figura da submissão, ele não se ajoelha para reverenciar velhos ídolos e valores;  , antes, a expressão e manifesta o da força   procura das mais duras provas (...)”.<sup>36</sup> A autora valorizar  a *força* do camelo para aceitar, em absoluta solidão, as suas cargas, os seus pesos: “(...) sobrecarregado com o mais pesado, com o mais difícil, que o camelo se dirige para a paisagem que lhe   própria: o deserto. (...) o deserto vincula-se (...)   escassez,   aridez e, sobretudo,   solidão e isolamento”.<sup>37</sup>

Portanto,   importante pensar também na imagem do camelo como uma figura *positiva*. Parece um contra-senso, parece um paradoxo, mas não   assim. Observamos essa outra possibilidade interpretativa no seguinte relato:

Eu, na minha vida já sofri muito, Quando vim de São Paulo pra cá, eu morava aqui no Maracanã. Sofri. Ai, quando eu tinha dez anos, eu fugi de l , não sei de meus parentes, não sei de ninguém...Ai eu ficava..Ia trabalhar em uma casa, me batiam, eu fugia. Ia trabalhar em outra, me batiam, eu fugia. Assim que eu vivi a minha vida. Depois ai eu fui...Eu queria ser freira, mas eu fui lá no convento, não aceitavam preto, eu não tinha instru o...Eu disse: ‘sabe de uma coisa, eu vou fazer uma coisa: vou dar comida para os pobres, na rua’. Ai não tinha panela. Fazia em uma lata a comida, pedia a todo mundo, fazia comida para dar pro pessoal da rua. Ai, eu deixava de comer a minha comida para dar os pobres. Assim que eu fui. Até hoje eu sou assim, não ando mais porque a minha perna não deixa. Ai eu faço roupa pra dar pro pessoal do asilo, ai eu fa...”[Sic] O que você sabe fazer? Doce? Eu digo:‘sei’. Ai eu faço doce e começava a dar, mas agora, todo mundo:‘você vende’. Porque   um dinheirinho, meu dinheirinho   pouco, porque eu fui trabalhar em uma lavanderia. Ai eu trabalhei muito, depois eu fui aposentada por causa da minha perna...Ai, agora eu tenho tudo o que eu quero. Tenho minha casa - minha casa não, alugada, n . Mas ai eu tenho tudo. Mas ai eu fico dentro de casa trabalhando. Eu não quero saber. Não vejo televisão, nada, fico costurando roupa. Ai eu faço meus docinhos, quem quiser comprar pra me ajuda, ajuda, quem não quiser...O que   que eu vou fazer, n !?     isso (...) E ai eu sou uma verdadeira...eu já fui uma verdadeira camela, agora, agora...Já fui leão, agora eu sou uma onça.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> Assim falou Zaratustra, “Das três metamorfoses”, p. 51-2.

<sup>36</sup> FERRAZ, Maria Cristina Franco, 2002, p. 29

<sup>37</sup> Ibidem, p. 29-30.

<sup>38</sup> Oitavo depoimento: Título I, 9’33’’-13’46’’.



Esse é um depoimento que ilustra bem a imagem do camelo tal como descrita por Ferraz. Embora o camelo alude ao fato de carregar pesos, de suportar fardos, de assumir a existência na solidão e no isolamento e aponte a um estado de despotencialização que, muitas vezes, é um resumo do percurso do idoso, vemos aqui uma aliança desta idosa com as forças da vida. Essas forças não a deixaram sucumbir e se fizeram presentes possibilitando operar deslocamentos importantes para a construção de novos sentidos. Podemos dizer que quando o camelo não sucumbe ao peso da cultura ele encontra sua força e, ao testá-la, percebe quanta energia empregou na vida, o quanto precisou ser criativo, plástico para sustentar as exigências da vida, para “carregá-las” sem sucumbir ao peso. Só assim pode afirmar a sua potência e aligeirar os pesos, se libertando, encontrando dentro de si o leão, como a experiência desta idosa que se tornou “onça”. Essa metamorfose só foi possível a partir da experiência inicial do camelo, já que essa idosa ultrapassou os pesos de uma existência marcada pela suportaçãõ, dando um novo sentido a experiência de camelo: *o sentido de uma passagem para a força*.

E aqui nos lembramos de um comentário de Deleuze, presente no livro *Nietzsche e a filosofia*:

A doença, por exemplo, separa-me do que posso: força reativa, torna-me reativo, reduz minhas possibilidades e condena-me a um meio diminuído ao qual desejo apenas adaptar-me. Mas de um outro modo, ela me revela um novo poder, dota-me de uma nova vontade que posso fazer minha indo até o fim de um estranho poder. (Esse poder extremo põe em jogo muitas coisas, entre as quais a seguinte: Observar conceitos mais sadios, valores mais sadios) (...) <sup>39</sup>

Mas, na maioria das experiências observadas nos idosos, a forma de agir própria do camelo chega após uma existência de lutas, de trabalho, de fadiga, de entrega para uma profissão, para uma família, para ideais de tempos idos. Geralmente eles têm um bônus muito exíguo – uma aposentadoria talvez, alguns bens materiais -, mas carregados de ônus: ficam “fora do mercado”, tornam-se “improdutivos”. Muitas vezes, eles foram abandonados pelos familiares, padecendo solidão, isolamento, com lembranças de fracassos, privações, com um passado imenso, mas um exíguo presente e, talvez, um quase nulo futuro. Assim, o idoso que chega à oficina quer que algo mude na sua vida,

---

<sup>39</sup> DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*, Rio de Janeiro: Editora Rio, s/d, p.54

principalmente essas lembranças pesadas, que até agora carregou. Ele pretende recuperar a leveza, aliviar a carga. Ele almeja uma transformação, uma nova possibilidade, um novo estágio vital; povoado de lembranças, quer recuperar um presente, anela um futuro. É preciso ter força e criatividade para carregar pesos e não sucumbir a eles, e, talvez, em função deste exercício efetuado ao longo da vida do idoso, que este encontra possibilidades de “mudar de pele” e tornar-se leão.

O relato de um idoso ilustra essa forma de vida marcada pela suportação: **“Na nossa vida, com a responsabilidade que nós temos, na cria o dos filhos, na evolu o da vida, na contribui o nossa com a família, já somos grandes camelos, porque carregamos pesos nas costas”**.<sup>40</sup>

Neste mesmo relato, encontramos uma alusão ao dever. Ele expressa o “tu deves”, o dever de cumprir as regras estabelecidas, as leis, os valores morais. Neste sentido,   cabível a interpreta o deleuziana que considera a atitude de carregar: “a vida reactiva e depreciada, o pensamento negativo e depreciador. (...) Criar   aligeirar,   descarregar a vida, inventar novas possibilidades de vida”.<sup>41</sup> Assim, aquele que carrega pesos no deserto está preso a parâmetros opressivos, a imposi es alheias, muitas vezes de cunho transcendente. Esta foi a estratégia que os sacerdotes e os filósofos da moral implementaram para consolidar um poder que ancorado em pesados valores metaf sicos e/ou religiosos.

Uma outra perspectiva sobre as imposi es da moral, sobre os pesos dos valores metaf sicos, religiosos e morais – que se vinculam   imagem do camelo “suportador” -, a encontramos em *Nietzsche e a Liberdade*, quando Barrenechea comenta como Nietzsche critica a visão moral da liberdade relacionada   razão, a um  l m-mundo,   culpa, ao castigo divino,   responsabilidade e, principalmente, ao livre-arb rio de um suposto “sujeito” capaz de fazer escolhas. Esse comentarista propõe uma outra perspectiva para compreende a liberdade, na ótica nietzschiana, que estaria vinculada aos impulsos da terra, ao corpo, a uma vida artística e afirmativa.

---

<sup>40</sup> Décimo Oitavo depoimento: Título III, 5’42’’-7’36’’.

<sup>41</sup> Deleuze desenvolve sua visão crítica   aqueles que carregam valores superiores, que fazem a vida mais densa, mais fadigosa; o filósofo, ao contrário, deve criar, gerar valores novos, aligeirar: “descarregar a vida, inventar novas possibilidades de vida”. Cf. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Edi es 70, 1985, p. 19.

O primeiro aspecto, isto é, a visão moral da liberdade está relacionado com o “tu deves” da nossa cultura. Nesse ponto, os filósofos metafísicos – como Sócrates e Platão -, os religiosos e os moralistas instauram uma concepção de mundo *pesada*. Nesse sentido, será importante introduzirmos a noção de *liberdade moral*, que, em *Nietzsche e a liberdade*, é considerada uma pseudo-noção, uma deturpada concepção do arbítrio humano que, graças à enorme força da metafísica e, posteriormente, do cristianismo, tornou os crentes em “camelos”, em suportes da existência.

Sócrates e Platão são dois pensadores de singular importância para a instauração de uma visão transcendente e moralista da liberdade. Todavia, Nietzsche questionará, principalmente, a noção de liberdade moral no discurso do cristianismo, onde adquire um enorme poder coercitivo. Ele acusa a doutrina cristã de ter ‘corrompido fisiologicamente’ nossa cultura. Aliás, a maior parte das religiões produz esses resultados indesejáveis, oprimindo e enfraquecendo o animal-homem em prol de ideais do “outro mundo”. Não somente o cristianismo e outras religiões oprimiram o homem com “ídolos” como a liberdade, também os moralistas e os filósofos “sacerdotais” apresentaram feições idênticas. Inclusive, os filósofos são, para Nietzsche, na maioria dos casos, apenas uma continuação da figura sacerdotal.<sup>42</sup>

Refletindo sobre este trecho e relacionando a figura dos moralistas e a dos filósofos sacerdotais à do camelo das metamorfoses, ou seja, à imposição que está na base de todo “tu deves” na cultura ocidental, o homem que assume a forma camelo é um homem reativo, oprimido que, ao contrário do homem heleno arcaico, não celebra a vida, não se alia aos impulsos da terra, do corpo, mas, nega-os. O homem reativo depende de valores opostos à vida, como a crença num mundo verdadeiro, que estariam na base da concepção socrático-platônica. Deleuze aponta que o pensamento degenerou, abandonou sua feição criativa, que estava presente nos helenos arcaicos, quando com Sócrates foi instaurado a teoria dos dois mundos: “A degenerescência da filosofia aparece claramente com Sócrates. Se definimos a metafísica pela distinção de dois mundos, pela oposição da essência e da aparência, do verdadeiro e do falso, do inteligível e do sensível (...) ele faz da vida qualquer coisa que deve ser julgada (...) Com Sócrates, aparece o tipo de um filósofo voluntarista e subtilmente submisso”.<sup>43</sup> Para Nietzsche, o surgimento de Sócrates, na cultura helênica, representa um momento de profunda decadência, o declínio de uma civilização trágica, forte e criativa. O

---

<sup>42</sup> BARRENECHEA, Miguel Angel de, op.cit, p. 30-1.

<sup>43</sup> DELEUZE, Gilles. Op. Cit., p. 19-20.

advento do homem teórico – uma espécie de filósofo-camelo carregador de fardos – representa o zênite de uma civilização esplendorosa. Nesse ponto, Barrenechea, em *Tragédia hoje: a contemporaneidade do arcaico*, assinala:

Nietzsche assinala que a civilização helênica percorreu um caminho que, após uma fase de vigor, de plenitude, com os pensadores trágicos, foi perdendo, aos poucos, a força inicial devido ao predomínio posterior do socratismo, movimento que exalta a razão e o primado do teórico, em detrimento das forças vitais.<sup>44</sup>

É importante destacar agora a interpretação nietzschiana da cultura helena arcaica. A sua visão nos permitirá compreender duas perspectivas diante da vida: uma trágica, vital, saudável; outra anti-trágica, anti-vital, doentia. Esse marco conceitual será importante para o esclarecimento das questões da nossa dissertação, nos permitirá subsidiar nossas reflexões sobre memória, esquecimento, riso etc.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche analisa a cultura helênica, na qual os instintos naturais predominavam, determinando uma saudável relação do homem com o corpo, com a natureza, com a existência em geral. Esses gregos cultuavam uma visão artística da existência, que estava no âmago dos impulsos vitais deste povo. Natureza e arte se fusionavam graças à ação de dois instintos básicos, que Nietzsche nomeia lembrando duas divindades gregas, Apolo e Dionísio, que geraram os impulsos apolíneo e o dionisíaco. O apolíneo está ligado ao mundo do sonho e das imagens oníricas e o dionisíaco ao mundo da embriaguez e da música:

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico, a apolínea, e a arte não-figurada da música, a de Dionísio.<sup>45</sup>

Primeiramente, o filósofo analisa a ação destes impulsos artísticos de forma isolada: o apolíneo está ligado ao mundo da bela aparência, do equilíbrio, do homem civilizado, enquanto o dionisíaco se vincula ao mundo da embriaguez, das festas orgiásticas e à

---

<sup>44</sup> BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Tragédia hoje: a contemporaneidade do arcaico*. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de et al. (Org.). *Assim falou Nietzsche II*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p. 59.

<sup>45</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *O Nascimento da tragédia*, p. 27.

natureza. Mas, tanto Apolo quanto Dionísio, na singular ótica de Nietzsche, são forças da natureza que levam a uma existência saudável, exuberante, não pautada na razão. A razão passa a ser um “atributo” humano que se contrapõe aos instintos a partir de um movimento iniciado por Sócrates e ampliado por Platão.<sup>46</sup> O povo helênico, anterior a Sócrates, ao criar a arte trágica, expressava a conjunção desses impulsos governados pelas forças apolíneas e dionisíacas. Na tragédia, o instinto dionisíaco e o apolíneo agem de forma conjunta; ambos se conjugam na mais profunda síntese das tendências vitais helênicas: o *amplexo* entre as forças apolíneas e dionisíacas gera a arte trágica que afirma a existência sem restrições. Nietzsche vai oferecer uma original interpretação de como se produz a conjunção entre impulsos inicialmente divergentes. A partir do coro trágico, que exprime o *páthos* da música dionisíaca, a multidão embriagada, em êxtase, em estado de encantamento, que se vê a si mesma como um conjunto de sátiros, tem a *visão* de um herói individual – isto é, uma figura apolinizada, individualizada -, que representa a presença, o aparecimento de tendências dionisíacas: as peripécias e o esfacelamento do herói mascarado traduzem o percurso de Dionísio, esse mascarado no palco é *visto* como o próprio deus Dionísio.

O encantamento é o pressuposto de toda arte dramática. Nesse encantamento o entusiasta dionisíaco se vê a si mesmo como sátiro e como sátiro por sua vez contempla o deus, isto é, em sua metamorfose ele vê de fora de si uma nova visão, que é a ultimação apolínea de sua condição. Com essa nova visão o drama está completo. Nos termos desse entendimento devemos compreender a tragédia grega como sendo o coro dionisíaco a descarregar-se sempre de novo em um mundo de imagens apolíneas.<sup>47</sup>

Segundo Nietzsche, a arte da tragédia surgiu do coro trágico, que originariamente ela era só coro e nada mais que coro. Quando a força musical dionisíaca se une à força do mundo onírico dá-se, o que Nietzsche chama, o trágico. A força impulsiva, desmedida, dionisíaca, em um processo de metamorfose, encontra-se com um novo elemento, a medida apolínea e entra em cena para apresentar a sua força máxima: a tragédia.

Esta concepção do trágico em Nietzsche, que aparece no seu livro inicial, *O Nascimento da Tragédia*, o acompanha em todas as suas obras posteriores, pois na

---

<sup>46</sup> Nietzsche vai discutir o aparecimento de uma cultura racional, ancorada em exagerado impulso para conhecer, a partir da tentativa socrática de não só conhecer o ser, mas “corrigir o ser”. Para o esclarecimento do surgimento do racionalismo socrático ver, principalmente, os capítulos 10 a 15 de *O nascimento da tragédia*.

<sup>47</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *O nascimento da tragédia*, p. 60.

concepção do trágico encontramos o seu pensamento fundamental a respeito da vida. Uma vida trágica é, para o filósofo, uma existência digna de ser afirmada em todos os seus aspectos, até nas circunstâncias mais duras e difíceis.<sup>48</sup>

Machado (1999, p.24) comenta o sentido abrangente da tragédia que pode tornar belo o que é medonho, que transforma a derrota em vitória, que mostra que justamente é possível atingir a vitória mesmo na derrota:

A tragédia é bela na medida em que o movimento instintivo que cria o horrível na vida nela se manifesta como instinto artístico, com seu sorriso, como criança que joga. O que há de emocionante e de impressionante na tragédia em si é que vemos o instinto terrível tornar-se, diante de nós, instinto de arte e de jogo... A forma mais universal do destino trágico é a derrota vitoriosa ou a vitória alcançada na derrota.<sup>49</sup>

Após esta caracterização do trágico em Nietzsche, dirigimos novamente nosso olhar à proposta da oficina de cinema da UNATI e à condição do velho. A problemática do trágico parece muito próxima na vida dos idosos. O contato com a doença, a decadência física, a desaparecimento de amigos e parentes e a própria proximidade da morte colocam o velho diante de situações limites, em contato com os aspectos mais difíceis da existência. Nesse sentido, a reflexão nietzschiana sobre trágico pode nos servir como um marco interpretativo para focar as questões do velho, do seu universo, das suas inquietações. É possível refletir sobre o idoso e seu vínculo com aspectos muito diversos da existência. Próximos da morte, mas isentos de participarem da produção, da concorrência, das exigências violentas de uma sociedade competitiva, eles podem cultivar outros aspectos da existência: a família, a amizade, o cuidado das crianças, o cultivo de suas memórias, novos contatos com a arte, com a natureza etc. Será a deles uma etapa trágica? Possivelmente, perto do final de suas vidas, eles podem enxergar, com a calma que outorgam os anos, a *totalidade* da vida, com todas suas contradições, belezas e paradoxos. Além do mais, a afirmação da vida, num momento próximo da morte, exige ultrapassar uma visão que os

---

<sup>48</sup> Barrenechea mostra como a tragédia acolhe gloriosamente todos os aspectos da realidade, até os considerados mais terríveis e medonhos: “No espaço trágico, a *alteridade* é celebrada: se a morte é gloriosa, se a dor é gloriosa, não há nada no universo que seja condenável. Os elementos medonhos do mundo não são *tolerados*, mas *consagrados*, pois não é possível o *próprio* sem o *outro*; a festa não é possível sem percorrer o sofrimento; a derrota antecipa o momento glorioso, aliás a glória está configurada por derrotas”. BARRENECHEA, Miguel Angel de. Espaço trágico: lugar das intensidades e das diferenças. In: GONDAR, Jô et al. (Org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 30-1.

<sup>49</sup> MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 24.

confina, uma cultura que os descarta por não responderem ao seu ideal *produtivista e mercadológico* do que seja uma vida para se *investir*. Na oficina, na nossa prática e na nossa pesquisa atual, percebemos que o velho, escolhe criar, rir, e investir em novas memórias, por isso, se defronta com circunstâncias duras, às vezes parece que o percurso de sua vida estivesse *destinado, determinado*. Mas essa opção abre novas portas. Eles não deixam para trás as dificuldades, essas permanecem, mas diante delas ostentam o riso, o esquecimento, uma memória que cria novas histórias, descrita por alguns idosos como a fase do leão.

(...) passada a fase do camelo - que é uma fase muito dolorosa, geralmente, para nós que somos da terceira idade, que guardamos muitas coisas, muitos valores, muitos conceitos e preconceitos...Ao vir para a aula (...) ai passamos para a fase do leão, não é!? E essa fase do leão é muito importante, porque a gente faz uma relação entre si, o passado e o presente e sente que está viva. Que tudo não passou de um passado, passou de uma fase da vida. Ou seja, passou a fase camelo, e que nós estamos vivas e que temos que continuar nossa caminhada. Isso é muito importante. É importante para o idoso, porque ele não pode se alimentar de um passado e vive em um presente. E esse presente logicamente nos trará possibilidades para que tenhamos uma vida melhor, uma relação melhor, compreendamos melhor - tanto os idosos quanto os jovens, porque nós temos que ir ao encontro dos jovens.<sup>50</sup>

A partir deste depoimento podemos interpretar, como foi dito acima, que investir em alguém que envelheceu, para a nossa cultura é pura perda de tempo, pois para ela tempo é dinheiro, e o idoso, como não é produtivo, não interessa para os parâmetros de uma sociedade devota das exigências do mercado. Superar esta visão e afirmar a sua vida, apesar disto, é realizar uma afirmação trágica. O que fez este idoso do relato? Ele almeja e afirma a tragicidade da existência, quando diz:

(...) passou a fase camelo, e que nós estamos vivas e que temos que continuar nossa caminhada. Isso é muito importante. É importante para o idoso, porque ele não pode se alimentar de um passado e vive em um presente. E esse presente logicamente nos trará possibilidades para que tenhamos uma vida melhor, uma relação melhor, compreendamos melhor (...)

Não estamos negligenciando aqui, como já foi assinalado, as transformações que ocorreram na atualidade em relação ao *status* e a imagem do velho, considerado um

---

<sup>50</sup> Décimo sétimo depoimento: Título III, 3'35"- 5'36".

segmento importante do mercado de consumo. Contudo, queremos frisar que a construção dessa imagem carrega contradições nas quais o componente trágico é anestesiado. Na atualidade, tenta-se transmitir uma ilusão de potência, de inúmeras possibilidades para o velho, que não se sustenta. A potência do idoso não reside nas imagens criadas para ele, pela sociedade, como sendo uma meta que ele deve buscar, mas na afirmação de sua vida, com suas dores e alegrias. A sua força decorre de sua trajetória vital e na maneira como constrói uma narrativa para ela, uma nova memória. Por isso, nosso interesse, neste capítulo é indagar como é gestada a memória e analisar as dores que marcam este nascimento. Essa memória será esclarecida não somente por nosso aporte teórico, mas sobretudo, pelo aporte da experiência trágica da vida dos idosos que participaram desta pesquisa. Partimos, portanto, de uma *positivação* do trágico; uma visão trágica não interpreta a velhice entendida como algo negativo ou como uma etapa da vida na qual o trágico aparece subitamente. Ao contrário, na visão trágica que adotamos conforme Nietzsche, o trágico está presente em nossas vidas desde o nosso nascimento e ele nos impulsiona para a criação de novos modos de existência, porém, talvez, nos idosos a tragicidade apareça com mais força em função do contato mais estreito com situações limites da vida como a doença, a morte, as perdas, a solidão etc.

Por este motivo, sustentamos que o fenômeno trágico se relaciona intimamente com essas existências. A interpretação nietzschiana do trágico será então um marco para nossa compreensão do processo desses idosos no seu percurso na oficina de cinema da UNATI.

Neste momento adotamos a interpretação de Machado, que, no livro *Zaratustra. Tragédia Nietzscheana*, afirma que a experiência trágica que perpassa toda a obra de Nietzsche tem como objetivo fundamental tornar vivível a ferida da existência através da música e do mito e “justifica a existência do pior dos mundos transfigurando-o”. Ao mesmo tempo, o filósofo denuncia o mundo moderno, entendido como uma civilização socrática, isto é, racionalista, anti-artística, antivital.<sup>51</sup>

Para concluir esta abordagem da questão do trágico, no pensamento nietzschiano, aos efeitos de estabelecer relações desse fenômeno com a condição dos idosos, apresentamos uma importante reflexão de *Crepúsculo dos Ídolos*:

---

<sup>51</sup> MACHADO, Roberto. *Zaratustra Tragédia Nietzscheana*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.12-13



Pois somente nos mistérios dionisíacos, na psicologia do estado dionisíaco, expressa-se o fato fundamental do instinto helênico - sua vontade de vida”. Que garantia o heleno para si com esses mistérios? A vida eterna, o eterno retorno da vida; o futuro, prometido e consagrado no passado; o triunfante Sim à vida, acima da morte e da mudança; a verdadeira vida, com continuação geral mediante a procriação, mediante os mistérios da sexualidade...Na doutrina dos mistérios a dor é santificada: as “dores da mulher no parto” santificam a dor em geral-todo vir-a-ser e crescer, tudo o que garante o futuro implica a dor...Para que haja o eterno prazer da criação, para que a vontade de vida afirme eternamente a si própria, tem de haver também eternamente a ‘dor da mulher que pare’...A palavra ‘Dionísio’ significa tudo isso...O mais profundo instinto da vida, é nele sentido religiosamente-e o caminho mesmo para a vida, a procriação, como o caminho sagrado...Só o cristianismo, com seu fundamental ressentimento contra a vida, fez da sexualidade algo impuro: jogou imundície no começo, no pressuposto de nossa vida...<sup>52</sup>.

Nietzsche, desde o início de sua obra, foi um crítico mordaz de tudo aquilo que atenta contra a vida e seus impulsos mais poderosos. Esta proposta se mantém até o final de sua produção. Assim, vemos em *Crepúsculo dos ídolos*, de 1888, o seu último ano produtivo, uma valorização do fenômeno trágico e uma correlativa crítica ao cristianismo. No parágrafo aludido acima, ele destaca o valor fundamental que possuem os instintos, como sendo forças potencializadoras da vida. Todos os aspectos corporais são essenciais para a expansão da existência, até a dor é celebrada, já que faz parte da vida e de suas potências criadoras. A exaltação das dionisíacas, nos rituais helênicos, valorizando e *santificando* todas as dores do parto mostram que não há *máculas* na existência. Ao contrário, a procriação, a sexualidade, as dores correlativas são preciosas, *santificadas*, para que a existência se manifeste de forma perene. A dor não é uma objeção à vida, ao contrário, é uma das possibilidades para criar, para experimentar a expansão de potência, o prazer. O autor mostra a atitude diametralmente oposta do cristianismo, que no seu mito inaugural no livro do *Gênesis*, considera a sexualidade vinculada ao pecado, à *queda* do homem, a sua perda de uma suposta *pureza* originária. O cristianismo evidencia o seu ressentimento contra a existência, contra o seu passar e sua finitude, colocando a culpa, o pecado e a dor como estigmas da existência terrestre. A diferença com a piedade helênica é evidente, a doutrina *misteriosófica* dionisíaca diz um sim irrestrito à existência; na figura

---

<sup>52</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*, “O que eu devo aos antigos”. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p. 105-106.

das sofredoras dionisíacas celebra o mistério da vida na sua totalidade. Essa celebração acolhe até a dor, até valoriza o sacrifício para gerar, para criar permanentemente:

O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos: a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos-a isso chamei dionisíaco, nisso vislumbrei a ponte para a psicologia do trágico.<sup>53</sup>

Introduzimos alguns aspectos do pensamento nietzschiano sobre o trágico que serão importantes para aprofundarmos a condição dos idosos na sua relação com a arte, na oficina da UNATI. Também focalizamos alguns desdobramentos da visão crítica nietzschiana sobre a cultura socrática-platônica que visa implantar um ideal de verdade baseado em valores morais, numa proposta de instaurar uma racionalidade a qualquer preço, pretendendo não só *conhecer o ser, mas corrigir o ser*. Para isso, esse movimento anti-trágico teve que inventar um mundo sem falhas, um além-mundo, supostamente eterno, perfeito, imutável. Em prol dos valores desse utópico além, a vida, o corpo, os instintos, a existência terrestre como um todo, foram desqualificados. Na esteira da interpretação nietzschiana do devir da cultura ocidental, após o movimento socrático-platônico, que se consolidou na concepção religiosa judaico-cristã, focalizaremos uma das conseqüências marcantes de uma cultura anti-trágica: a exaltação exagerada da memória, a rejeição do esquecimento, o estímulo a uma visão ressentida da existência. Como apontamos inicialmente, na *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*, poderemos focar a crítica nietzschiana ao exagero de história e de memória, a sua valorização do esquecimento entendido como energia plástica e salutar. A questão da memória, do ressentimento e do esquecimento também será abordada no importante livro *Genealogia da moral*.

A partir desses textos, discutiremos, também, a valorização do modo de ser camelo – isto é, conservador de valores, carregador de pesos – presente em grande parte do percurso histórico-cultural do Ocidente. No decorrer da cultura judaico-cristã podemos ver como o trágico foi e continua sendo negado em nome da razão, em nome de uma transcendência, de um suposto além. Para isto, focalizaremos a Primeira Dissertação de

---

<sup>53</sup> Ibidem, p. 106.

*Genealogia da Moral*, na qual Nietzsche realiza uma exaustiva análise dos sentimentos de ódio e vingança gerados pelo ressentimento, resultante de uma visão anti-trágica, anti-vital.

Nessa dissertação, será importante analisar o aforismo 10, dez, da Primeira Dissertação de *Genealogia da Moral*, que é muito significativo, pois nele o autor faz uma descrição minuciosa do surgimento do ressentimento, entendido como manifestação de vida fraca e reativa:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” - e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores - este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para dentro para si - é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto - sua ação é no fundo reação. O contrário sucede no modo de valoração nobre: ele age e cresce espontaneamente, busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão-seu conceito negativo, o “baixo”, “comum”, “ruim”, é apenas uma imagem de contraste, pálida e posterior, em relação ao conceito básico, positivo, inteiramente perpassado de vida e paixão, “nós, os nobres, nós, os bons, os belos, os felizes!”.<sup>54</sup>

Nesse parágrafo, Nietzsche apresenta alguns conceitos que são importantes para o entendimento do ressentimento e da inversão de valores efetuada pelos fracos. O autor mostra que os criadores de valores são indivíduos fortes, saudáveis, afirmativos; eles têm a capacidade de criar, de dizer “sim”, de impor sua vontade, eles instauram valores. Já os fracos, aqueles que não têm a capacidade para *agir*, para impor suas forças, resta-lhe *reagir*: eles se opõem aos fortes, eles planejam uma vingança imaginária, uma reação. O seu ponto de partida é a *negação*, o confronto com os fortes, a rejeição e a inversão dos valores dos indivíduos saudáveis. Eles são *ressentidos*, reativos, vingativos. Assim, vemos, conforme a interpretação nietzschiana se configuram duas morais e duas tábuas de valores: a moral escrava e a moral nobre.

Para aprofundarmos esses conceitos alguns comentadores nos ajudarão a avançar nessa pesquisa. É importante o comentário de Barrenechea, no artigo “Nietzsche: a memória. O esquecimento e a alegria da superfície”. Nesse texto, são caracterizados,

---

<sup>54</sup> *Genealogia da moral*, I Dissertação, 10, p. 28-9.

conforme o método genealógico, os dois tipos de indivíduos: os aristocratas e os fracos sacerdotais. Também é comentado o abuso de memória que caracteriza esses últimos: os fracos, doentes ficam sempre ruminando o passado, planejando a vingança e a desforra, memorizando sempre aqueles atos que os marcaram, pelos quais se sentem lesados:

Em *Genealogia da Moral*, Nietzsche elabora uma tipologia pela qual diferencia, por um lado, os aristocratas, saudáveis, orgânicos, com capacidade de esquecer, de agir, de exprimir as novas forças violentas, sem previsão, nem cálculo, e, por outro, os sacerdotes, doentes, que ficam sempre ruminando os atos do passado, que calculam permanentemente, e que, incapacitados de agir, pensam em reagir, em vingar-se. Neste ponto, Nietzsche considera que os sacerdotes encarnam um tipo humano vinculado ao exercício contínuo da memória; eles vivem sempre cativos do ressentimento e da vingança.<sup>55</sup>

Nietzsche, em *Genealogia da moral*, vai delimitar os dois tipos de indivíduos – e as duas morais correspondentes –, conforme eles se situam diante da memória e do esquecimento. O tipo nobre, o aristocrata saudável, que tem a capacidade de agir, de se defrontar ativamente com todas as vicissitudes da vida, tem todas as condições para *esquecer*. Não precisa ruminar atos nem cultivar ódios, ele age espontaneamente, exprime sua potência, sua força e depois continua seu percurso para realizar novas ações. Totalmente diferente é a perspectiva do fraco, daquele que se torna ressentido. Nietzsche considera que os indivíduos mais memoriosos e, correlativamente, mais ressentidos são aqueles que têm uma feição sacerdotal. Os fracos ficam presos ao passado; o sacerdote é o memorioso por excelência que, como nada esquece, quer se vingar daquilo que considera uma injustiça. Ele tem uma grande capacidade para ruminar suas dores, para manter vivas suas feridas, anelando vingança – seja *neste* mundo ou no suposto *além* mundo –; essa expectativa contínua, esse viver na espreita o torna escravo das suas lembranças.

Este último tipo, o homem do exagero da memória, do ressentimento, de feição sacerdotal, pode ser relacionado ao estágio do espírito correspondente ao camelo das “Três metamorfoses”. Na interpretação deleuziana, o camelo ou o burro de *Zarathustra* (Deleuze identifica ambas as figuras) é uma figura reativa: “*Burro (ou Camelo)* - São animais do deserto (nihilismo). Carregam, carregam com fardos até ao fim do deserto (...) o seu *Não* é

---

<sup>55</sup> BARRENECHEA, Miguel Angel de. “Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície”. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de et al. (Org.). *Nietzsche e os gregos*. Arte, memória e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 40.

um falso não, um ‘não’ do ressentimento (...) carrega com o peso dos valores ditos ‘superiores’ à vida”.<sup>56</sup> Nesta perspectiva, o camelo é aquele que suporta pesos, o “tu deves” é o seu lema e está preso aos valores morais da religião, da metafísica. Ele é conservador, depende do passado, carrega-o tudo nas costas. Em outras palavras, além de carregar o peso dos valores, ele os conserva em uma memória pautada nos rígidos parâmetros instaurados por uma tradição milenar: “Memorioso, o camelo depende do passado, conserva o já instaurado: lembra tudo o que foi imposto”.<sup>57</sup> Contudo, mesmo que, neste momento da nossa dissertação, tenhamos adotado a interpretação que considera o “estágio” do camelo do espírito como um momento *reativo*, obediente, é importante levar em conta a interpretação de Ferraz que valoriza essa figura, que destaca a sua *força*. Essa interpretação sustenta que há continuidade entre a imagem do camelo e a do leão, que existe uma complementaridade entre esses dois momentos do espírito:

É nessa paisagem, procurada e criada por um espírito que manifesta e potencializa sua força de camelo, sua resistência aos mais áridos desertos, que se dá a segunda metamorfose. (...) o tornar-se leão é uma metamorfose do camelo, uma segunda mutação, que supõe e implica a primeira (o tornar-se camelo). Esses animais não se opõem de um modo simplista (..) há uma certa continuidade.<sup>58</sup>

Nessa dissertação, como salientamos, optamos (mesmo reconhecendo a importância da interpretação da ótica de Ferraz) por seguir a interpretação que considera o camelo como uma figura *reativa*, ressentida e até mesmo, como aponta Deleuze, uma imagem que sintetiza o espírito niilista da modernidade, presente na maioria dos relatos de vida dos idosos quando entram na Oficina de Cinema da UNATI, tal como: ***“Na nossa vida, com a responsabilidade que nós temos, na criação dos filhos, na evolução da vida, na contribuição nossa da família, já somos grandes camelos, porque carregamos muito peso nas costas.”***<sup>59</sup>

Esse relato nos faz retomar a análise nietzschiana do ressentimento, ainda no aforismo 10 da primeira dissertação de *Genealogia da Moral*. Vejamos como o sacerdote, o

---

<sup>56</sup> DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*, p. 35.

<sup>57</sup> BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: ContraCapa, 2005, p. 69.

<sup>58</sup> FERRAZ, Maria Cristina Franco, 2002, p. 30.

<sup>59</sup> Décimo Oitavo depoimento: Título III, 5’42”-7’36”.

fraco – que identificamos com o espírito do camelo -, é, diferentemente do nobre, um ser inseguro, desconfiado, que vive permanentemente na espreita, que olha os outros de través:

Enquanto o homem nobre vive com confiança e franqueza diante de si mesmo, o homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma olha de través, ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não-esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria.

Para Nietzsche, o espírito do ressentimento traduz o espírito de vingança, tornado-se uma distorção dos valores nobres. O ponto de vista do ressentido está inspirado em um mundo situado *fora* dele – ele inverte e inveja os valores nobres -; ele é incapaz de avaliar a partir de si mesmo, da sua força; ele não avalia, não cria valores, não diz “sim” a si mesmo como o aristocrata. O homem ressentido sustenta *contra-valores*, valores que invertem as apreciações do aristocrata. Segundo o autor, o homem reativo padece um sentimento de impotência, ruminando rancor e plantando amargura e doença na vida.

Machado nos ajuda a esclarecer o conceito nietzschiano de ressentimento:

O ressentimento é o predomínio das forças reativas sobre as forças ativas. O ressentido é alguém que nem age nem reage realmente; produz apenas uma vingança imaginária, um ódio insaciável...E nada consome mais rapidamente do que os afetos do ressentimento. O desgosto, a suscetibilidade doentia, a impotência em se vingar, a inveja, a sede de vingança, o envenenamento em todos os sentidos: eis para o homem esgotado o modo mais nocivo de reagir.<sup>60</sup>

A questão do exagero da memória como uma ameaça às forças vitais, como um atentado para a vida ascendente, já é abordada na primeira fase da obra nietzschiana. Para elucidar esse problema focalizemos a *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Nela, logo no primeiro parágrafo, encontramos uma importante análise da memória ligada a uma cultura histórica. Nietzsche será um crítico da exagerada valorização, principalmente no âmbito acadêmico e erudito, da ciência histórica, na Alemanha de sua época. Sem dúvida, ele está questionando a tradição hegeliana, que teve seu auge no Século XIX, outorgando uma importância fundamental ao devir histórico e, por conseguinte, ao conhecimento histórico. Essa tendência levou à exaltação desse

---

<sup>60</sup> MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*, p. 64.

conhecimento, muitas vezes em detrimento da vida presente; o olhar para trás parecia ter cativado os modernos que deixavam de lado o cuidado do presente. O excesso de história terá como consequência uma vida que degenera, uma existência pálida que cultua o passado, que deixa de lado as necessidades atuais; ao contrário, a saúde estará ligada a uma tendência *a-histórica*. A história, para Nietzsche, tem que estar a serviço da vida e não contra ela:

A história, uma vez que se encontra a serviço da vida, se encontra a serviço de um poder a-histórico, e por isto jamais, nesta hierarquia, poderá e deverá se tornar ciência pura, mais ou menos como o é a matemática. Mas a pergunta ‘até que grau a vida necessita em geral do auxílio da história?’ é uma das perguntas e preocupações mais elevadas no que concerne à saúde de um homem, de um povo, de uma cultura. Pois, em meio a um certo excesso de história, a vida desmorona e se degenera, e, por fim, através desta degeneração, o mesmo se repete com a própria história.<sup>61</sup>

Refletindo sobre esse parágrafo, percebemos como o excesso de memória, o abuso de história, pode oprimir o homem, um povo e uma cultura, tornando-os doentios. Para esclarecer o que Nietzsche define como *a-histórico*, voltamos a analisar o início deste parágrafo – que comentamos oportunamente -, no qual o filósofo emprega a imagem do rebanho pastando e, que, segundo ele, está ligado ao instante; esse rebanho vive mansamente o momento atual, sem melancolia, nem enfado, sem preocupações. O homem se admira do animal, pois ele não consegue essa calma, essa harmonia, já que para conseguí-la é necessário esquecer; capacidade que o homem parece ter perdido. “Assim o animal vive a-históricamente”, diz Nietzsche. Essa condição o torna pleno, sem vertigem nem medo. O homem, ao contrário, está *preso* às lembranças.

Quem pode se instalar no limiar do instante, esquecendo todo passado, quem não consegue firmar pé em um ponto como uma divindade da vitória sem vertigem e sem medo, nunca saberá o que é felicidade, e ainda pior: nunca fará algo que torne os outros felizes.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*. Da utilidade e desvantagem da história para a vida, p. 17.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 9.

Retomamos agora nossa análise da memória e o esquecimento no idoso, que participa da oficina de cinema da UNATI. Quando ele assiste a um filme, esquece o passado e se instala alegremente no presente, como fica evidenciado no seguinte depoimento: *“Tive muitos problemas e tudo...E todos eles são superados diante das aulas, que a gente sempre vem. Estamos sempre alegres, isso daqui é um ambiente muito bom e não falta mais nada. Só falta, agora, a gente, sabe, virar criança novamente, que estamos...”*<sup>63</sup>. A arte do cinema tem a capacidade de inebriá-lo e, neste instante, percebemos o quanto está feliz, o quanto faz os outros felizes.

A proposta da oficina visa a que, através do cinema, o idoso possa esquecer, momentaneamente, o peso de uma memória carregada e ressentida. Sempre destacamos, como caso paradigmático, aquele espectador idoso que, após o filme, disse **“Professora, acabei de oxigenar meu cérebro”**. Isto é, ele conseguiu deixar de lado um passado *poluído*, de memórias que *infeccionavam* os seus pensamentos e sentimentos. O oxigênio é o riso, é o esquecimento, é a alegria de viver, após ter descarregado os fardos do passado.

Esse velho, após assistir o filme, *joga fora o veneno* do ressentimento, e, em seguida, oxigena o cérebro, fica pronto para o novo, para gerar novos valores, para uma nova vida, se tornando semelhante – conforme a hipótese que vamos sustentar ao longo desta dissertação - à criança da “sabedoria zaratustriana”. Nas condições atuais, o velho que chega a uma idade avançada é deixado de lado, pois se tornou *improdutivo*. Numa sociedade que faz da juventude e da produtividade valores fundamentais, aquele que envelhece torna-se um *resíduo* social, algo *inútil*, uma carga, um peso; ao mesmo tempo, ele acaba por viver e por se sentir efetivamente um peso, chegando a se anular e anestesiando sua vontade, a renunciar aos desejos. Neste ponto, é importante aludir às reflexões de Caldas, em seu trabalho “Memória, Trabalho e Velhice. Um Estudo das Memórias de Velhos Trabalhadores”, quando sustenta:

Um homem não deveria chegar ao fim da vida com as mãos vazias e solitário. Se a cultura fosse um saber que se renovasse e se, através dela, o indivíduo pudesse ter sobre o seu meio algum poder, ele seria em todas as idades um cidadão ativo e útil.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> Sétimo Depoimento: Título I, 8’29”- 8’50”.

<sup>64</sup> CALDAS, Célia Pereira. *Memória, trabalho e velhice*. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores. Texto elaborado a partir da Dissertação de Mestrado defendida no IMS/UERJ, em dezembro de 1993, p. 129.



Nietzsche não nega a importância da memória, mesmo que em *Genealogia da Moral* ele evidencie a origem violenta, sanguinária com que a sociedade gerou no bicho-homem a necessidade de guardar lembranças, para evitar punições. Numa compreensão mais abrangente, veremos que, para o autor alemão, a memória só existe ligada ao esquecimento que é uma força ativa. Nessa dissertação, será fundamental analisar o papel do esquecimento e sua relação com a memória. O esquecimento terá sempre um papel *ativo*, criativo, será considerado um processo de *digestão psíquica*:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial] (...) mas uma forma inibidora ativa (...) no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar 'assimilação psíquica'). (...) Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência (...) um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo (...) eis a utilidade do esquecimento, ativo (...) espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta (...).<sup>65</sup>

Se a memória foi gerada para responder ao controle social, se a memória nasceu como memória social, o esquecimento pertence ao indivíduo, à sua capacidade de suspender as lembranças e, ao esquecer abrir passo para o novo, para a criação, para a leveza e para a *oxigenação* psíquica (lembramos do idoso que, após assistir um filme, exclamou “oxigenei meu cérebro”). O indivíduo precisa da memória para seu convívio social, para sua sobrevivência, mas é essencial para sua saúde, para sua alegria, para a renovação de suas energias mentais, “fechar temporariamente as janelas da consciência”; assim, o esquecimento não é uma falha, uma deficiência momentânea da faculdade mnemônica, mas uma *atividade salutar*. Para que haja novamente lugar para o novo, para zelar pelo equilíbrio psíquico, que não pode *absorver* exageradamente lembranças, é preciso *eliminar* excessos da memória, deixar de lado as lembranças sobrecarregadas; isso é garantia de “felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, *presente*”. Aquele que não pode esquecer, aquele que fica sempre preso ao passado, “no qual esse aparelho inibidor é danificado e deixa de funcionar pode ser comparado (...) a um dispéptico – de nada consegue ‘dar conta’”.<sup>66</sup>

Assim, para não estragar a saúde, para não tornar-se dispéptico, é preciso que o funcionamento psíquico desse indivíduo seja seletivo. E, esta seleção, segundo o autor, é o

---

<sup>65</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*, II Dissertação, I, p. 47.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 47-8.

que garante a força, a energia, a afirmação da vida. Neste ponto, vemos uma importante tese nietzschiana que tentaremos esclarecer ao longo dessa dissertação: nas funções mnemônicas não há *oposição* entre lembrar e esquecer, ambos os processos são complementares e necessários para a vida, para a saúde, para a alegria. É tão importante lembrar quanto esquecer. Para Nietzsche, a memória, quando as funções psíquicas apresentam-se saudáveis, se desenrola na alternância de lembrar e esquecer, e está ligada ao próprio fluxo da vida, às forças do afeto. Gondar esclarece que memória e esquecimento, longe de serem processos contrários, devem articular-se:

Admitamos então que o esquecimento é necessário, não apenas para a evocação da lembrança – só lembramos porque esquecemos – mas a própria constituição da memória. Pois uma coisa é a falha no exercício do lembrar-se – o esquecimento daquilo que já pôde configurar-se; outra, mais fundamental, é a exclusão necessária à produção desses traços. Para que uma memória se configure, se delimite, coloca-se (...) o problema da escolha (seja ela consciente ou inconsciente): entre tantos estímulos diferenciados que nos chegam do mundo, alguns serão investidos a ponto de se tornarem traços mnêmicos, ao mesmo tempo em que outros serão segregados, esquecidos, sem que jamais se tenham convertido em memória<sup>67</sup>

Esclarecer o processo pelo qual lembramos algumas experiências e esquecemos outras é uma questão complexa. Para tal, a autora tece diversas hipóteses, no trabalho citado. Na sua interpretação, resulta claro que as lembranças que registramos, que povoam a memória, surgem num plano afetivo, não apenas intelectual: aparecem no terreno dos afetos, dos encontros, das experiências que nos *marcam* e nos constituem, como diz uma idosa:

Aqui na UNATI, nós encontramos calor humano, encontramos amigos e que nos ensinam a viver a cada dia, para superar todos os problemas, Aqui na aula da Cris (...) são feita uma (sic) psicoterapia. Porque aqui nós conseguimos falar de nossos problemas, que estão lá dentro da gente, que muitas das vezes a gente não tem coragem de falar e aqui nós conseguimos falar.<sup>68</sup>

Este relato sublinha a importância de um processo de metamorfose: processo que vai do peso à leveza, ou seja, da carga ao afeto. Esta idosa, ao encontrar o que ela chama de

---

<sup>67</sup> GONDAR, Jô, 2000, p. 36.

<sup>68</sup> Quinto Depoimento: Título I, 5'27'' - 6'23''.

“calor humano”, pode revitalizar. Ela obteve coragem para conseguir falar o que se encontrava silenciado na sua vida. A potência dos encontros proporcionados pela Oficina de Cinema da UNATI suscita experiências que instiga os velhos a assumirem a sua condição de narradores de histórias, podendo, agora, afirmá-las. Ao perguntar a uma idosa por que motivo ingressou na UNATI, ela respondeu: “ **O encontro com outras pessoas.**”

Nesse sentido, podemos lembrar as palavras de Gondar quando afirmam, no artigo “Quatro proposições sobre a memória social”:

Não existem, contudo memórias fora de um contexto afetivo...De todas as experiências que nós vivemos no aqui e no agora, selecionamos, como impressões ou lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações...O que nos afeta é antes um encontro, uma palavra nova, uma experiência singular<sup>69</sup>

Essas reflexões de Gondar podem sintetizar muito bem este trabalho que há dez anos estamos realizando na oficina de cinema da UNATI. A partir dos encontros, das palavras, dos gestos, das expressões dos idosos, uma memória afetiva foi surgindo com toda a sua força, transformando cada encontro numa experiência única, totalmente nova. Ao mesmo tempo, experiências pesadas são esquecidas, *fardos* antigos são deixados de lado, acontecendo afetos, novos encontros, novas palavras, que permite a esses idosos “oxigenar o cérebro”.

Como vimos, neste primeiro capítulo, a figura do camelo simboliza o primeiro estágio do idoso na chegada à oficina: alguém que carrega pesos, que está sobrecarregado de lembranças pesadas e dolorosas e descobrimos, através de alguns depoimentos, que existe a possibilidade de valorizarmos a força do camelo e com isso levantar questões em torno da problemática que conjuga tragédia e velhice. Porém, apesar desta interpretação acerca da imagem do camelo tenha se feito presente e comprovada em alguns relatos nesse capítulo, consideramos o camelo como uma figura reativa e ressentida. Nesse ponto, adotamos a interpretação de Deleuze que vincula essa imagem de conservação e preservação de valores.

Por outra parte, sustentamos, conforme a visão de Nietzsche presente no seu *Zaratustra*, que há uma dança própria da vida, que sempre nos instiga a encontrarmos uma saída saudável diante uma memória carregada pelo ressentimento. É possível desenvolver uma memória ligada à força, que possibilitaria a leveza, a alegria, o esquecimento. Por isso,

---

<sup>69</sup> GONDAR, Jô. 2005, p. 25.

também, os últimos capítulos examinarão aquilo que aprendemos com estes velhos no plano de seus afetos e nas transformações operadas neles. Esses idosos criaram novas possibilidades de mudança, novas metamorfoses. Observando essas mudanças, no próximo capítulo, poderemos refletir sobre uma nova compreensão da memória: *o camelo sendo sempre uma possibilidade de se chegar ao leão*, isto é, a passagem das lembranças pesadas, do ressentimento, para uma lembrança da força, da vontade leonina que diz, mesmo face as normas rígidas do passado, “Eu quero”...

Analisemos, agora, o momento leão de nossos idosos...

## CAPÍTULO 2

# A MEMÓRIA E UMA OUTRA FORMA DE LIDAR COM O PASSADO: A MEMÓRIA E A FORÇA

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos  
edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
prefeririam (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> DRUMOND DE ANDRADE, Carlos. *Meus ombros suportam o mundo*. Completar, colocar nas referências

## 2.1- CENA 2: O velho descobre sua potência : O momento do leão.

Bom, as amigas falaram do camelo. Se eu for falar do meu camelo, meu camelo é muito pesado, gente. Não parece, né? Porque eu sempre digo se eu já velha, eu não me lembro. Mas, o meu camelo começou... Eu me casei muito cedo, eu me casei com quinze anos. Com dezoito anos eu já era mãe. Eu hoje, atualmente, tenho uma filha de sessenta e dois anos, que é uma grande filha. Mas aquele camelo que eu carreguei, logo assim que eu casei, foi muito pesado. Mas eu segurei, porque eu tive um marido que me deu um 'cado de trabalho. É aquela coisinha que não para em um emprego, tem o vício da bebida... Então, eu segurando tudo. Fazia bijuteria pra vender na rua da Alfândega, pra ganhar um dinheiro e ganhei. Criei a minha filha, hoje ela é uma grande psicóloga. E eu estou aqui. Foi ela que me trouxe para cá. Ela leu no jornal e disse: 'mãe, ó que coisa boa pra você fazer'. E eu vim com ela aqui fazer a minha matrícula, isso no ano de '95. Hoje eu estou com... Vou fazer oitenta e dois anos. Hoje eu sou um leão, hoje eu enfrento. Mas aquele leão, que tem horas em que é criança, mas tem horas que eu tenho que ser leão. Mas a minha criança fala mais forte. E eu estando aqui, junto com as minhas amigas, a criança continua. E sou bela e faceira... E não quero crescer mais. Eu quero continuar criança. Mas se precisar ser leão, eu vou ser leão, também...(...) A maior alegria, pra mim, é quando a minha professora diz: "eu preciso que você vá fazer o Carlitos". 'Estamos aí!' Bigodinho... (risos) E sou muito feliz. Gente, isso aqui é demais. Não me tirem daqui, se me tirar vai ter que depois falar com Papai do Céu porque é que você me tirou daqui. E se acabar a UNATI, é como diz a minha amiga, nós vamos acabar juntos. E ninguém que acabar, não vai se acabar. Um beijo no coração pra vocês.<sup>71</sup>

Este capítulo começa com um depoimento, porque, conforme veremos, além de ele expressar um processo de transformação na memória desta idosa, foi também um marco para na mudança de perspectiva do grupo de idosos, influenciando também a própria pesquisadora. Essas palavras condensam, a um só tempo e de maneira cristalina, o sentido vital do momento leão das *Três Metamorfozes* e sua relação com o cinema chapliniano.

Convém destacarmos que, no primeiro capítulo, assinalamos que a figura do camelo retratava o momento do ingresso do velho na UNATI, quando carregava pesos e agruras do passado, encontrando-se impossibilitado de criar e de brincar com a vida porque se sentia escravo de uma memória marcada por inúmeras interdições e limitações que podem sintetizar-se com a fórmula: TU DEVES.

---

<sup>71</sup> Décimo Segundo Depoimento: Título 1, 18'56" - 20'46"

Essa imagem do camelo nos levou a pensar que o velho, nesse momento, suportava a vida, e, embora tivesse força para carregar os fardos, o peso da história que ele construiu a partir desta “modalidade do espírito” envergava-lhe os ombros: ele ainda não conseguia afirmar sua história porque só podia lembrar dos pesos da existência de forma ressentida, reativa.

Esse momento de chegada do velho na UNATI mostra que ele ainda não conseguia transformar os pesos em força de vida, em capacidade de criar inerente à vida. Expressava, portanto, uma dinâmica passiva de aceitação.

Após a entrada na oficina de cinema da UNATI, observamos, a partir dos seus relatos, que ocorrem mudanças significativas nas perspectivas destes idosos, nas suas atitudes vitais. Eles descobrem a potência que têm, reavaliam sua relação com o passado, quando questionam sua condição de carregadores de pesos e buscam enfrentar as mágoas e os ressentimentos afirmando o EU QUERO (a máxima que sintetiza a atitude do leão). Com isso, eles se propõem uma mudança substancial face ao passado, quebrando a rotina, enfrentando as suas antigas mágoas e ressentimentos. Isso fica claro no depoimento acima, no qual a idosa lembra da sua metamorfose a partir do encontro com a oficina de cinema da UNATI. Esse caso, em particular, merece ser analisado mais detalhadamente.

Um dia, chegando para ministra uma aula na oficina, fui impedida de entrar na sala pelos alunos. Num primeiro momento, brinquei com eles, dizendo: “O que é isso? Uma rebelião?” Mas, aceitei e fiquei aguardando, fora da sala, até eles me chamarem de volta. Não sabia o que estava acontecendo lá dentro. Após uma espera de aproximadamente quinze minutos, eles me convidaram a entrar na sala. Fiquei muito alegre e emocionada ao ver a minha sala de aula transformada num verdadeiro cinema, com direito a tela e tudo mais! A sala estava escura e, num dado momento, uma música começou a soar:

Vidas que se acabam a sorrir  
Luzes que se apagam, nada mais  
É sonhar em vão tentar aos outros iludir  
Se o que se foi pra nós  
Não voltará jamais  
Para que chorar o que passou  
Lamentar perdidas ilusões  
Se o ideal que sempre nos acalentou

Nesse momento entrou Dulce (a aluna do depoimento de abertura) vestida de Carlitos. E, começou a dança chapliniana... A emoção tomou conta da sala. Tanto os alunos, como nós, professores, e a própria Dulce, nos transportamos para a tela de cinema que estava na nossa frente. E, assim, a memória do cinema chapliniano chegou até nós com toda a sua força. Nesse sentido, um comentário de Paulo Mendonça, emitido na época do filme *Luzes da Ribalta*, esclarece o valor dessa obra artística: “O filme é uma meditação shakespeariana sobre a velhice e a juventude, o teatro e a vida.”<sup>73</sup> Sem dúvida, velhice e juventude, teatro e vida, são questões que afetam profundamente os participantes da UNATI, por isso o filme teve grande impacto, suscitando fortes sentimentos e, além disso, reflexões em torno da problemática da velhice e da vida em geral.

Este momento, de intensa emoção, foi um marco no meu trabalho e, da mesma forma, teve grandes influências vida desta idosa. A partir dele pude constatar, de maneira concreta, uma das metamorfoses da memória, justamente no momento que esta se coloca a serviço da vida. Esta idosa, aos 82 anos, se descobre outra, ao *engolir* o Chaplin. Engolir, aqui, significa comer, mas este comer não tem o sentido de eliminar o outro, “mas(...)se alimentar da alteridade, colocando em funcionamento um dispositivo de variação infinita tanto do outro quanto do eu, que se expressa nesse caso como puro desejo de outramento”, conforme afirma Ferraz acerca da antropofagia.<sup>74</sup>

Sim, porque a partir daí o que era uma brincadeira, ganhou vida própria. O exercício de *outrar-se* lhe permitiu levar o seu Chaplin para outros espaços, a se apresentar em lugares públicos, transformando a sua vida, transformando a qualidade de suas relações e dos encontros com outros idosos. Dulce, ao adotar – *engolir* – Chaplin como seu outro, como seu personagem, como outra maneira de ser, de apresentar-se, pode adquirir também uma outra memória. Através da *máscara* de Carlitos, através dessa imagem tenra, irônica, cândida e crítica, conseguiu transformar – como num processo alquímico que mudasse

---

<sup>72</sup> Versão da música de abertura do filme *Luzes da Ribalta (Limelight)*. Composição: Charles Chaplin/ Versão: Antonio Almeida e João de Barro.

<sup>73</sup> MENDONÇA, Paulo. *Carlitos : um menino pobre cria uma arte nova*. Ed. Três. Coleção Hoje, 1975, p.213

<sup>74</sup> FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. *Nietzsche, a negatividade e a antropofagia: do cordeiro e da ave de rapina ao Jabuti*, 2007, p.309



qualquer metal em precioso ouro – suas velhas dores, seu cansaço de outrora, em alegria, em potência criativa, em sorrisos...

Além disso, conforme poderemos observar no depoimento abaixo, a metamorfose ocorrida em Dulce afetou outros, despertando-lhes a força do leão chapliniano.

(...) Isso mexeu com uma emoção muito forte. A primeira vez que eu vi o Chaplin, até eu tenho a mesma sensação de emoção. De ver uma pessoa, como a Dulce, fazer aquele trabalho maravilhoso. E agora, em qualquer lugar que eu vou, que eu vejo um trabalho assim, eu penso: ‘puxa, faltou o Chaplin, aqui’. E isso tudo a gente deve À Cris, que foi uma grande incentivadora desse trabalho teatral, desse trabalho de exposição de emoções. É muito interessante e eu tenho muito a agradecer à ela, também”.<sup>75</sup>

Para continuarmos esclarecendo as mudanças dos idosos, neste segundo capítulo, buscaremos estabelecer uma ligação entre o leão das *Três Metamorfozes* e o cinema chapliniano, a partir das experiências vivenciadas em sala de aula. Essas experiências nos remetem aos momentos em que assistimos juntos os seguintes filmes de Chaplin: *Tempos Modernos*, *O Garoto*, *Luzes da Cidade* e *Luzes da Ribalta*. Esses filmes, que destacamos no conjunto de toda a obra cinematográfica de Chaplin, foram os que mais emocionaram os alunos idosos. Observamos que, tanto os diversos aspectos da figura do personagem Carlitos (seus gestos, sua ternura, seu humor e, principalmente, a sua qualidade de trazer um universo cheio de delicadas emoções, de profunda humanidade), como as músicas compostas pelo cineasta para seus filmes, despertaram nos idosos algo que eles talvez tivessem esquecido: a sua *inocência no viver*.

O personagem “Carlitos-leão” de Dulce surgiu quando os próprios velhos solicitaram que outros filmes fossem exibidos na oficina de cinema. Naquele momento, percebemos que mudanças importantes poderiam estar acontecendo. Então, indagamos: Por que Chaplin? Começamos a esboçar a resposta quando lembramos que já havíamos observado, anteriormente, uma mudança na atitude dos velhos que começavam a manifestar suas vontades, seus desejos; eles abandonavam uma atitude passiva e começavam assim a demonstrar sua força. Eles tinham voz e vez e, sem que percebessem, estavam apostando na construção de uma outra atitude face à memória. Eles nos conduziram a adotar novas formas de relacionarmos. É importante frisar que anteriormente, de certa forma, quando

---

<sup>75</sup> Sexto Depoimento: Título I, 7’00” - 7’45”

escolhemos exibir filmes clássicos, como já dissemos no primeiro capítulo, nosso próprio olhar também vinculava o idoso ainda com a imagem de carregador de pesos. Eles resistiam a uma imagem que os limitava, que lhes impedia *andar*...e nós passamos a andar com eles.

Foqemos agora a imagem de Carlitos que tanto marcou a idosa Dulce, que emocionou profundamente à maior parte dos velhos, que os colocou diante de outras possibilidades de refletir sobre suas vidas. Para tal, lembremos que a imagem de Carlitos, de acordo com Mendonça<sup>76</sup>, construída a partir de um chapéu-coco, colarinho alto, fraque surrado, calças exageradamente largas que ameaçam cair, sapatos de palhaço de circo, bengalinha torta, boca um pouco torcida, no tique que o tornou mundialmente famoso, as sobrancelhas erguidas, o olhar perdido em divagações, expressam algo marcante. Carlitos tornou-se o símbolo do que o cinema como arte produziu de mais criativo, de mais comunicativo, de mais carregado dessa humilde e, ao mesmo tempo, tenaz e desafiante humanidade que é a marca do seu gênio incomparável. Essa descrição traz uma imagem muito abrangente, posto que Carlitos é um personagem que congrega aspectos de dor e alegria na maneira como apresenta a multiplicidade do homem, nas suas inúmeras profissões, nas suas diversas atividades. Carlitos aparece como uma figura que congrega os mais diversos ofícios, as figuras mais diversificadas. Essa figura jocosa, irônica, cândida e tenra, ao mesmo sofrida e alegre, calma e rebelde, congrega toda a humanidade:

Pugilista, pintor, dançarino, patinador, garçom, ator, dentista, carregador, porteiro, maquinista, repórter, violinista, bombeiro, simples imigrante, soldado ocasional, ilusionista consciente, falso pastor de almas, mineiro, músico ambulante, caixeiro, palhaço, minerador de ouro, atravessa entre fintas e piruetas, falsos sorrisos e abafados gemidos de verdadeira dor, todo o aprendizado do engano e da desilusão, todo o abecedário, menor e maior, do sofrimento humano (...) Atravessou todos os estágios da aprendizagem humana, sofreu todas as vicissitudes que nossa espécie conhece. Seu coração está irremediavelmente sangrando, como o nosso - esse nosso coração que, de início, só de ver sua figura - sua grotesca figura - mal podia conter o riso, mas que logo percebeu que estava rindo de si próprio, de seu sofrimento, do eterno sofrimento humano - da única coisa de que, humanamente, jamais teria o direito de rir.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> MENDONÇA, Paulo, 1975, p.10

<sup>77</sup> Ibid, p.21-22

A imagem de Carlitos traduz, ao mesmo tempo, melancolia e comicidade, que, num primeiro momento, nos permite condensar, na mesma personagem, o camelo e o leão e também uma leveza, que aponta para a criança. Sem dúvida, essa figura desloca qualquer marco conceitual; excede assim as imagens das três metamorfoses nietzschianas. Nela há resistência e conservação, como no camelo, força indômita como no leão, e candor, inocência como na criança. Com essa profunda abrangência compreensiva, possibilita que cada um possa construir seu Carlitos, como aconteceu com Dulce. Ela escolheu um Carlitos misto de leão e de criança.

Carlitos, num primeiro momento, está próximo do leão nietzschiano nos seus momentos de contestação contra uma moral, contra o peso, contra as formas de opressão, contra os valores capitalistas consolidados, contra um moralismo piegas de uma sociedade hipócrita etc. Por isso, no momento em que surgem as primeiras imagens do cinema de Chaplin o que estava acontecendo, de acordo com Mendonça, era uma profunda crise, uma profunda degradação de velhas regras, de antigos preceitos puritanos, todo um mundo ruía:

As velhas regras da sociedade, puritana e hipócrita, estalavam por todos os lados pedindo renovação, verdade, honestidade, sinceridade. Todo um mundo rachava, deixando perceber os primeiros sinais de novos dias, de realidades sociais e artísticas diferentes das anteriores. É nesse universo dividido e incerto, contraditório, que chegam as primeiras imagens da mensagem de Chaplin. Total irreverência, total espírito de verdade e inconformismo. Violento anseio por um mundo diferente, enraigado nas realidades mais profundas do homem, nas suas necessidades cotidianas. Absoluta simplicidade, absoluta verdade, absoluto abandono de tudo o que acaso seja artifício, hipocrisia, convenção, mentira.<sup>78</sup>

Após as ponderações de Mendonça sobre Carlitos, podemos pensar que ele apareceu, num momento de crise social, com força devastadora, com uma crítica feroz, *leonina*. Isso não seria semelhante à luta do leão contra o dragão? Lembremos que Nietzsche, quando apresenta o leão dirá que o grande dragão chama-se TU DEVES, ao qual o espírito do leão responde com o EU QUERO. Porém, prossegue Nietzsche, o dragão diz: “Todo valor já foi criado e todo valor criado sou eu”, portanto, não deve haver nenhum EU QUERO! Partindo desse conflito com o dragão, o filósofo indaga :

---

<sup>78</sup> Ibidem, p. 14-15

Meus irmãos, para que é preciso o leão, no espírito? Do que já não dá conta suficiente o animal de carga, suportador e respeitador?  
Criar novos valores - isso também o leão ainda não pode fazer; mas criar para si a liberdade de novas criações - isso a pujança do leão pode fazer.  
Conseguir essa liberdade e opor um sagrado não também ao dever: para isso, meus irmãos, precisa-se do leão.<sup>79</sup>

Nesse momento, o leão, símbolo da força e da resistência ao dever, às normas impostas pela tradição ocidental, pode articular-se com uma dimensão do personagem Carlitos que também resiste e combate a carga da moral de uma época marcada por uma sociedade que pesava e, com isso, rachava. Carlitos, segundo estas ponderações, num aspecto é *leonino*, aparece com uma firme vontade de contestar o estabelecido, o imposto, os abusos consolidados. Ele é pura rebeldia, objeção a um *statu quo* arbitrário, injusto, opressor. Ele sustenta um grande NÃO aos valores da tradição, às normas de uma sociedade hipócrita, puritana. Esse grande NÃO apresenta, por outra, uma vontade férrea, um desejo que não se esgota na negação, mas que apresenta um querer irrenunciável. Carlitos, como o leão do *Zaratustra*, é corajoso, iconoclasta; ele diz EU QUERO e não teme as punições do DRAGÃO que vê contestados os valores e normas ancestrais.

Retornando à análise dos idosos e de sua forma de lidar com a memória, podemos perguntar: não são eles, também, vítimas de uma moral e de uma culpa que os coloca na condição do camelo, carregador de pesos e que para lutarem contra isso precisam conquistar a metamorfose do leão? Esses velhos poderão deixar de ser cordeiros e se transformarem em aves de rapina?<sup>80</sup> O leão, junto com a águia e a serpente, são animais valorizados por Nietzsche. Vejamos como exalta a tarefa do leão, equiparando-a a um ato de *rapina*:

Conquistar o direito de criar novos valores - essa é a mais terrível conquista para o espírito de suportação e de respeito.  
Constitui para ele, na verdade, um ato de rapina e tarefa de animal rapinante.

---

<sup>79</sup> Das três metamorfoses.

<sup>80</sup> Nesse momento, lembramos de outra metáfora relevante da filosofia de Nietzsche. O autor, em *Genealogia da moral*, joga com a metáfora bíblica que valoriza o cordeiro – como sinônimo de paciência, passividade, não reação, o cordeiro chega até mesmo ser símbolo do filho de Deus: “cordeiro de Deus que lava os pecados do mundo” – e, por outra parte, questiona a imagem da ave de rapina que seria feroz, indômita, nociva. Na I Dissertação da *Genealogia*, Nietzsche produz uma sugestiva inversão da interpretação bíblica, valorizando justamente a ave de rapina, pela sua ousadia, sua força, e questiona o agir da ovelha, passiva, reativa, que julga e condena a força das aves de rapina. Cf. *A genealogia da moral*, I Dissertação, 13.

Como o que há de mais sagrado amava ele, outrora, o ‘Tu deves’; e, agora, é forçado a encontrar quimera e arbítrio até no que tinha de mais sagrado, a fim de arrebatá-la a sua própria liberdade ao objeto desse amor: para um tal ato de rapina, precisa-se do leão.<sup>81</sup>

A partir dessa interpretação do camelo e do leão, associadas à imagem de Chaplin, discutidas na UNATI mudanças significativas surgiram no grupo. Além das discussões em torno dessas interpretações, a análise e o debate sobre os filmes de Chaplin suscitaram transformações no grupo. A associação das imagens de Chaplin e do leão possibilitou aos velhos tomarem consciência de suas forças (a potência do leão) e de sua capacidade crítica (a mordacidade do Carlitos). Essa associação estimulou atitudes afirmativas, permitiu a expressão de afetos contidos, possibilitou o exercício da potência. Esses afetos passavam a convocá-los a um outro “estado de espírito” no qual pulsava a força leonina do EU QUERO, que surgia de forma espontânea, junto a manifestações de alegria. Os idosos adotavam uma atitude de afirmação e rebeldia, de crítica e desafio. Essa atitude nos remete ao próprio Chaplin, que, em agosto de 1924, disse a um amigo: “na criação duma comédia, é paradoxal, mas a tragédia estimula o sentido do ridículo: porque o ridículo, suponho, é uma atitude de desafio...”<sup>82</sup>

Nesse sentido, na figura de Carlitos encontramos a conjugação da revolta (própria do leão) e do riso. Mendonça<sup>83</sup> nos ajuda a esclarecer a dúlice mensagem de Chaplin que associa o riso e a revolta: “A mensagem de Chaplin, seu apelo ao riso como incentivo à revolta e busca de uma maior aproximação da verdadeira realidade humana, atingiu-nos num momento de intensa crise, moral e artística”. Neste ponto é importante frisar que, embora Chaplin tenha realizado parte de sua obra num momento de crise que levou a Primeira Guerra Mundial, o seu potencial criativo pode ser considerado atemporal. Ou seja, a imagem de Carlitos atravessa os tempos, a sua mensagem traz sugestões sobre todos os homens, de qualquer classe social, de qualquer condição econômica, política etc. Por esse motivo, os seus filmes afetam tão fortemente todas as idades, da criança ao idoso. Como já dissemos, a imagem de Carlitos foi marcante para os dos idosos, ela ficou nas suas memórias, nos seus relatos.

---

<sup>81</sup> Ibid

<sup>82</sup> MATTOS-CRUZ, José de. *Charles Chaplin: a vida, o mito, os filmes*. Ed. Veja, Lisboa, s/d, p.36

<sup>83</sup> MENDONÇA, Paulo, 1975., p.14.

A primeira vez que eu vi o Chaplin, até eu tenho a mesma sensação de emoção. De ver uma pessoa, como a Dulce, fazer aquele trabalho maravilhoso. E agora, em qualquer lugar que eu vou, que eu vejo um trabalho assim, eu penso: ‘puxa, faltou o Chaplin, aqui’<sup>84</sup>

Em função da força de transformação que surgiu nos idosos a partir do encontro com o cinema chapliniano, com seu personagem Carlitos, procuramos estabelecer aproximações com o conteúdo simbólico da imagem do leão no *Zaratustra*. A imagem de Carlitos, com todo seu humor e ironia, é também um símbolo de liberdade, de recusa a toda forma de opressão. Por isso, Carlitos, com todo o seu potencial libertário, pode associar-se claramente à atitude corajosa do leão que, conforme aparece no *Zaratustra*, almeja sua liberdade e deseja ser senhor de si mesmo: “(...) ali o espírito torna-se leão, quer conquistar, como presa, a sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto.”<sup>85</sup>

Conquistar a sua liberdade, ser senhor de seu próprio deserto, conquistar o direito de criar novos valores é aquilo que o leão almeja para que sua metamorfose lhe permita exercer sua autonomia, sua capacidade de escolher.

Esta metamorfose foi lembrada pelos idosos de forma persistente, afinal, o leão não tolera que algo ou alguém o submeta e, assim, contesta tudo, quer ser senhor de si mesmo, o Rei da sua própria vida. Ele não aceita imposições. O símbolo do leão sugere a libertação de qualquer imposição, de qualquer norma vinda de fora, do “tu deves”. A atitude leonina foi valorizada pelos idosos, essa imagem mexeu muito com eles, como podemos observar no seguinte depoimento:

(...) Depois, chegamos a UNATI, por determinados motivos chegamos até aqui, e aqui, parei na aula da professora Cristie e senti que aquele peso que eu trazia foi diminuindo. Eu fui me tornando uma leonina, com aquela força de dizer, de perguntar, de responder. Então, eu estava mais leve daquele peso do camelo e estava entrando na parte do leão, em que você tem vontade, pode e deve dizer aquilo que sente.<sup>86</sup>

Como podemos observar neste relato, a metáfora do leão convocou a potência dos idosos, mobilizou as suas potências criativas. Esse leão simboliza a possibilidade de sair de uma existência de camelo, de suportação, para uma vida “leonina”, na qual o peso é

---

<sup>84</sup> SEXTO DEPOIMENTO: TÍTULO I, 7’00” – 7’45”.

<sup>85</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Assim falou Zaratustra*, Das Três metamorfoses, p.44.

<sup>86</sup> Décimo Oitavo Depoimento: Título III, 5’42” - 7’36”.

deixado de lado para dar lugar à *leveza* decorrente da possibilidade de dizer o que sente e conquistar uma autonomia nas suas atitudes, de tornarem-se senhores do seu “próprio deserto”.

Nesse momento de suas vidas, o que podemos observar, ainda, é que os idosos deixam a passividade, que identificamos com o camelo, para conquistarem um tipo de força que resiste à pressão que a cultura impõe ao velho.

Esse é o espírito do leão construído a cada encontro na sala de aula, incluído nas experiências de vida desses idosos. Nesse momento, a ligação com Nietzsche surge quando eles potencializam as suas vivências, até as mais dolorosas.

Nietzsche também pode ser entendido como um filósofo-leão, ou filósofo iconoclasta, destruidor de velhas tábuas, de velhos “tu-deves”. Pois, esse pensador, como um grande crítico da modernidade, construiu as suas obras à marteladas, mostrando a todos nós a sua faceta de leão como uma força de resistência a uma cultura crepuscular e que clamava por uma transformação de todos os seus valores, uma *transvaloração de todos os valores*<sup>87</sup>.

Na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche dirá:

Apenas o excesso de força é prova de força (...) uma tarefa assim, um tal destino, compele a sair ao sol a todo instante e sacudir de si uma seriedade pesada, que se tornou pesada em demasia(...) Fazer perguntas com o martelo e talvez ouvir, como resposta, aquele célebre som oco que vem de vísceras infladas- que deleite para alguém que tem outros ouvidos por trás dos ouvidos- para mim, velho psicólogo e aliciador, ante o qual o que queria guardar silêncio tem de manifestar-se.<sup>88</sup>

O que Nietzsche pretende é martelar os ídolos eternos, não somente os de sua época, mas toda uma tradição de orgulho, vaidade e racionalidade tais, que aprisionam a vida em verdades, não havendo espaço para metamorfoses. Quando Nietzsche anuncia as três metamorfoses, ou seja, o camelo se transformando em leão e este, em criança para que a vida siga seu curso, não está propondo aqui um caminho linear a ser traçado, nem,

---

<sup>87</sup> A noção de *transvaloração de todos os valores* estará presente fundamentalmente nas últimas obras de Nietzsche. Ele sustenta que o Ocidente, após o crepúsculo de suas crenças e valores basilares, deverá renovar todas suas convicções, deverá criar parâmetros que afirmem a vida, a terra, o corpo, os instintos:

“*Transvaloração de todos os valores*: eis a minha fórmula para um ato de suprema autognose da humanidade, que em mim se fez gênio e carne”. Cf. *Ecce Homo*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. Por que sou um destino, 1.

<sup>88</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Crepúsculo dos Ídolos*, p. 7-8.

tampouco, uma verdade eterna a ser buscada. O que está em jogo é a vida com todos os seus tons e, no trabalho com os idosos, ao utilizarmos esse eixo temático, nos surpreendemos com o que a própria vida produziu outras possibilidades de compreender e interpretar, como veremos mais adiante.

A imagem do leão, na filosofia de Nietzsche, não está atrelada ao ressentimento, mas a *reação*. O leão é aquele que diz NÃO a tudo que o oprime, advindo do exterior. Como salienta Fink: “Ele luta contra o dragão milenar, contra os valores aparentemente objetivos” visando para si à liberdade, ou seja, “liberta a liberdade que dorme nele, supera a fase da não liberdade fundamental, da regulação da vida por meio de um sentido de vida dado de antemão e que ele tem que aceitar”.<sup>89</sup>

Zaratustra dirá: “Libertar-se, opor um não sagrado mesmo ao dever: tal, meus irmãos, é a tarefa que cabe ao leão...” E esta tarefa, este desejo de agir impulsionado por “um não ao dever” fica claro, quando os idosos, imbuídos desse espírito leonino abandonam a atitude do camelo e testam a potência do leão. Esse *páthos* de resistência, de luta contra a opressão fica manifesto no seguinte depoimento:

Eu, na minha vida já sofri muito. Quando eu vim de São Paulo pra cá, eu morava aqui no Maracanã. Sofri. Aí, quando eu tinha dez anos, eu fugi de lá, não sei dos meus parentes, não sei de ninguém... Aí ficava... Ia trabalhar em uma casa, me batiam, eu fugia. Ia trabalhar em outra, me batiam, eu fugia. Assim que eu vivi a minha vida. Depois, aí eu fui... Eu queria ser freira, mas eu fui lá no convento, não aceitavam preto, eu não tinha instrução... Eu disse: ‘sabe de uma coisa, eu vou fazer uma coisa: vou dar comida para os pobres, na rua’. Aí não tinha panela. Fazia em uma lata a comida, pedia a todo mundo, fazia comida para dar pro pessoal da rua. Aí, depois eu fui lá pra minha paróquia, comecei a ajudar a paróquia. Aí, eu deixava de comer a minha comida para dar para os pobres. Assim que eu fui.” (...) Até hoje eu sou assim, não ando mais porque a minha perna não deixa. Aí eu faço roupa pra dar pro pessoal do asilo, aí eu fa... ‘O que você sabe fazer? Doce?’ Eu digo: ‘sei’. Aí eu faço doce e começava a dar, mas agora, todo mundo: ‘você vende’. Porque é um dinheirinho, meu dinheirinho é pouco, porque eu fui trabalhar em uma lavanderia. Aí eu trabalhei muito, depois eu fui aposentada por causa da minha perna... Aí, agora eu tenho tudo o que eu quero. Tenho minha casa — minha casa, não, alugada, né. Mas aí eu tenho tudo. Mas aí eu fico dentro de casa, trabalhando. Eu não quero saber. Não vejo televisão, nada, eu fico costurando roupa. Aí eu faço meus docinhos, quem quiser comprar pra me ajuda, ajuda, quem não quiser... O que é que eu vou fazer, né!? E é só isso.” (...) **E aí eu sou uma verdadeira... Eu já fui uma verdadeira camela, agora, agora... Já fui leão, agora eu sou onça. (risos) Se mexeu comigo, eu respondo.**<sup>90</sup>

<sup>89</sup> FINK, Eugen, 1983, p.76-77

<sup>90</sup> Oitavo Depoimento: Título I, 9’33”-13’46”. Embora este depoimento já tenha sido utilizado no primeiro capítulo, resolvemos retomá-lo aqui porque ilustra bem as ponderações que tracemos a respeito da força do leão.



Neste depoimento é evidenciada a metamorfose vivida por essa idosa, que começou sofrendo como camelo, carregando valores cristãos: compaixão, piedade, culpa etc. Mas, ao mesmo tempo, nela encontramos uma força leonina que a levou a tentar se libertar desse estilo de vida, desses pesados fardos. Conforme ela apontou, conseguiu, pela sua determinação, pela sua capacidade de contestar as imposições, transformar uma vida de lamentos em uma vida criativa. Na sua peculiar forma expressiva, ela chegou até criar uma metáfora – a da onça – que de alguma forma se aproxima do leão de Nietzsche. Ela valorizou sua luta até chegar a dizer que, “mais do que um leão ela, agora, é uma onça”. Sem dúvida, essa enfática imagem da onça aproxima-se do sentido leonino que contesta todo e qualquer “tu deves”.

Pelo assinalado, encontramos nesse depoimento algo que vai além das imagens elaboradas por Nietzsche, pois a metáfora do leão é uma metamorfose anterior a uma invenção, a imagem da onça. Essa idosa utiliza-se de uma metáfora nietzschiana para criar a sua própria perspectiva de força e resistência. Inclusive a onça é outro animal, considerado símbolo de poder, mas que dá ênfase ao feminino. Ou seja, a força dela é feminina; na condição de fêmea, ela desenvolve a sua atitude de resistência, a sua capacidade de contestar as imposições externas, as interdições sociais.

Após esses depoimentos, é importante levantar novamente a questão que perpassa as nossas indagações nesse capítulo: Qual o significado da imagem do leão para os velhos? Como essa imagem intervém nos seus corpos? É importante frisar que o Leão pode ser entendido como símbolo da potência corporal muscular que lhes dá a força do tônus, que os coloca de pé, com o peito para frente, no cume da montanha e perto da luz. O Leão tira do seu corpo os pesos do Camelo e os coloca eretos com toda sua humanidade esguia, firme, com toda a força localizada nas pernas.

Segundo a Cris, passada a fase do Camelo — que é uma fase muito dolorosa, geralmente, para nós que somos da terceira idade, que guardamos muitas coisas, muitos valores, muitos conceitos e preconceitos... Ao vir para a aula da Cris, aí passamos para a fase do leão, não é!? E essa fase do leão é muito importante, porque a gente faz uma relação entre si, o passado e o presente e sente que está viva. Que tudo não passou de um passado, passou de uma fase da vida. Ou seja, passou pela fase do camelo, e que nós estamos vivas e que temos que continuar nossa caminhada. Isso é muito importante. É importante para o idoso, porque ele não pode se alimentar de um passado e vive em um presente. E esse presente logicamente nos trará possibilidades para que tenhamos uma vida melhor, uma relação melhor, compreendamos melhor — tanto os idosos, quanto os jovens,

porque nós temos que ir ao encontro dos jovens. (...) E as fitas, os cinemas, a presença mesmo da Cris, é muito importante. Porque ela passa uma força de afetividade para os alunos, que isso é muito importante na vida de um idoso. Porque a afetividade é algo que nos transporta de um passado para um presente, e de um presente para um futuro. Porque ninguém pode viver de um passo de um camelo, e nem, praticamente, de um leão. Nós temos que ter o equilíbrio, para vivermos a nossa vida e caminhar.<sup>91</sup>

A partir do relato acima, constatamos que o Leão, para os idosos, pode significar o salto para a vida, pode invocar o rugido da força e da liberdade. Essa metáfora representa o contato com a terra, com o chão, pois a figura leonina está fincada no solo, de forma sólida, firme, consistente. Dizemos isso, porque conforme o depoimento dessa idosa, fica claro que, na sua ótica, o ressentimento (associado à imagem do camelo, ao carregador de pesos) paralisa, não deixa o passado passar, a prende a memórias dolorosas. Ela quer *instalar-se* no presente e vivê-lo afirma-lo nas trocas, nos afetos que, por sua vez, lhe permitem avistar um futuro. Na conclusão de seu relato ela acaba dizendo que ninguém pode viver sendo um camelo nem sendo um leão e, sim, agindo de uma forma equilibrada entre as atitudes que sugerem as duas figuras. Parece que, para essa idosa, esse equilíbrio se encontra na afirmação da vida, isto é, não é possível ficar apenas na conservação, na lembrança daquilo que foi – como o camelo -, nem no exercício permanente de uma força que se opõe e contesta o passado – como o leão.

Observamos, pelos relatos, que os idosos entendem a imagem do Camelo como carga e peso e a do Leão como força, poder e resistência. Esse leão é, para eles, a metáfora de sua própria contestação à imagem que a cultura tem do velho. Então, podemos perceber que a saúde, para eles, reside na força do Leão: a recuperação da auto-estima, da potência é chegar a atingir o patamar do Leão.

A alegria e o riso surgem quando eles alcançam o estágio do Leão e, fazem referência com esta imagem, à força, à potência, à autonomia, a auto-determinação. Por isso, é importante pontuarmos, nesse momento da nossa análise, que o instrumental interpretativo que adotamos para estudarmos o percurso dos idosos na UNATI, através das figuras das “Três metamorfoses” do *Zaratustra*, não pode ser seguido de forma linear. O nosso estudo de campo, subsidiado pelos depoimentos dos velhos com que trabalhamos, evidencia que, para eles, as suas *metamorfoses* não passam necessariamente pelos três

---

<sup>91</sup> Décimo Sétimo Depoimento: Título III, 3’35” - 5’36”

estágios camelo, leão e criança. Posteriormente, veremos que, na sua ótica, a criança não seria o final do processo almejado em que sua memória estaria livre de pesos, prestes ao riso e ao esquecimento. Contrariamente, os velhos valorizaram o segundo estágio, do leão, e apresentarão objeções à imagem da criança.

Retomando a reflexão sobre a condição leonina da imagem de Chaplin, nos lembramos de Drummond, citado por Macedo, no seu artigo: *Carlos Drummond de Andrade e o Amor Fati de Nietzsche*<sup>92</sup>:

Quero destacar ainda em relação a essa noção da arte como transformação do peso em leveza, os versos que ele dedicou ao artista e homem do povo Charles Chaplin: “Falam por mim os que estavam sujos de tristeza e feroz desgosto de tudo, que entraram no cinema com a aflição dos ratos fugindo da vida [...], e te descobriram e salvaram-se.” Falam, através do poeta, os homens que estavam perdidos e descobriram a beleza. E foi o próprio Chaplin que nos disse que quem descobre a beleza, descobre tudo. A beleza como sentido maior da existência, mesmo diante do que há de irremediável e perdido.

A partir dessas observações, podemos desenvolver a tese que já apresentamos, ao abordarmos as Metamorfoses do *Zaratustra*. Na percepção dos velhos, o leão não seria a segunda metamorfose do espírito, mas a última, isto é, o patamar mais avançado do seu percurso na Oficina. O riso e o esquecimento estarão vinculados ao leão, não à criança. Nesse ponto, é importante acrescentar à nossa análise a figura de Carlitos que foi trabalhada junto com as metamorfoses do *Zaratustra*. Para os velhos da UNATI, há uma associação entre Carlitos e o leão, entendido como símbolo de força e resistência. No leão dos velhos, junta-se a ternura de Carlitos, aparecem nele – além da potência -, características próprias da criança: leveza, alegria, esquecimento. Neste ponto, revemos o uso das metamorfoses do *Zaratustra*. Os velhos reinventaram e repensaram as metamorfoses, a partir das suas vivências. Eles enxergaram Carlitos não só como resistência, mas, também, como imagem de pureza, ingenuidade, ternura. Considerando esta dimensão o seu aspecto afirmativo, podemos dizer que ele não é completamente semelhante ao leão, porque lhes sugere aspectos da criança de *Zaratustra*: alegria, riso, leveza, esquecimento.

Analisando os depoimentos dos idosos, constatamos que, com a figura do leão, eles se sentem crianças e podem esquecer. O leão, para eles, pode ser a criança. Esse leão nasce

---

<sup>92</sup> MACEDO, Iracema. *Carlos Drummond de Andrade e o Amor Fati de Nietzsche*, In: Rosa Maria Dias; Gaspar Paz; Ana Lúcia Oliveira. (Org.). *Filosofia e Arte Brasileira*. Rio de Janeiro: Uapê, 2007, p.130

junto às imagens do cinema e atija as suas memórias, porém, não mais carregadas, sofridas, mas leves e alegres. O cinema tem impacto nos seus afetos; afetos que podem ser narrados, ao recuperarem suas memórias, ao contarem sua vida de *outra forma*. Por outra parte, nessa experiência com cinema, surge a figura de Carlitos que promovo nos idosos os dois processos simultâneos: força e esquecimento. Portanto, na interpretação, nos relatos e memórias dos velhos Carlitos está próximo ao leão, mas também, da criança.

Por isso, agora é importante, lembrar uma bela passagem de Matos-Cruz falando de Carlitos:

Julgavam-no um palhaço e, na realidade, era um cavalheiro. Defendeu o direito do homem à alegria, aos sonhos, ao verdadeiro sopro de vida. E isso num momento em que uma máquina formidável se preparava para despedaçar a felicidade humana. Será ele o último poeta?<sup>93</sup>

A capacidade transfiguradora da arte, as suas potencialidades poéticas encontram-se em toda grande obra. Nesse ponto, Carlitos foi um grande poeta que sempre propiciará sentimentos, emoções e até mudanças, como nos velhos da UNATI. Num outro sentido, vejamos como toda grande arte conjuga sentimentos diversos. Vejamos o pensamento de Machado que reflete sobre a importância da expressão poética, particularmente da tragédia que exprime instintos que potencializam a vida:

Isso pode ser compreendido quando se compara seu Zaratustra com sua primeira obra, *O Nascimento da Tragédia*, cujo principal objetivo é a crítica da racionalidade conceitual através da apresentação da arte trágica, expressão das pulsões artísticas apolínea e dionisíaca, como grande estimulante da vida. Posteriormente, Nietzsche percebe a incompatibilidade entre o conteúdo da denúncia- a morte do trágico pelo saber racional- e a linguagem em que ela é formulada, mais próxima do racionalismo do que da poesia trágica, que ele pretende enaltecer, chegando mesmo a exclamar: Que pena eu não tenha ousado dizer, como poeta, o que tinha então a dizer: talvez eu tivesse sido capaz.<sup>94</sup>

Nietzsche, sempre foi, desde o início, um enaltecedor da arte. Segundo ele, a arte é curativa, tonificadora e transforma os piores sofrimentos da vida em remédios para a existência. Nesse aspecto, Chaplin teve a capacidade de conjugar, no seu cinema, aspectos divergentes do ser humano; assim, traduzindo o riso e o pranto, o luminoso e o sombrio se

---

<sup>93</sup> MATOS-CRUZ, José de, op.cit, p.106

<sup>94</sup> MACHADO, Roberto, 1997, p.1

aproximam desse espírito nietzschiano. Por outra parte, no trabalho com os idosos, utilizando a arte do cinema, esta idéia ganha vida, despertando-os para uma existência mais alegre, que não oculta, porém, aspectos sombrios da mesma, mas os transfigura através da leveza artística.

Quando Nietzsche cria o Zarathustra ele mostra que a existência pode ser artística, que a vida é uma obra de arte, e, assim sendo, refletirá poesia, mesmo na hora da dor. Por isso, ele se comunica assim, dançando, rindo, parodiando, poetizando, mostrando que a linguagem tem outras maneiras de expressão e que ela não é algo rígido, fixo (como a linguagem conceitual socrática), mas se dá no movimento. A linguagem artística é entendida como uma miríade de perspectivas, como se Zarathustra mostrasse a possibilidade de inaugurar um novo olhar sobre as coisas. Um olhar que destrói o que é verdadeiramente nocivo, isto é, aquilo que reduz o horizonte de existência, aquilo que já vem pronto, fixo, estagnado. Zarathustra questiona os que estão cansados do mundo, aqueles que iludem com promessas de uma existência além da vida: “Sofrimento e impotência – foi isso que criou todos os trasmundanos (...) Um cansaço que, num único salto, um salto mortal, quer chegar ao marco extremo, um pobre, ignorante cansaço, que já não quer nem mesmo querer: esse criou todos os deuses e trasmundos”.<sup>95</sup> A proposta de Zarathustra é totalmente diferente, num mundo que já não tem deuses nem fé em ultramundos, é necessário permanecer fiéis à vida, à terra, à alegria de existir.

Para aprofundarmos a imagem do leão vinculada à memória dos idosos, nos referimos à parábola intitulada “Dos homens Superiores” de *Assim falou Zarathustra*:

Quantas coisas ainda são possíveis! Aprendeí, portanto, a rir para além de vós mesmos! Levantai vossos corações, ó exímios dançarinos, bem alto, mais alto! Sem esquecer-vos, tampouco, do bom riso! Esta coroa do homem ridente, esta coroa de rosas entrelaçadas: a vós, meus irmãos, atiro esta coroa! Eu santifiquei o riso; ó homens superiores, aprendei – a rir!<sup>96</sup>

Nesse momento, Nietzsche está falando de Zarathustra quando aconselha os homens superiores (os homens modernos) a adotarem o riso, a verem o cômico da vida humana, mas, penosamente, para os homens superiores é difícil zombar de si próprios. Diante desse panorama, uma sombra negra se apossa da alma de Zarathustra. Na seqüência do texto,

---

<sup>95</sup> *Assim falou Zarathustra*, I, Dos trasmundanos, p. 48.

<sup>96</sup> *Ibid*, IV, p.297

Nietzsche compara o sofrimento dos homens superiores com o de Zaratustra e, enfim, com o seu próprio. Finalmente, no último discurso de Zaratustra, intitulado “O Sinal”, o filósofo apresentará a figura do leão ridente. Tal imagem é importante para a análise empreendida nesse capítulo, centrada na figura do leão de As três metamorfoses. Veremos que essa aparição do leão mostra diferenças com o símbolo leonino da primeira parte do *Zaratustra*:

“Que se passa comigo”? pensou Zaratustra em seu admirável coração; e sentou-se lentamente na grande pedra que havia perto da entrada da caverna. Mas, enquanto estendia as mãos a seu redor e por cima e embaixo de si, para defender-se dos meigos pássaros, eis que lhe sucedeu coisa ainda mais estranha: sua mão penetrou, sem querer, numa basta e quente madeixa de cabelos; ao mesmo tempo, porém, ecoou à sua frente um rugido – um brando e longo rugido de leão. “*Chegou o sinal*”, disse Zaratustra; e seu coração transformou-se. E, na verdade, quando tudo clareou em derredor, lá estava deitado a seus pés uma fulva e poderosa fera, que conchegava a cabeça em seu joelho e não queria, de tanto amor, afastar-se dali e procedia como um cão que volte a encontrar o velho dono. Mas não menos solícitos do que o leão eram, em seu amor, as pombas; e, toda vez que uma pomba resvalava pelo nariz do leão, sacudia o leão a cabeça e ria, admirado(...) Pois muito bem! O leão chegou, os meus filhos estão próximos, Zaratustra amadureceu, a minha hora chegou: - Esta é a *minha* manhã, o *meu* dia raiou; *sobe, agora, sobe no céu, ó grande meio-dia!*<sup>97</sup>

Comentando essa passagem, Fink afirma:

Ao superar a sua compaixão pelos homens superiores, Zaratustra atinge a sua maior e suprema maturidade; chega o seu sinal, o leão risonho com o bando de pombas, e ele entrega-se à sua obra, deixa a caverna “ardente e forte, como o sol da manhã que surge das montanhas obscuras”. A obra acaba assim. Não sabemos se Zaratustra parte para uma nova anunciação da sua doutrina ou para uma grande ação.<sup>98</sup>

A interpretação de Fink sobre o “leão ridente” de Zaratustra traz importantes sugestões para a análise da compreensão dessa figura pelos idosos da UNATI. Segundo o comentarista, o leão ridente surge no auge da maturidade de Zaratustra, quando ele deixa para trás o sentimento de compaixão pelos homens superiores e entrega-se a sua própria obra, deixando a sua caverna e dirigindo-se ao sol da manhã, num momento de total afirmação.

Será que esse “outro” leão pode nos ajudar para elucidar a compreensão dos velhos sobre suas próprias metamorfoses? Haveria um leão diferente daquele que se debate com o

---

<sup>97</sup> Zaratustra, O Sinal, p.379-381

<sup>98</sup> FINK, Eugen, 1983, p.126-127

dragão do “tu deves”, que pretende impor firmemente o seu “eu quero”? Haverá um leão doce, suave, leve? Conforme nossa análise e nosso trabalho de campo, é possível afirmar que na metamorfose operada na vida dos idosos haveria *dois* leões. O leão inicial que surge depois da entrada do idoso na oficina, vai dando lugar a um leão mais leve, não tão duro na sua resistência, mas, mais terno no seu enfrentar a vida. A delicadeza vai rompendo com a dureza reativa. Nesse ponto, o leão, esse leão dúplice – forte/contestador e leve/afirmador -, identifica-se à figura de Carlitos, também bifronte na sua humanidade: cáustico e rebelde, terno e inocente. Lembremos que os velhos, após assistirem muitos filmes chaplinianos, começam a enxergar outros aspectos dessa figura trágico-jocosa. O lúdico vai tomando conta dos alunos da UNATI. Nesse momento, eles desejam ver outros filmes. A inspiração de Carlitos convoca o riso e a chanchada. Carlitos se torna terno, inocente, esquecido. Há uma verdadeira metamorfose simbólica na sua compreensão das metáforas do Zaratustra. Eles vivem uma espécie de “metamorfose no leão”, que, agora, ri de si mesmo. O idoso ri, também, de si. Aqui ele esquece plenamente dos pesos do passado e encontra a criança para além da perspectiva nietzschiana como veremos no próximo capítulo. O leão, então, é duplo. Aprofundaremos estas ponderações no último capítulo ao abordarmos a criança das três metamorfoses.

Concluimos este capítulo com um depoimento que lembra, nas memórias de um idoso, a última metamorfose: *a passagem do leão para a criança*:

Tive muitos problemas, e tudo... E todos eles são superados diante das aulas, que a gente sempre vem. E estamos sempre alegres, isso daqui é um ambiente muito bom e não falta mais nada. Só falta, agora, a gente, sabe, virar criança novamente (...)<sup>99</sup>

---

<sup>99</sup> Sétimo Depoimento: Título I, 8'29 "- 8'50".

## CAPÍTULO 3

# O ESQUECIMENTO E O RISO PARA ALÉM DA CRIANÇA NIETZSCHIANA

Elevem os corações e as pernas, bons dançarinos,  
Alto, ainda mais alto! E não esqueçam o bom riso!  
A grinalda do deus que ri, grinalda de rosas,  
Eu a lanço a vocês, meus irmãos! Eu santifiquei o riso:  
Vocês, homens superiores, *aprendam*, portanto- a rir!<sup>100</sup>

---

<sup>100</sup> Assim falou Zarathustra, Do homem superior



### CENA3: O velho (re)encontra o riso

Neste capítulo buscaremos analisar um tipo de riso diferenciado que surgiu a partir do encontro dos idosos com o cinema da chanchada. Esse momento da oficina de cinema começou quando um idoso pediu para que fossem exibidos também filmes de chanchada, novamente atendemos ao pedido, sem ter uma noção ainda da potência de vida que nasceria daquele encontro. Além do mais, o foco principal desse capítulo consiste em analisar a relação desses velhos com um último estágio das transformações do espírito, apontadas no *Zaratustra: o devir criança*. Tentaremos esclarecer como os velhos, após a sua experiência com cinema na UNATI, consegue afirmar a vida, esquecer os pesos do passado, voltando a rir, a celebrar a existência. Vinculamos a figura da criança do Zaratustra – com a sua atitude de riso e de esquecimento – com a leveza satírica, o sorriso debochado e, por outra parte, inocente dos filmes da chanchada brasileira, exibidos nas aulas com idosos.

Numa dessas sessões de cinema de chanchada um idoso diz, após assistir aos atores Grande Otelo e Oscarito parodiando Shakespeare, no filme *Romeu e Julieta*: **“Professora, acabei de oxigenar o meu cérebro”** E, ao ser indagado pelo que sentiu, ele diz: **“Estou me sentindo leve”**.

Embora, num primeiro momento, pudéssemos pensar que a palavra cérebro aqui poderia nos remeter a idéia de uma memória atrelada ao neurológico, tendo em vista que há toda uma cultura que “neurologiza” e “medicaliza” corpos, ainda mais no caso dos idosos, consideramos que sua frase tem um outro impacto. O cérebro foi oxigenado pelo riso. Uma nova fala proveio daí: “estou me sentindo leve”. Para tentarmos desvendar essa afirmação, devemos perceber que, na fala do velho, não cérebro tem um sentido biológico, mas faz alusão ao corpo, à totalidade corporal. Embora esse idoso não tenha discorrido sobre esse ponto (a sua colocação foi totalmente espontânea), ele alude não só a uma “cabeça pensante” mas a toda sua existência, a todas suas vivências, a toda sua humanidade. Mesmo sem implementar explicitamente os conceitos nietzschianos (esse velho não leu *Zaratustra*), o cérebro aqui alude ao pequeno eu – a consciência -, dependente do grande eu – o corpo. A consciência (ou o cérebro, ou o espírito ou a alma) não é o centro do organismo, mas um meio, um instrumento de expressão desse corpo. Assim, o velho que

disse ter oxigenado seu cérebro quis apontar que oxigenou toda sua vida, todas suas memórias, isto é, a totalidade corporal, conforme ensina Zaratustra em “Dos desprezadores do corpo”.<sup>101</sup>

Agora focaremos a importância da comédia, especificamente das chanchadas, no seu impacto nas memórias dos idosos. Fomos percebendo, a partir do depoimento desse e de outros idosos, que, esse tipo de cinema, não suscita neles lembranças do peso, mas instiga à leveza e à alegria. Na tela cinematográfica só o riso comanda o espetáculo: a chanchada, com o seu humor quase sempre ingênuo, às vezes, malicioso e até picante, estimula a risada descontraída. Esse tipo de filme musical carnavalesco teve grande sucesso como entretenimento de massa. Na nossa experiência na UNATI, os velhos entusiasmaram-se muito com esses filmes, tanto quanto com os de Carlitos.

Lembremos que os filmes da chanchada tiveram um grande apelo, que convocou a assistência massiva do público brasileiro. Só a estupenda aceitação popular do gênero chanchada, definida como *comédia carnavalesca*, lhe asseguraria um lugar destacado na história do cinema brasileiro.

Para esclarecermos posteriormente o impacto desse gênero cinematográfico na memória dos idosos da UNATI, agora definiremos os traços mais relevantes da chanchada. Era um cinema carioca, surgido na metade do século passado, cujas músicas e atores, quase sempre comediantes, tinham um apelo popular muito grande já que todos eram oriundos da Rádio Nacional e do Teatro de Revista, dois meios muito freqüentados pelo grande público da época, incluindo nossos alunos idosos.

Em diversas definições a respeito da chanchada, como aponta Sérgio Augusto, em seu livro *Este mundo é um pandeiro: a chanchada de Getúlio a JK*, há interpretações preconceituosas a respeito desse gênero cinematográfico. Lembremos algumas delas. No Novo dicionário *Aurélio*, a chanchada é definida como: “peça ou filme sem valor, em que predominam os recursos cediços, as graças vulgares ou a pornografia.”<sup>102</sup> O cineasta Alex Viany, no final dos anos 1950, afirma que a chanchada é: “comédia popularesca, em geral

---

<sup>101</sup> Lembremos que, na introdução dessa dissertação, aludimos a “Dos desprezadores do corpo”, de *Zaratustra*, I, quando Nietzsche ele distingue entre o “ser próprio”, *Selbst*, o corpo como totalidade, *grande razão*, e o eu, consciência, alma etc. como *pequena razão*, dependente dessa totalidade: “‘Eu’, dizes; e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior, no que não queres acreditar – é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz o eu”.

<sup>102</sup> Dicionário Aurélio da língua portuguesa, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001, p.148.

apressada e desleixada, com interpolações musicais”. Já na fala do crítico e historiador Paulo Emílio Salles Gomes esse gênero é caracterizado como: “comédia popularesca, vulgar e freqüentemente musical”. Outro especialista no assunto, o escritor Jean-Claude Bernardet apresentou uma outra definição, não tão preconceituosa: “não sei o que é chanchada (...) acho que a chanchada é um nome geral que se dá a todas as comédias e comédias musicais de apelo popular, feitas no Brasil entre 1900 e 1960 mais ou menos, em que apareciam astros do tipo Oscarito.”<sup>103</sup>

No livro, *Oscarito: o riso e o riso*, Marinho estabelecerá uma relação entre Oscarito e Chaplin. Inclusive, ele compara os dois estilos de comédia, as duas possibilidades de riso, conforme o estilo desses atores. Essa distinção pode ser importante para nossa pesquisa aos efeitos de esclarecermos a relação dos idosos com o riso, com a memória e com o esquecimento. Sergio Augusto, em *Oscarito...*, no capítulo Um Urubu Malandro, assinala:

Neste equilíbrio instável entre o Brasil e a Espanha (Oscarito era espanhol), quando se comenta das supostas influências profissionais de Oscarito, costuma-se falar muito de um inglês, radicado na América, chamado Charles Chaplin. Talvez em função da origem circense e de um paralelo traçado entre o caminho *en dehors* de Carlitos e o passinho “urubu malandro” de Oscarito. Assim, como Chaplin, Oscarito nunca conseguiu arrancar, inteiramente, a máscara do *clown* herdada no circo, nem quando fez teatro de comédia. Mas as semelhanças param por aí - a não ser pelo fato de ambos serem imigrantes. Isso porque, embora Oscarito tivesse uma linguagem corporal parecida com a de Chaplin e ambos cultivassem um sotaque de raiz popular, o astro de *Luzes da Ribalta* aprofundava uma dose de patetismo e um tom de tragicomédia que não se encontra na contagiante alegria de representar de Oscarito.<sup>104</sup>

Como referimos no início do segundo capítulo, o riso chapliniano é um riso singular, um riso que provoca nos idosos um misto de alegria e melancolia. Na interpretação que estamos sustentando, esse riso chapliniano se aproxima do riso do leão nietzschiano, isto é, do riso do leão ridente do final de *Zaratustra*. Nesse ponto constatamos que, através das aulas, a risada provocada pelo personagem Carlitos, tem sempre um componente de ternura, que possibilita a *abertura* para o exercício do riso do leão ridente do último discurso do Zaratustra. É importante acrescentar que, o riso de Chaplin, não só se identifica com o leão ridente, mas também se aproxima da criança nietzschiana. É

---

<sup>103</sup> AUGUSTO, Sérgio, *Este mundo é um pandeiro: a chanchada de Getúlio a JK*. São Paulo: Cinemateca Brasileira: Companhia das Letras, 1989, p.?

<sup>104</sup> MARINHO, Flávio, *Oscarito: o riso e o riso*, Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 16.

importante aprofundarmos essas nuances do riso que terão impacto na relação dos idosos com suas memórias. É relevante refletir sobre o riso, o esquecimento e as figuras do leão e da criança, conforme propomos nessa dissertação, para interpretarmos a memória dos idosos da UNATI. E aqui, o riso da chanchada, a gargalhada descontraída, que contagia e que provoca nos idosos uma *oxigenação* da vida seria, nessa perspectiva, próxima do exercício do riso do leão ridente, ou seja, o leão, agora, ri de si mesmo. O idoso ri, também, de si. Nesses momentos de alegria, ele esquece plenamente dos pesos do passado; nessa instância poderemos constatar que a criança, na percepção dos idosos, coloca-se para além da perspectiva nietzschiana, como veremos neste capítulo.

Retomando a discussão sobre a chanchada e sua influência no percurso dos idosos da UNATI, observamos que as maneiras de apresentá-la a desqualificam enquanto gênero cinematográfico, talvez, porque sua proposta consistia em parodiar o *status quo* cinematográfico da época com a predominância dos filmes de Hollywood. E aqui é importante lembrar a pergunta formulada por Sérgio Augusto: “Mas, afinal, como era o Brasil que fazia fila para ver as chanchadas de Oscarito e Grande Otelo?” O próprio autor responde:

Era o país de Getúlio e de Dutra, de Getúlio e de JK, da Rádio Nacional e do Teatro Recreio, de Carmem Miranda e de Haydée Miranda, de Marlene e de Emilinha, dos bondes e dos lotações, do Rhum Creosotado e do mate Ildefonso, da Miss Cinelândia e da Miss Bangu,(...) da Revista do Rádio e da Cinelândia(...), do Gumex e do Fixbrill, do sabonete Dorly (o preferido dos heróis de gibi) e do sabonete Lever (o preferido por nove entre dez estrelas do cinema), de Marta Rocha e de Maria Esther Bueno, da boate Vogue e do Sacha's, do Night & Day e da Galeria Cruzeiro, de Walter Pinto e de Barreto Pinto, dos bailes do High Life e do chope na Taberna da Glória (...), da caneta Parker 51 e da lapiseira Eversharp (...), do Clube da Chave e do Clube dos Cafajestes, de Pelé e de Garrincha (...), da vitrola Silverstone e do televisor Zenith, do relógio da Mesbla e do relógio da Standard, da Panair e da PRK-30, do travesseiro ventilado Yankee e do XPTO. E, acima de tudo, da vontade de ser americano do norte e fazer sucesso em Hollywood.<sup>105</sup>

Ora, a chanchada ridicularizava, na época, uma certa imagem de um país de promessas e de ideais advindos dos Estados Unidos de América do Norte. O cinema que predominava no Brasil, naquele momento, era na sua maior parte norte-americano. Quando a chanchada começou a impor-se, ela busca quebrar esse predomínio sem “bater de frente”

---

<sup>105</sup> AUGUSTO, Sérgio, 1989, p.15

com a cinematografia então em voga. Por exemplo, quando a chanchada lida com os clássicos, realiza a caricatura desse gênero, mas questionado-o no interior do próprio gênero. Ou seja, os *engole* e depois os regurgita transformando-os em outra coisa, operando, portanto, um procedimento semelhante ao da paródia nietzschiana. A esse respeito, uma bela definição de Ferraz esclarece o sentido da paródia para Nietzsche, no artigo *Nietzsche, a negatividade e a antropofagia: do cordeiro e da ave de rapina ao Jabuti*. Consideramos que essa interpretação de paródia aplica-se à chanchada brasileira, que, em muitos casos incorporou os *outros* – os clássicos do cinema e do teatro, as comédias hollywoodianas etc. -, apropriando-se deles de uma forma original, isto é, de uma forma *outra*:

Comer, aqui, não implica eliminar o outro, mas ao contrário, se alimentar da alteridade, colocando em funcionamento um dispositivo de variação infinita tanto do outro quanto do eu, que se expressa nesse caso como puro desejo de outramento. O outro engolido permanece outro, esfacelando a própria identidade do mesmo, que aliás, nada mais é do que um estômago voraz (...) a antropofagia gera, assim, seu estilo original (bem ao gosto de Nietzsche) sob a forma de paródia. Com efeito, o movimento de deglutição, de apropriação do outro, do dominante, se realiza parodisticamente, de modo genial, no manifesto- que não se quer antropofágico, mas a realiza, sendo ele mesmo antropofágico. Eis como se expressa, no manifesto, a antropofagia: Tupy, or not tupy that is the question <sup>106</sup>

Os filmes da chanchada, exibidos e comentados na oficina, geralmente têm títulos que parodiam nomes do cinema clássico norte-americano, tais como: “Matar ou Correr”, paródia do filme americano “Matar ou Morrer”; “Nem Sansão nem Dalila”, paródia do filme bíblico “Sansão e Dalila”. Por sua vez, “Carnaval Atlântida” é uma paródia que escarnece do peso do saber, da seriedade, que, de um modo geral é convocada, pelos filósofos-camelos da tradição, para pensar e julgar a vida.<sup>107</sup> Segundo Nietzsche, na metafísica e na religião da *seriedade* encontramos um preconceito que coloca o riso e a alegria no lugar do não valor. A tradição filosófica racionalista, tomada pelo espírito de

---

<sup>106</sup> FRANCO FERRAZ, Maria Cristina, 2007, p. 309.

<sup>107</sup> Deleuze, ao interpretar o pensamento de Nietzsche, vai lembrar que o autor de Zarathustra questiona os pensadores da tradição que, longe de criarem valores e celebrar a vida, dedicaram-se a carregar fardos, afirmando valores superiores: “O filósofo avalia a sua vida segundo a sua atitude em suportar pesos, em carregar fardos. Estes fardos, estes pesos são precisamente os valores superiores. Tal é o espírito de peso que reúne no mesmo deserto o carregador e o carregado, a vida reactiva e depreciada, o pensamento negativo e depreciador”. DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 19.

seriedade, pelo peso, rejeita o riso e a alegria. A chanchada teve o mérito de brincar até com os filósofos sérios e solenes que renunciaram à alegria; ela fez do próprio espírito de peso e seriedade, justamente, motivo de riso e alegria. Nessa chanchada, “Carnaval Atlântida”, Oscarito interpreta um professor de História da Grécia chamado Xenofontes. A pompa tradicional dos pensadores clássicos helênicos é satirizada, quando, num determinado momento do filme, uma cena aparentemente *séria, filosófica*, se transforma parodicamente num grande baile de carnaval ao som de uma marchinha carnavalesca cantada pelo cantor Blecaute. Isto é, a seriedade se transforma em riso, a vida levada a sério, torna-se uma comédia.<sup>108</sup> Lembremos que Nietzsche, diante dos filósofos sérios, pesados, invoca o riso, um riso que liberta dos pesos da tradição metafísica e religiosa. Conforme aponta Deleuze, ao analisar a postura crítica de Nietzsche face essa tradição *pesada*, o fundamental é a

---

<sup>108</sup> Diversos autores discutiram a temática do riso e da alegria, como por exemplo, Henri Bergson e Clément Rosset. Nossa proposta é discutir o riso e a alegria em Nietzsche, mas, para que a singularidade desta proposta se torne clara, apresentaremos, de forma breve, alguns apontamentos do que Bergson e Rosset afirmam sobre o tema. O primeiro assinala que o riso revela um duplo aspecto do homem: ser um animal que sabe rir e um animal que faz rir e que há uma insensibilidade que acompanha o riso. Nas palavras de Bergson: “Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social (...) O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social”. O riso, na concepção bergsoniana, desmascara as engrenagens sociais, pois ele mostra o patético que habita em nós e, com isso, evidencia o risível. Além disso, o riso, para Bergson, tem por função a correção de uma mecânica sobreposta ao vivo no social: por isso o autor afirma que enquanto o ser vivo é uma pessoa, o dispositivo mecânico é uma coisa. “portanto, o que provocava o riso era a transfiguração momentânea de uma pessoa em coisa (...) Rimos sempre que uma pessoa nos dá a impressão de coisa!”. Maiores detalhes consultar Bergson, Henri. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p 3-6 e 42-43. Rosset, por sua vez, em *Alegria: a força maior* afirma que há uma incompatibilidade entre a alegria e sua justificativa racional, pois ela nos lança num regozijo que é possível sentir, mas impossível conceber, revelando um caráter paradoxal que tem conseqüências. A primeira diz respeito à essência da alegria, que é ilógica e irracional. Nas palavras de Rosset: “Para pretender ao sério e à coerência, sempre lhe faltará uma razão de ser confessada e dizível A língua corrente diz muito mais a respeito do que geralmente se pensa quando fala de ‘alegria louca’ ou declara que alguém está ‘louco de alegria’. Expressões deste tipo (...) exprimem a verdade mesma: não há alegria senão louca- todo homem alegre é necessariamente e a seu modo um desatinado”. A segunda, é que a alegria é cruel, “visto o descaso que ela opõe à sina mais funesta como as considerações mais trágicas. Não somente a alegria não é um caso de psicologia, que poria em jogo o ‘eu’ e implicaria o sentimento de felicidade pessoal, mas ela aparece ainda como indiferente a qualquer sentimento, provocando uma espécie de insensibilidade geral, um pouco comparável a “anestesia do coração” de que fala Bergson a propósito do riso.” E por fim, a loucura que ela gera acaba evitando que outras surjam. Maiores detalhes consultar Rosset, Clément. *Alegria: a força maior*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p.25-26. Consideramos aqui que a diferença com o pensamento nietzschiano em relação ao riso é que, para ele, o riso está para além do social e, portanto, além das relações humanas. O riso, para Nietzsche, compreende e ultrapassa o riso humano, pois é uma força que o liberta, como podemos ver na seguinte passagem do Zaratustra: “ Não mais pastor, não mais homem- um ser transformado, translumbrado, que ria! Nunca até aqui, na terra, riu alguém como ele ria! Maiores detalhes consultar *Assim falou Zaratustra*, Da visão e do enigma, p.168.

leveza, a criação, o sorriso: “Porque nada é mais oposto ao criador do que o carregador. Criar é aligeirar, é descarregar a vida, inventar novas possibilidades de vida”.<sup>109</sup>

Para continuar aprofundando o riso na chanchada, lembremos do filme de Oscarito e Grande Otelo, quando parodiam a cena do balcão, de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. A paródia, levada aos limites do exagero, desqualifica qualquer romantismo ou pretensão heroísmo no amor de dois jovens adolescentes. As figuras fogem completamente do estereótipo de adolescentes aristocráticos, belos, brancos e apaixonados. A cena coloca dois homens, um deles interpretando o papel da bela e romântica Julieta, que se afastam de qualquer modelo convencional de beleza, provocando uma verdadeira inversão dos valores estéticos tradicionais, escarnecendo das imagens de amor idealizado. A partir dessa situação, surge o imprevisível. Nessa ocasião irrompeu o riso daquele idoso que disse: “Professora, acabei de oxigenar meu cérebro”. Nesse instante, ele pode apreciar a cena-fora-da-cena, fora da moral e da chamada razão, por isso, consegue rir e se sentir leve. Sobre a seriedade do intelecto e sua distância da alegria do riso irrestrito, Nietzsche dirá:

O intelecto é, na grande maioria das pessoas, uma máquina pesada, escura e rangente, difícil de pôr em movimento; chamam de “levar uma coisa a sério”, quando trabalham e querem pensar bem com essa máquina – oh, como lhes deve ser incômodo pensar bem! A graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica “séria. E “onde há riso e alegria o pensamento nada vale”: - assim diz o preconceito dessa besta séria contra toda “gaia ciência”. - Muito bem! Mostremos que é um preconceito.<sup>110</sup>

Ora, o aluno, quando ri da cena da chanchada, não age como a “besta séria”, como os pesados homens da moral, da metafísica e da razão. Ele ri porque libertou seu intelecto da escravidão da racionalidade, das interdições da religião e da metafísica, das normas opressivas, das *toxinas* da cultura; ele se deixa levar pelo riso, permite-se escarnecer de si mesmo e da cultura. Assim, seu riso ultrapassa a pressão da moral e das tábuas de valores convencionais, levando-o ao esquecimento dessas normativas. Nesse processo, ele aciona a força plástica do esquecimento e *lança* sua memória para a criação de outros mundos, de outros valores fora de qualquer convenção conhecida. Surge, nesse idoso, uma nova forma de memória. Não mais aquela memória prisioneira das marcas de um passado congelado,

---

<sup>109</sup> Ibidem.

<sup>110</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *A Gaia Ciência*, aforismo 327.

estagnado. De acordo com Ferraz, essa é uma memória que, de “um passivo não- mais-poder livrar-se da impressão certa vez inscrita/gravada”, se metamorfoseia, pelo esquecimento, em “um ativo não-mais-querer- livrar-se”. Trata-se de uma memória seletiva na qual lembrar, agora “é um continuar querendo o já querido”, não estando em jogo a intencionalidade de uma consciência no agir. Trata-se de um corpo que quer, da sua vontade em ação, na “intensificação da vontade no tempo, de uma transformação da vontade em tempo, de uma apropriação do passando do tempo pela vontade”.<sup>111</sup> Portanto, a vontade aqui é capaz de articular aquilo que já foi, certa vez querido, com um querer que se projeta no tempo por vir e, neste ponto, ela se alia à alegria e à felicidade da criação.

No momento em que a paródia shakespeariana de Romeu e Julieta, encenada por Grande Otelo e Oscarito, tem impacto nos idosos, observamos que neles surgia um riso libertador. O velho jogava fora o fastio, o cansaço e começava a rir do próprio passado, do próprio presente: ria de si mesmo. Nessa paródia, o riso libertador nasceu porque Otelo e Oscarito “engolem” Shakespeare. Isto é, partem do autor inglês para mostrar outra mensagem, outras possibilidades, talvez apresentando uma visão sarcástica, um olhar brasileiro e debochado sobre um drama considerado universal. Trata-se de um riso para além das convenções e dos valores tradicionais. Que riso é esse? È o riso da metamorfose e só há metamorfose quando a memória abre-se à criação. Esse riso irrompe quando o idoso *nasce* novamente, quando ele torna-se criança que gargalha ao primeiro suspiro de vida (ao contrário da criança da cultura que chora ao nascer), gargalha de sopro de vida. Daí o velho dizer: “Professora, acabei de oxigenar o meu cérebro!” È o encontro com um riso libertador, com uma alegria descontraída, alheia a qualquer norma opressiva, a qualquer valor imposto. Nesse sentido, é possível dizer que o velho, através da paródia, *engoliu* um valor já fixado e criou um novo valor, porque ele pôde ser outro, ao tecer uma nova memória. Como sustenta Ferraz<sup>112</sup>:

A paródia faz o que diz: nela, a questão já não é a do ser ou não ser, mas a do ser outro, isto é, assimilar a cultura dominante para transformá-la em uma afirmação de si, em um constante e infinito jogo de máscaras. O dilema então deglutido desfaz-se, resolvendo-se em riso e alegria, e é devolvido à cultura de onde saiu curado de seu peso, de sua sóbria gravidade

---

<sup>111</sup> FRANCO FERRAZ, Maria Cristina, 2002, p.66-67.

<sup>112</sup> FRANCO FERRAZ, Maria Cristina, , 1994, p.310.



Ferraz, no parágrafo acima, estabelece um liame entre a paródia, a afirmação de si, o jogo de máscaras que leva ao riso e à alegria, através de uma grande transformação naqueles que participam desse jogo paródico. A paródia permite a leveza daqueles que brincam sem se levar a sério, daqueles que podem abandonar os pesos da cultura, os pesos das identidades, dos papéis que nos obrigam – e que também nos obrigamos – a desempenhar funções determinadas, fixas. A paródia desloca as identidades, coloca em xeque o habitual, nos lança a máscaras desconhecidas, invita ao exercício de *outrarmos*, de sermos alegremente os-outros-de-nós-mesmos: a mascararmos para além dos pesos da moral, da religião, da metafísica. Trata-se de um exercício que desrespeita a seriedade; no jogo paródico nada merece ser levado a sério, nada nos constringe, brincamos de forma irreverente, no jogo paródico são permitidas nossas *criancices*. Esquecemos totalmente das funções habituais, brincamos...Este jogo, na concepção de Nietzsche, é aquele que se efetua quando se exercita o esquecimento e a inocência característicos da criança. É o jogo da criação e de um novo começo. Zaratustra dirá, no percurso das Três metamorfoses, que o leão precisa ainda se transformar em criança, que é necessária ainda uma outra modificação do espírito para atingir nossa liberdade, nossa leveza. O espírito do leão está tomado ainda uma atitude de reação, de resistência, que depende de uma exterioridade que contesta. Qual será a diferença desse leão com a criança? Qual será a atitude da criança, nas metamorfoses do Zaratustra?

Mas dizei, meus irmãos, que poderá ainda fazer uma criança, que nem sequer pode o leão? Por que o rapace leão precisa ainda tornar-se criança? Inocência, é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer 'sim'.

Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso dizer um sagrado 'sim': o espírito, agora quer a sua vontade, aquele que está perdido para o mundo conquista o seu mundo.<sup>113</sup>

A criança é, para Nietzsche, a imagem daquilo que possibilita a criação, é o sagrado sim, no qual “o espírito quer agora a sua vontade” e com isso conquista o “seu mundo”. Esse processo de criação só se efetua quando se transporta fora do tempo, isto é, no esquecimento pelo qual toda possibilidade artística pode efetivar-se. Lembremos, conforme aponta Barrenechea, em seu artigo “Nietzsche e a genealogia da memória social” que o

---

<sup>113</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Assim falou Zaratustra*, As três metamorfoses.

esquecimento, para Nietzsche, surge quando conseguimos ruminar e digerir experiências, quando eliminamos *toxinas* que carregam o organismo. Se recordássemos continuamente estragaríamos nossa digestão psíquica. Nesse sentido, ser capaz de esquecer relaciona-se com o “tempo do metabolismo”. Por isso, Nietzsche afirmará que os espíritos “dispépticos” não dão conta de nada, não digerem e, portanto, têm uma imensa memória.<sup>114</sup> Por isso, ser capaz de esquecer é um sinal de saúde.

Barrenechea estabelece ainda uma articulação entre o tema do esquecimento com a imagem da criança das três metamorfoses, dizendo que quando o espírito se transforma em criança:

Afasta-se da conservação e da rejeição. Aquele que vivencia o *pathos* da criança não está atrelado ao passado, não depende dos valores da tradição. Eis uma bela imagem, uma metáfora do criador, daquele que se abre ao novo, instaura avaliações inéditas. Na imagem da criança, Nietzsche valoriza o esquecimento como condição fundamental de criar. Só esquecendo o que “já foi”, podemos habitar o presente. A criança é presentificação, espontaneidade, valoriza o aqui e agora (...) Ela glorifica o esquecimento, a afirmação do instante, a recusa dos pesos milenares de uma memória vinculada a culpas e torturas. A criança situa a memória em face do futuro e da criação. Lembrar, nesta perspectiva singular, liga-se não ao pagamento de dívidas, mas à leveza de reter apenas o necessário para gerar o novo.<sup>115</sup>

Este comentário acerca da imagem da criança que brinca de forma inocente, no pensamento nietzschiano, nos remete ao filósofo pré-socrático Heráclito. Nietzsche encontra muitas afinidades com esse pensador grego. Em seu livro autobiográfico, *Ecce Homo*, ao realizar um balanço de sua obra, ele tenta detectar suas afinidades teóricas; ele se considera muito próximo do filósofo helênico, com sua postura afirmativa, de plena aceitação da existência, com sua concepção do devir:

Permaneço-me uma dúvida com relação a *Heráclito*, em cuja vizinhança sinto-me mais cálido e bem-disposto do que em qualquer outro lugar. A afirmação do fluir e do destruir, o decisivo numa filosofia dionisíaca, o dizer Sim à oposição e à guerra, o *vir a ser*, com radical rejeição até mesmo da noção de “Ser”- nisto devo reconhecer, em toda circunstância, o que me é mais aparentado entre o que até agora foi pensado.<sup>116</sup>

---

<sup>114</sup> *Genealogia da Moral*, II Dissertação, 1, p.48

<sup>115</sup> BARRENECHEA, Miguel Angel, 2005, p.70

<sup>116</sup> *Ecce Homo*, O Nascimento da Tragédia, 3, p.64.

A partir dessas ponderações, é possível constatar que Nietzsche criou o seu Zarathustra sustentando uma visão lúdica e dinâmica da realidade, na qual podemos encontrar ecos da concepção de Heráclito. Afirmamos isso tendo em vista que na ótica do filósofo pré-socrático a realidade é vista como um grande jogo da criação, como um devir que se faz e se desfaz, como uma trama de forças em contradição incessante. Toda a existência responde a uma dinâmica contraditória, a um tempo contínuo e descontínuo, ou seja, de construção e destruição de forças, isto é, a realidade como um todo pode ser entendida como um processo *poiético* de auto-realização e auto-destruição. Esse é o jogo da criação, é o brinquedo da criança nietzschiana. Por isso, Nietzsche dirá que “o homem se inclui (...) entre os mais inesperados e emocionantes lances no jogo da ‘grande criança’ de Heráclito.”<sup>117</sup> Lembremos o relevante fragmento 52 de Heráclito, quando afirma: “Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado.”<sup>118</sup>

Em outras palavras, a realidade, para além de todas as visões metafísicas e religiosas que pretendem achar culpa, castigo etc. no universo, é *inocente*, como uma criança que brinca, como um jogo sem finalidade, sem prêmios e castigos, como um fazer-desfazer de pura gratuidade, mas de total alegria e intensidade.

Estas ponderações sobre a noção de jogo, criança e inocência do devir na ótica de Nietzsche e Heráclito são apenas comentários gerais, panorâmicos, de uma questão muito profunda que excede os objetivos dessa dissertação. Apenas sublinhamos algumas questões da imagem da criança para focarmos agora na problemática da criança nas Três Metamorfoses do *Zarathustra*. Nessa passagem da primeira parte do livro, o jogo da criação que surge junto à metamorfose do leão em criança, nos convida a pensar num homem que se transformou em criador. Trata-se de alguém que, vivendo inicialmente preso a pesos estabelecidos (numa existência-camelo), enfrentou-os, questionou-os e os deixou de lado (com a força do leão). Contudo, essas metamorfoses não foram suficientes. Foi necessário que o espírito-leão abandona-se toda rejeição, toda contestação, toda reatividade; foi necessário esquecer todos os pesos iniciais, aligeirar uma memória carregada, desistir de toda resistência, abandonar-se, assim, amorosamente ao devir. Em plena disponibilidade criadora foi preciso dizer sim a tudo o que existe. Foi preciso esquecer tudo o que já foi,

---

<sup>117</sup> *Genealogia da Moral*, II, 16, p.74

<sup>118</sup> Os Pensadores, *Os Pré-socráticos*, Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1973, p.90.

habitando o presente, brincando e rindo, celebrando o devir. Foi necessário o abandonado da força do leão, foi preciso tornar a ser criança. Nesse processo, cada um dos velhos que passou pela Oficina teve as suas vidas transformadas, eles brincam agora com a vida; após a sua experiência com a arte, com o cinema de Carlitos e da chanchada, eles esqueceram todas as suas dores, eles cultuam o riso e a alegria.

Esses velhos criam uma nova história, com valores surgidos na potência dos encontros e na vivência do *pathos* da criança. Lembramos, agora, com Fink, que o criador “não significa o homem do trabalho, mas o homem que cria jogando, que cria valores, que quer e possui uma grande vontade, que estabelece para si um objetivo, que ousa um novo projeto”.<sup>119</sup> Os idosos ganham autonomia, se sentem seguros para jogar com a vida, sem medo nem receios. Não podemos deixar de pensar que a velhice, como uma etapa em que fraqueja a sua saúde, voltar a experimentar a alegria e renovar a sua capacidade de brincar, lhes dá força, atiça suas potências, afasta lembranças nefastas. Eles esquecem a proximidade da morte, a fraqueza corporal, a espreita de doenças poderiam ser vividas de forma deprimente (essas lembranças eram muito presentes, na maioria, no início do processo). Eles perceberam que é possível o movimento contrário, quando as forças fraquejam, talvez seja o momento de afirmar com mais intensidade, de assumir desafios que, por outras exigências e urgências da vida, em outro momento, não puderam ser concretizados. Nesse sentido, uma idosa manifestou: “Outro dia, vindo para a UNATI, ouvi alguns jovens falarem no elevador que após os 50 anos não se serve para mais nada. Fiquei indignada e isto, me ajudou mais a querer viver”. Perante uma sociedade excludente que considera o velho um “resíduo”, algo inútil, o contato com a arte, com um grupo que cultua a arte e o riso, permite uma revalorização de si mesmo e da existência na sua totalidade.

Voltemos a analisar a imagem da criança, das Três metamorfoses do *Zaratustra*, da forma que é entendida pelos velhos. Embora, na perspectiva nietzschiana, a possibilidade de criação esteja simbolizada pela metáfora da criança e a força esteja vinculada ao leão, na experiência com os idosos, descobrimos que é possível *criar pela força*, porque ela se encontrava adormecida em seus corpos antes da chegada à Oficina. Chamamos aqui de criação o ato de inventar novas possibilidades de vida e, portanto, de produzir

---

<sup>119</sup> FINK, Eugen, 1983., p.80

conjuntamente uma nova memória que narra essa vida. Uma memória mais próxima dos afetos.

Assim, o que surge, em comum, de todos os depoimentos foi a percepção de que se operou nos idosos “deslocamentos no espírito”. Com isso estamos dizendo que houve deslocamento de perspectivas, fazendo-os deslizar do camelo para ao leão, do leão para a criança e algumas vezes retornar para o camelo, outras eles foram da criança para o leão e assim por diante. Estas oscilações só comprovam que tais momentos não são estanques porque, nascidos de um processo, são atravessados por forças que não se reduzem a uma interpretação evolutiva da vida, mas que constroem a vida o tempo todo. Com isso, novas memórias se instalam a partir de novos encontros que, por sua vez, possibilitam a criação de novos sentidos. Neles, não há uma prioridade em que se atinja a “perfeição”, como se a perfeição fosse o momento criança. O essencial, para os velhos, não é retornar a um momento idílico de esquecimento, a uma condição de criança. Isto contraria, de alguma forma, o quadro imagístico apresentado por Zaratustra, nas três metamorfoses. Para os idosos da UNATI, não há uma gradação que vai do camelo ao leão, chegando ao instante de maior afirmação, esquecimento e a alegria, com a figura da criança. Para eles, na sua grande maioria, o estágio mais almejado é recuperar a força do leão, desvencilhar-se dos pesos do passado, enfrentar o dragão do desamor, do preconceito, do abandono e da solidão.

Não sustentamos aqui uma categoria de memória que aposta na afirmação de uma essência, como se memória equivalesse à recordação de eventos sempre idênticos, como se pudesse se as lembranças reservassem um passado congelado. A memória não é algo isolado, ela nasce no âmbito social, resulta de um jogo de forças e é vital para a construção dos nossos valores, para o sentido que damos à vida. No âmbito social produzem-se memórias ressentidas, não esqueçamos as ponderações de Nietzsche em *Genealogia da Moral*, principalmente na II Dissertação, sobre o fabrico da memória, decorrentes de inúmeras torturas impingidas socialmente. Contudo, há um componente plástico que interage com a memória e que é aquilo que Nietzsche chama de esquecimento. Através da ativação deste componente, emergem surpresas, novas memórias brotam quando o esquecimento opera junto as lembrança, quando a força plástica do esquecimento permite que olhemos para a vida sob a perspectiva de novas forças vitais.

Também é importante destacarmos as mudanças operadas na própria pesquisadora. Ela aprendeu junto aos idosos, a ponto de sua própria memória sofrer metamorfoses. Ela descobriu que camelo e leão têm um grande impacto nos velhos, um pela carga e outro, pela força.

Descobrimos, também, que, na perspectiva deles, o estágio de criança já faz parte de seu passado, não é um alvo a ser atingido, não é um estágio almejado. Contudo, a cultura, muitas vezes, os considera infantis, e, isto, eles reagem categoricamente a essa imposição: eles não desejam serem tratados como crianças. Por isso, quando conheceram a imagem da criança, nas Três metamorfoses, não se identificaram com ela. Isso nos parece saudável. Ao contrário, eles valorizaram a imagem do leão. A potência e a força do leão foi considerada como uma metáfora da vida digna de ser vivida. A força leonina os cativou, eles, no seu dia-a-dia, se defrontam com o dragão das imposições, dos valores estabelecidos que os condenam a serem indivíduos passivos, ultrapassados; diante disso, emitem o rugido do leão: EU QUERO. Esses velhos nos mostram que o Leão para eles, é vida, é força. Com a imagem do leão, eles também identificam o esquecimento que, para Nietzsche, está na figura da Criança. Na figura do Leão, eles encontram a potência e esquecem suas mazelas. Nessa ótica, o leão tem diversas qualidades, incluindo as da criança: é forte, valente, contestador, mas também leve, alegre, risonho. Os velhos construíram um leão-criança, talvez o leão-ridente do final do *Zarathustra*.

Criança, no entendimento deles, é uma etapa do passado e não querem voltar a transita-la; retornar à criança, para eles, é um retrocesso. Esquecer, para eles, é perder as lembranças dos amigos, dos companheiros, enfim, lembranças da vida. Esquecer, para eles, é adoecer, é entrar na demência que, infelizmente, muitos deles já padeceu. Com isto, observamos como é difícil, para muitos deles, a abstração para chegarem à compreensão destas três imagens nietzschianas de Zarathustra. É mais fácil, para os idosos, entenderem a imagem do Camelo como carga e peso e a do Leão como força, poder e resistência. Então, podemos perceber que a saúde, a vitalidade, a afirmação e alegria, para eles, encontra-se na força do Leão. Tornar-se criança é, na ótica dos velhos, como já dissemos, retroceder na vida, é deixar de lado tudo aquilo que já conquistaram, é perder o seu chão. Até porque eles já vêm na família, a presença dos netos e bisnetos, as crianças da família, que, por muitas vezes, eles próprios são encarregados de cuidá-los, de protegê-los. Portanto, na sua ótica,

voltar à infância, chegar ao estágio da criança, seria se igualarem a seus netos e bisnetos. E, sob este aspecto, podemos dizer que, ao longo da nossa investigação, constatamos que o momento do riso, da leveza, da afirmação, para os idosos, encontra-se para além da criança nietzschiana, isto é, para além da imagem da criança das Três metamorfoses do *Zaratustra*. Isto deve ser frisado, pois, na conclusão da nossa pesquisa, observamos que esse percurso imagístico das metáforas nietzschianas não concorda com as etapas vividas pelos idosos na UNATI.

A alegria e o riso surgem quando eles alcançam o estágio do Leão e, fazem referência com esta imagem, à força, à potência, à autonomia, ou seja, lembram do que há de mais saudável, de mais alegre nas suas vidas.

Nesta fase final da dissertação, em que estamos prestes a concluir nosso percurso investigativo, deixamos a terceira pessoa, falamos desde nossa experiência pessoal. Nesse sentido *afirmo*: como leitora e admiradora de Nietzsche há muito tempo, talvez venha tentando que os idosos percebam que chegaram ao patamar da Criança, entendendo e acreditando que eles teriam que chegar a esse estágio para se sentirem felizes. Nesse patamar seria possível o esquecimento dos pesos do passado, o reencontro da alegria, do riso, do grande brincar da vida. Realmente, na ótica nietzschiana, conforme as Três metamorfoses do *Zaratustra*, a grande afirmação consiste em tornar-se criança. Mas, a experiência de cada idoso, nestes onze anos, vem nos mostrando que esse modelo imagístico não se aplica às suas vidas. As singularidades de vida são móveis. O fluxo vital é inesperado e surpreendente. Não temos certezas absolutas, na existência, só incertezas. Viver não é uma tentativa que nos leva de um início até concretizarmos um fim. Com isto, foi possível perceber que as três metamorfoses nietzschianas não são apenas uma teoria, mas algo muito maior que este autor quer nos dizer e, que, muitas vezes escapa a nossa compreensão, reduzida a uma consciência, a um raciocínio, a um objetivo enclausurado em hipóteses e que, muitas vezes, têm que ser demonstradas.

Nietzsche não elaborou um programa, mas criou uma atmosfera com as Três Metamorfoses e, os idosos respiraram essa atmosfera como uma experimentação, como uma gama de possibilidades, de perspectivas. Essa atmosfera perspectivista de Nietzsche influenciou os velhos: cada idoso cria a sua metamorfose, cada idoso cria o seu camelo, o seu leão e a sua criança.

Para além da criança nietzschiana, que é o título deste capítulo, significa, que o percurso dos idosos na UNATI, o jogo das suas memórias e esquecimentos, se desenrola para além de uma verdade absoluta que estanca qualquer possibilidade de deixar a vida avaliar, que desafia qualquer molde compreensivo pré-estabelecido. Pois quando é a vida quem avalia, como o próprio Nietzsche afirma, não há modelos a seguir, o que existe são singularidades viventes. Qualquer moldura se quebra quando o que está pulsando é um vivente.

A vida, ela mesma, se torna *meio de conhecimento* para os idosos e, neste momento, se transforma *em princípio no coração*, no qual pode-se *não apenas viver valentemente, mas até viver e rir alegremente*, como afirma Nietzsche no aforismo 324 de *A Gaia Ciência*, intitulado *In media vita*, no meio da vida.<sup>120</sup>

Quando encontramos o riso e o esquecimento na experiência com os idosos, o que observamos foi que aquilo que estava em jogo era a busca da saúde, da força. Esta foi representada por intermédio da imagem do leão. Foi através do leão que a vida deles se fez arte, foi através do encontro com esta potência possibilitada pelo encontro com outros idosos e com o cinema de Chaplin e da Chanchada que eles puderam olhar para a vida desde um outro lugar. Eles deixaram de ocupar o lugar do peso, as suas memórias ficaram mais leves, mesmo com suas dores e alegrias, suavizadas pela construção de uma visão estética da existência. A arte os elevou, os aliviou. Lembremos que Nietzsche sustenta que a existência é suportável, vivível quando nos entregamos à arte:

Como fenômeno estético, a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos, e, sobretudo, boa consciência, para *poder* fazer de nós mesmos um tal fenômeno. Ocasionalmente precisamos descansar de nós mesmos, olhando-nos de cima e de longe e, de uma artística distância, rindo de nós ou chorando por nós; precisamos descobrir o herói e também o tolo que há em nossa paixão de conhecimento, precisamos nos alegrar com a nossa estupidez de vez em quando, para poder continuar nos alegrando com a nossa sabedoria! E justamente por sermos, no fundo, homens pesados e sérios, e antes pesos do que homens, nada nos faz tanto bem como o chapéu do bobo: necessitamos dele

---

<sup>120</sup> O aforismo, na íntegra diz: “Não, a vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mas desejável e misteriosa- desde aquele dia em que veio a mim o grande libertador, o pensamento de que a vida poderia ser uma experiência de quem busca conhecer- e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça!- E o conhecimento mesmo: para outros pode ser outra coisa, um leito de repouso, por exemplo, ou a via para esse leito, ou uma distração ou um ócio- para mim ele é um mundo de perigos e vitórias, no qual também os sentimentos heróicos têm seus locais de dança e de jogos. “*A vida como meio de conhecimento*” - com esse princípio no coração pode-se não apenas viver valentemente, mas até *viver e rir alegremente!* E quem saberá rir e viver bem, se não entender primeiramente da guerra e da vitória?”



diante de nós mesmos- necessitamos de toda arte exuberante, flutuante, dançante, zombeteira, infantil e venturosa, para não perdermos a *liberdade de pairar acima das coisas*, que o nosso ideal exige de nós.<sup>121</sup>

A transformação da existência em obra de arte possibilita que uma nova saúde surja, próxima àquela chamada por Nietzsche de *Grande Saúde*. Esta, conforme salienta Ferraz, em *Nietzsche: O Bufão dos Deuses*, está atrelada à capacidade de rir da comédia da existência e de si mesmo. Essa saúde está sempre posta a prova e, com isso, se torna cada vez mais resistente. Trata-se de uma saúde que permite tirar proveito da própria doença, porque a própria doença convoca o homem, de grande saúde, a resistir<sup>122</sup>. No final do percurso dos idosos, todas as imagens apresentadas – camelo, leão, criança -, todos os filmes presenciados –clássicos, Carlitos, chanchadas -, apontam para uma nova forma deles lidarem com o seu passado, seu presente e seu futuro. Diante do passado, esqueceram velhas mochilas, deixaram memórias de camelo; no presente, contestaram o lugar que a sociedade lhes impõe de resíduos, de aposentados da vida; como o leão, disseram não a essa imposição nociva; como o leão, resgataram o seu querer. Finalmente, diante de todos os eventos, dos dramas familiares, das doenças, das perdas de seres queridos, esgrimiram o riso, a leveza: riram. Esse resgate de suas memórias, essa permissão ao esquecimento, foi uma saída salutar, foi uma forma de afirmar a totalidade da existência na sua tragicidade, foi afirmar e experimentar a *grande saúde*.

Diante das doenças e das perdas, eles pareceram adotar justamente as palavras de Nietzsche: “Sim, no mais fundo de minha alma sinto-me grato a toda a minha doença e desgraça e a tudo imperfeito em mim, pois tais coisas me deixam muitas portas para escapar aos hábitos duradouros.”<sup>123</sup>

Conquistar a grande saúde é superar-se constantemente, é examinar a vida a partir de suas vivências tal como nossos idosos fazem. Esta nova definição de saúde seria marcada por aqueles (...)

(...) cuja alma almeje haver vivido o inteiro compasso dos valores e desejos até então havidos, e haver velejado as praias todas desse “Mediterrâneo” ideal,

---

<sup>121</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *A Gaia Ciência*, aforismo 107, “Nossa derradeira gratidão para com a arte”.

<sup>122</sup>FRANCO Ferraz, Maria Cristina, 1994, p.111-112.

<sup>123</sup> *A Gaia Ciência*, aforismo 295.

aquele que quer, das aventuras da vivência mais sua, saber como sente um descobridor e conquistador do ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um beato, um divino eremita de outrora: para isso necessita de uma grande saúde - uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar...<sup>124</sup>

Mas para que essa nova saúde surja, o esquecimento precisa estar atrelado à alegria e é este exercício que a Oficina de Cinema proporciona aos idosos. Nela, as pessoas, através da arte, principalmente no contato com Carlitos e as chanchadas, deixam de estarem magoadas com a vida, conseguem abandonar ressentimentos e, podem, finalmente saborear a embriaguez da vida, sem medo nem preconceitos. Nietzsche mostra, em *Aurora*, aforismo 329 intitulado “Os Caluniadores da alegria” que é preciso deixar todo ressentimento, toda mágoa, toda calúnia contra a vida, é fundamental afirmar a existência sem restrições:

Pessoas profundamente magoadas pela vida suspeitam de toda alegria, como se esta sempre fosse ingênua e pueril e demonstrasse irracionalidade, em vista da qual poderíamos sentir apenas comiseração e enternecimento, como sentiríamos ante uma criança prestes a morrer, que na cama ainda brinca com os seus brinquedos. Tais pessoas enxergam, por baixo de todas as rosas, túmulos ocultos e dissimulados; divertimento, agitação, música festiva lhes parece o resolutivo engano de si mesmo de um doente grave, que por um minuto ainda quer saborear a embriaguez da vida. Mas esse julgamento sobre a alegria não é outra coisa que a refração dela no fundo escuro do cansaço e da doença: é ele mesmo algo tocante, irracional(...)

O humor, para Nietzsche, é um modo de lidar com grandes tarefas. Por isso, na autobiografia *Ecce Homo*, ele se refere a sua obra *Crepúsculo dos Ídolos* nos seguintes termos: “Esse escrito, que não chega a cento e cinquenta páginas, fatal e alegre no tom, um demônio que ri.”<sup>125</sup> Acrescenta ainda, numa outra passagem do mesmo livro: “Desconheço outro modo de lidar com grandes tarefas senão o *humor*. Ele é pressuposto essencial e indício de grandeza. A casmurrice, o ar sombrio, o tom duro na garganta são objeções a um homem, que dirá à sua obra!”<sup>126</sup>

---

<sup>124</sup> *Ecce Homo*, Zarathustra, 2, p.84

<sup>125</sup> *Ecce Homo*, O crepúsculo dos ídolos, como se filosofa com o martelo, 1, p.99

<sup>126</sup> *Ibid*, Por que sou tão sábio, 10, p.51.

Podemos dizer que o percurso criativo da obra de Nietzsche, sua grande tarefa de questionar – com seu *martelo crítico* - a filosofia, a moral, os valores e afirmar a vida, foi alimentado pela auto-superação que experimentou em sua vida. Quando ele cria, por exemplo, a sua grande obra - e eixo de nosso trabalho - *Assim Falou Zaratustra*, ele se encontrava doente em Gênova, chegando a dizer, no *Ecce Homo*, que apenas tolerava a vida, que nesse momento sua existência era extremamente dolorosa. Porém, ao mesmo tempo, a dor não era objeção à vida, já que o *pathos afirmativo* por excelência denominado por ele de *pathos trágico*, lhe permitia continuar escrevendo, continuar criando, continuar amando a vida na sua totalidade, em todas suas instâncias. Em suas palavras:

O inverno seguinte vivi na calma e graciosa baía de Rapallo, não longe de Gênova, entalhada entre Chiavari e o promontório de Porto-fino. Minha saúde não era a melhor; o inverno era frio e chuvoso ao extremo; um pequeno albergue, situado à beira do mar, de modo que à noite a maré alta tornava o sono impossível, oferecia em quase tudo o oposto do que seria desejável. Apesar disso, e como que para demonstrar minha tese de que tudo decisivo acontece apesar de de tudo, foi nesse inverno e nesse desfavorecimento das circunstâncias que meu Zaratustra nasceu.<sup>127</sup>

Estabelecendo uma ligação desta vivência nietzschiana com o percurso dos idosos, podemos dizer que a proposta da Oficina de Cinema consiste em que, apesar de toda dor, todo sofrimento, todo preconceito que eles viveram ao longo da sua vida, eles conseguiram criar algo decisivo, que é afirmar a existência em sua totalidade, com todas as suas tonalidades e transformar cada instante em algo extraordinário, no qual o riso torna-se o estímulo fundamental dessa metamorfose, desse encontro com todas as vicissitudes vitais.

Essa pesquisa contribuiu, também, para uma metamorfose da pesquisadora porque, cada encontro, trouxe uma sabedoria nova, um aprendizado constante de como lidar e construir o próprio envelhecer.

---

<sup>127</sup> Ibid, Zaratustra, 1, p.83.

## Considerações Finais

Já fui camelo, sedento, pesado, sobrecarregado...Tinha sobre meus ombros o peso da humanidade.Tomei consciência disso e percebi através das memórias de que dispomos e somos dotados, cerebral e a afetiva que estava errada. Deveria refletir melhor.

A intuição me dizia que a pausa é o tempo da elaboração para o esclarecimento dos problemas.

Veio então o discernimento, me fazendo despejar aquela carga tão incômoda. Então, me tornei uma leoa.

Lutas, resistir, defender os meus direitos, ter autonomia.

O jugo se tornou mais leve e eu disse com firmeza: Quero, eu quero!

Mas, era preciso avançar mais, me tornar mais maleável, saber brincar com o lúdico, o novo...Deixar fluir a criança que existia dentro de mim e assim o fiz.

Pus de lado o passado, e com ganas de viver plenamente o presente, pretendendo um futuro promissor, me entreguei de corpo e alma a essa tarefa feliz.<sup>128</sup>

Escolhemos esse depoimento para começar a tecer as considerações finais dessa dissertação, por ele sintetizar o espírito das três metamorfoses nietzschianas. Na nossa opinião, todas as vicissitudes desse texto estão presentes nele. Cada uma dessas metamorfoses exprime fragmentos de vida, apresenta mudanças relevantes do espírito; mudanças que estão contidas também nessa fala da idosa. Percebemos trechos primorosos no depoimento, tais como, quando alude à fase do camelo: “Já fui camelo, sedento, pesado, sobrecarregado...Tinha sobre meus ombros o peso da humanidade”.

Lembremos que quando Nietzsche se refere ao camelo, como podemos ver na epígrafe, é o “espírito de suportaçãõ” e, o que ele carrega, não são pesos individuais e, sim, os pesos dos valores morais da humanidade. É interessante observar como essa idosa captou esse espírito, esse sentido contido no texto nietzschiano.

No seu momento leão, ela nos transmite sua postura que a impulsiona a despejar a carga incômoda. Ela diz que chega nesse momento após uma pausa que a faz refletir, para alcançar o esclarecimento. Não seria esse momento o que Nietzsche nos apresenta como a chegada do camelo ao deserto para alcançar a segunda metamorfose: o momento do leão?

Ela se apresenta como uma leoa, para além da interpretação nietzschiana, e, descreve essa fase de sua vida, como um momento de luta, resistência, quando passou a

---

<sup>128</sup> Texto apresentado por uma aluna no dia 18 de abril de 2008, na Oficina de Cinema da Unati.

defender os seus direitos, a ter autonomia e, diz: “O jugo se tornou mais leve e eu disse com firmeza: “Quero, eu quero”. Não seria isso a descrição da força do leão das metamorfoses?

Quando ela utiliza a frase “O jugo se tornou mais leve” é possível nos aproximar do pensamento de Nietzsche. Para ele, o fato de impor valores, na nossa cultura do ressentimento, é sempre uma ação pesada. Quem julga? Geralmente, quem julga, nessa cultura, está num lugar de autoridade e de reitor da moral: o sacerdote, o cientista, as instituições, etc... Portanto, quando a idosa diz que: “O jugo se tornou mais leve”, ela deu um grande passo, fez uma grande transformação, ultrapassou um momento de culpa, deixou de lado as cargas do camelo.

Segundo a idosa, a vida segue seu curso e ela vai percebendo o valor do brincar, do lúdico, do novo. Ela deseja entregar-se ao fluxo da vida, aceitar tudo com inocência como se fosse uma criança. Quer por de lado o passado, viver plenamente o presente, pretendendo um futuro promissor. Essa é a sua tarefa.

Será que ela não está descrevendo aqui todas as aquisições que conquistamos quando nos encontramos com a metamorfose da criança? Nietzsche nos apresenta essa criança assim: “Inocência, é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’”.

De alguma forma, essa idosa, com sua simplicidade, com a vitalidade de uma vida de lutas, ela está nos dizendo que encontrou ou vai encontrar a sua criança. Ela deseja dizer sim, para além de todos os sofrimentos que padecer. Nessa, sua singela interpretação, temos a convicção de que ela captou todo o espírito das metamorfoses nietzschianas.

Mas, após esse importante relato que nos aproxima do final da nossa dissertação, ainda coloco a seguinte pergunta:

Será que todos os idosos da Oficina de Cinema da Unati fazem o mesmo percurso?

A partir das observações que venho fazendo, nesses onze anos de trabalho em sala de aula com eles e, a partir dos depoimentos, posso afirmar que não. A partir de agora, vamos explicar melhor essa afirmação, sintetizando algumas questões que discutimos ao longo da dissertação.

A maioria dos idosos considera a figura do leão como a metáfora mais significativa e importante para sua experiência vital. Eles entendem – e anseiam – que o leão deveria ser a sua última metamorfose. *No leão, eles encontram a sua criança.* Pois, na imagem do leão

encontram sua força, a sua potência e a sua alegria. Ao avistar a força do leão eles esquecem que já foram camelos. O leão significa, para eles, a volta à vida, é a sua possibilidade de sair de uma pesada condição de camelo, que só lembra de dores e pesos e mágoas. O leão os arranca do corpo encurvado do camelo e os coloca eretos, com força nas pernas, para caminharem pela vida. Portanto, o leão, é, para eles, o salto para a vida. É o rugido, simboliza o seu grito de liberdade, de autonomia diante de uma sociedade que os marginaliza. É a terra, o seu chão, pois a figura do leão está fincada ao solo. É a conquista da independência e da liberdade e, a partir desta conquista, a alegria e o riso os invade. Para eles, na imagem do Leão reside a possibilidade de esquecimento dos pesos-do-passado. Contudo, a sua leitura, a sua vivência, diverge da narrativa de Nietzsche, em *As Três Metamorfoses*, que coloca a alegria e o esquecimento na figura da Criança.

Então, posso afirmar que, a partir das entrevistas e das aulas, observei que, para a maioria dos idosos, chegar ao leão é a última metamorfose e a mais importante. Mas essa perspectiva não é unânime: para outros atingir a criança é fundamental para as suas vidas. Como, para Nietzsche, a metamorfose na criança está ligada à criação do novo, observo que, quase todos os idosos, procuram à UNATI para esta transformação: de uma vida que não suportam mais, para uma nova vida, introduzindo novos valores, novas perspectivas, novas memórias. E, alguns conseguem, realmente, mudar as suas vidas a ponto de se relacionarem melhor com a família. Vemos isto nos relatos familiares que recebo ao longo da oficina. .

Podemos dizer, observando suas atitudes, registrando seus depoimentos, que eles interpretam o camelo como carga, como peso, como memória de dores e frustrações. Por isto, a condição de camelo é uma metamorfose por onde todos, em algum momento de vida, ou por muito tempo, passaram. Justamente por isso, para deixarem de ser camelos, procuram a oficina. O camelo é um estágio do espírito que todos querem ultrapassar, por isto, foram a UNATI. Porém, nem todos conseguem abandonar a condição-camelo pois, para consegui-lo, é preciso desenvolver a força que eles encontram no leão. Isso não é fácil para eles com toda esta carga de anos os oprimindo. Eles trazem memórias dolorosas de perdas, mortes, doenças, privações que passaram ao longo da vida. Por este motivo, chegar ao estágio do leão, muitas vezes, é um lento e longo caminho. Às vezes é um caminho que não podem percorrer. Por isso, a alegria de atingi-lo resulta num momento extraordinário.

Assim, para além das três metáforas nietzschianas, na experiência dos idosos, o percurso que vai do camelo ao leão é a sua metamorfose fundamental e vital. Nesse sentido, friso mais uma vez a singularidade da experiência e interpretação dos velhos que nesse ponto se afasta do percurso imagético nietzschiano das três metamorfoses. Para o autor alemão, o estágio superior do espírito é tornar-se criança; já para os velhos chegar à alegria e inocência da criança é o encontro com o leão. Divergência interpretativa: para os velhos, as características da criança nietzschiana residem na figura do leão.

A partir de então, pudemos perceber, nessa pesquisa, que as metamorfoses nietzschianas não são estanques, elas estão vinculadas às singularidades de cada idoso e, como todo o pensamento nietzschiano, estão ligadas à vida e, a vida, como nos mostra o filósofo é fluxo, é jogo de forças, por isto, cada um vai vivê-la de acordo com as experiências que traz e que levaram a cada um a ser-o-que-é.

Observamos, também, que alguns idosos chegam a uma leveza na vida que é, exatamente, o que caracteriza à criança nietzschiana. O que Nietzsche propõe nesta metamorfose é o esquecimento ativo e afirmativo, não se trata de um esquecimento imposto por motivos biológicos, por doença, que o velho tem tanto medo de padecer. Trata-se do esquecimento ativo, de deixar de lado as mágoas e o ressentimento, e rir...rir...

Portanto, esse *para além da criança nietzschiana*, que deu nome ao nosso terceiro capítulo, é algo que chega com a vida, inesperada e surpreendentemente e que estes idosos estão nos mostrando que não é possível mensurar nem classificar. O que está em jogo aqui é a vida sem roteiro, com seus vícios, suas perdas, seus encontros e desencontros, enfim, a vida que pulsa e expulsa qualquer previsão.

Esta pesquisa, dentre outras experiências e percursos teóricos, contribui para mostrarmos que não pode haver certezas absolutas e verdades inquestionáveis. Há, sim a primazia de cada vida e suas particularidades vividas.

Mas, não é exatamente essa a proposta de Nietzsche? criar uma teoria que esteja ligada à vida e que possa instigar a abrir novos sentidos para o agir humano? Deixo essa questão, escolhendo o filósofo, para com ele tentar refletir, como, na prática do trabalho com os idosos, podemos verificar como o seu pensamento continua atual e, como ele mesmo afirmou, em sua obra: “Eu sou póstumo”.

Essa intempestividade coloca Nietzsche no patamar dos filósofos que sempre ligaram o seu pensamento ao *sangue*, à paixão, às intensidades, enfim, à vitalidade humana.

O leão, como já dissemos, para a maioria dos idosos, é a última metamorfose e a mais importante. Para outros, chegar à criança é fundamental, como para a idosa que abre essas considerações finais com o seu depoimento. No entanto, vejo algo comum a todos: o entendimento do camelo como a metamorfose por onde, em muitos momentos de suas vidas e, até por toda uma vida, eles passaram. Isso porque percebemos, entre os entrevistados, que a maioria, consegue ultrapassar (ou estão tentando ultrapassar) a fase do camelo e, mais do que isso, querem ultrapassá-lo.

Por esse motivo, quando nomeio o último capítulo com o título: *O esquecimento e o riso para além da criança nietzschiana*, estou percebendo, ao longo da pesquisa, que cada idoso constrói o seu camelo, o seu leão e a sua criança. Não se trata de Nietzsche. Agora a experiência dos idosos encontram-se para além desse autor. Essa experiência reside na singularidade de cada velho e nos encontros que vai tecendo ao longo de sua vida. O que os desperta para a vida são esses encontros e o que está em pauta em cada troca, na linguagem nietzschiana, é a qualidade da força. Eles estavam imersos num momento reativo, que paralisava o seu impulso vital que, muitas vezes, a figura do leão desperta neles. Mas, essa figura é ativada pelos encontros, no diálogo, no convívio encontram a força do leão.

Camelo e leão têm uma ressonância nos velhos que invoca a carga e a força. À criança, por tudo que já dissemos, eles resistem, o que é saudável, pois, no seu entender, tal imagem, os infantiliza. Eles contestam qualquer regressão. E, para muitos, a criança é entendida como um estágio vital que já passou e, não, como o que ainda vai chegar. Eles adotam o leão como símbolo da força, de uma memória não reativa, como a possibilidade de esquecer pesos e afirmar o instante, de habitar o riso, de celebrar a vida de forma irrestrita.

Aprendo, a cada momento, com esses alunos. Incluso, estou aprendendo a envelhecer com alegria. Me emociono a cada encontro com eles. Essa pesquisa foi, permanentemente recheada de afetos. Mas, não poderia ser diferente, pois conjugar Nietzsche, Zarathustra, Metamorfoses (camelo, leão e criança) com a experiência desses idosos, num grande encontro, só poderia terminar em muito riso e alegria.



## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AUGUSTO, Sérgio. *Este mundo é um pandeiro: a chanchada de Getúlio a JK*. São Paulo: Cinemateca Brasileira: Companhia das Letras, 1989.

BARRENECHEA, Miguel Angel. *Tragédia hoje: a contemporaneidade do arcaico*. In: *Assim falou Nietzsche II: memória, tragédia e cultura*, organizadores Charles Feitosa, Miguel A. Barrenechea. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a Liberdade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Espaço trágico: lugar das intensidades e das diferenças*. In: *Memória e espaço*. Jô Gondar et al. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 22-34.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície*. In: *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação: Assim falou Nietzsche V. Ângela Maria Souza Martins...[ et al.]; Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea; Paulo Pinheiro (orgs.)*. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: UNIRIO; Capes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a genealogia da memória social*. In: *O que é memória social?* Organizadores Jô Gondar e Vera Dodebei. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Programa de Pós Graduação em Memória Social da UNIRIO, 2005.

BERGSON, Henri. *O riso*. Trad. Ivone Castilho Benedetti, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade*. Lembrança de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CALDAS, Célia Pereira. *Memória, Trabalho e Velhice. Um Estudo das Memórias de Velhos Trabalhadores*. In: *Memórias de Velhos trabalhadores*. Dissertação de mestrado em saúde coletiva, Rio de Janeiro, 1993.

COSTA, Gilcilene Dias da Costa. *Por uma educação leve - ao modo de Zarathustra, o dançarino destruidor*. In: Nietzsche e Deleuze: imagem, literatura e educação: Simpósio Internacional de Filosofia, 2005/ organizador Daniel Lins. – Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007. p.141-152.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e a música*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

\_\_\_\_\_. *Conceito de ato criador no pensamento de Nietzsche*. In: *Kriterion*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, XXXV, 89, Jan94-Jul94, p. 33-44.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Ed. Rio, s/d.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, s/d.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1983.

FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. *Nietzsche. O bufão dos deuses*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. *Nove variações sobre temas nietzschianos*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. *Teatro e máscara no pensamento de Nietzsche*. In: *Assim falou Nietzsche II*. Organizadores: Miguel Angel de Barrenechea e Charles Feitosa. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p. 37-48.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, a negatividade e a antropofagia: do cordeiro e da ave de rapina ao jabuti*. In: DIAS, Rosa; PAZ, Gaspar; OLIVEIRA, Ana Lucia. (Org.). *Arte brasileira e filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ, 2007, v., p. 302-312.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche, O bufão dos deuses*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

GONDAR, Jô. *Quatro proposições sobre memória social*, in: *O que é memória social?* Organizadores Jô Gondar e Vera Dodobei. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Programa de Pós Graduação em Memória Social da UNIRIO, 2005.

\_\_\_\_\_. *Lembrar e esquecer: desejo de memória*, in: *Memória e espaço*. Organizadores Jô Gondar e Icléia Thiesen Magalhães Costa. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 35-43.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. *O “Zaratustra” de Nietzsche*. Trad Lucy Guimarães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MACEDO, Iracema. *Carlos Drummond de Andrade e o Amor Fati de Nietzsche*. In: Rosa Maria Dias; Gaspar Paz; Ana Lúcia Oliveira. (Org.). *Filosofia e Arte Brasileira*. Rio de Janeiro: Uapê, 2007, p. 127-133.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MARINHO, Flávio. *Oscarito: o riso e o siso*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MATTOS-CRUZ, José de. *Charles Chaplin: a vida, o mito, os filmes*. Lisboa: Ed. Veja, Lisboa, s/d.

MENDONÇA, Paulo. *Carlitos: um menino pobre cria uma arte nova*. Ed. Três. Coleção Hoje, 1975.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche. Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROSSET, Clément. *Alegria: a força maior*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SUAREZ, Rosana. *Nietzsche comediantes: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche*. Lisboa: editorial Presença, 1990.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1988.

#### OBRAS DE NIETZSCHE:

NIETZSCHE, F. W. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, trad. Paulo César de Souza.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, trad. Mário da Silva.

\_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, trad. Paulo César de Souza

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, trad. Paulo César de Souza.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral*. S. Paulo: Brasiliense, 1987, trad. Paulo César de Souza.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com um martelo*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. trad. Marco Antonio Casanova.

\_\_\_\_\_. *O Nascimento da tragédia*, 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1992, trad. J. Guinsburg.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que se é. S. Paulo:*  
Companhia das Letras, 1995, trad. Paulo César de Souza.

\_\_\_\_\_. *Segunda Consideração Intempestiva.* Da utilidade e desvantagem  
da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, trad. Marco Antônio  
Casanova.

# **ANEXOS**

## **A- ROTEIRO DA ENTREVISTA**

- 1) Nome/Idade
- 2) Vínculos familiares: é viúvo? Mora com a mulher? Com os filhos? Sozinho?
- 3) Realiza atividades? Está aposentado?
- 4) Por que motivos procurou a UNATI? Sabia quais eram as atividades da UNATI?
- 5) Como considera que eram seus vínculos com parentes e amigos antes de ingressar à oficina de cinema da UNATI?
- 6) Quais as lembranças que, antes de ingressar à oficina, eram mais recorrentes na sua vida?
- 7) Você tinha projetos? Quais?
- 8) Como foram os seus primeiros contatos com a oficina? O que você sentia quando assistia aos filmes e realizava outras atividades?
- 9) Após um tempo de assistir à oficina de cinema da UNATI, como você se sente? Mudaram os contatos com parentes e amigos? E as suas lembranças sofreram alterações? Você esqueceu coisas que o angustiavam? E o riso, a brincadeira, o vínculo com as chanchadas e os filmes de Chaplin que importância têm na sua vida atual?
- 10) Você leu “Das três metamorfoses” de Nietzsche? Acha que entendeu o texto? Acha que essas mudanças têm a ver com seu percurso atual? Você se sente como uma criança?

## **B- DEPOIMENTOS**

A decupagem foi feita mantendo o máximo possível de fidelidade. A separação da minutagem obedeceu ao ritmo da fala dos depoimentos e a manifestação de argumentos-chave (tais como as palavras: camelo, leão e criança). Manifestações de outra ordem como risos, pausas, silêncios, etc. foram colocadas entre parenteses, quando julgado necessárias.

O sinal "(?)" indica uma fala não-compreendida no discurso. Os depoimentos foram separados de acordo com seus autores, sendo identificados em ordem cardinal, por ausência da identificação de nomes ou apelidos. A localização foi dada de acordo com a gravação do DVD, sendo os depoimentos colhidos no "Título I" e no "Título III" e a minutagem indicada, em seqüência.

Por

Carlos Eduardo Santos

Tempo total de decupagem: 0'25'14"

### Primeiro Depoimento: Título I, 1'13" - 2'48"

1'13" - 1'57" — “Eu procurei para estudar, porque aqui tinha bons cursos e ótimos professores. Logo, achei que... Achei, não, tinha certeza que seria bom para mim. A continuação me fez mais feliz, mais alegre do que eu era – eu estava quase sucumbindo, quando vim para o UNATI, não é? Tantos problemas, com família e filhos, e que eu... Tinha momentos em que eu pedia a morte, por ter duas filhas viciadas em cocaína.”

1'57" - 2'48" — “(se emociona) E a UNATI, a UNATI me ajudou, incluindo essa professora, que me deu muito incentivo, muita alegria, por isso estou aqui até hoje. Fiz vários cursos, fiz nutrição, fiz quatro anos de nutrição. Antes da UNATI eu tinha feito Psicologia, quatro anos, e fiz Jornalismo, com o Assis Chatobriand. E, por isso vim parar na UNATI. No dia em que acabar essa UNATI, eu também me acabo. Isso é o que eu tenho a dizer. O incentivo que recebo dos professores é muito. Faço línguas, faço piano e faço teatro”

### Segundo Depoimento: Título I, 2'52" - 3'14"

2'52" – 3'14" — “Eu quero dizer que eu segui esses três caminhos da... Esses três caminhos. Do camelo, do leão e da criança. Isso aconteceu comigo. Estava muito deprimida e entrei pra UNATI, fui convidada para vir a esta aula e hoje estou muito bem, agradecendo à nossa excelente professora”.



Terceiro Depoimento: Título I, 3'47" - 4'38"

---

3'47" - 4'05" — “Meu nome é Cleonice, eu vim para a UNATI através da mão da minha amiga Arlete. Eu vim pela dor, problema com filho e tudo... Vim pela dor. Cheguei até a fazer... Estou no psiquiatra — como é que é!? — Psicologia... E o psicólogo me informou, para mim (*sic*) procurar fazer alguma coisa aqui, para mim (*sic*) me refazer.”

4'06" - 4'38" — “Eu entrei nessa sala como o camelo, mas um camelo doente, com o peso dos problemas que eu tinha na minha casa. Passado alguns dias, eu comecei a me sentir um leão e hoje eu me sinto uma criança, porque aqui dentro eu aprendi a me amar e amar a todo mundo. Continuo com meus problemas, mas eu consigo resolvê-los. Então, aqui você acaba — como fala minha amiga — se acabar a UNATI a gente se acaba também... E essa professora maravilhosa, que ela só faz levantar o ego da gente. Muito obrigada, Cris, por você existir”.

Quarto Depoimento: Título I, 5'00" - 5'18"

---

5'00" – 5'18" — “Encontrei uma amiga e ela me trouxe para a UNATI. Olha, ganhei, fiquei alegre, participando, me sinto feliz”.

Quinto Depoimento: Título I, 5'27" - 6'23"

---

5'27" – 6'23" — “Aqui na UNATI, nós encontramos calor humano, encontramos amigos e que nos ensinam a viver a cada dia, para superar todos os problemas. Aqui na aula da Cris, às sextas-feiras, são feita uma (*sic*) psicoterapia. Porque aqui nós conseguimos falar dos nossos problemas, que estão lá dentro da gente, que muitas das vezes a gente não tem coragem de falar e aqui nós conseguimos falar. E a Cris, eu costumo dizer, que é uma pessoa divina, porque ela... A dedicação que ela tem, o que ela consegue fazer conosco é uma coisa que é muito difícil e que nós não encontramos lá fora. E é uma pessoa divina, pra mim é divina. E o curso, aqui, é maravilhoso.”

Sexto Depoimento: Título I, 7'00" - 7'45"

---

7'00" – 7'45" — “É. A importância que teve, durante esse tempo que eu tenho vindo aqui, foi muito grande. Quer dizer... Isso mexeu com uma emoção muito forte. A primeira vez que eu vi o Chaplin, até eu tenho a mesma sensação de emoção. De ver uma pessoa, como a Dulce, fazer aquele trabalho maravilhoso. E agora, em qualquer lugar que eu vou, que eu vejo um trabalho assim, eu penso: ‘puxa, faltou o Chaplin, aqui’. E isso tudo a gente deve À Cris, que foi uma grande incentivadora desse trabalho teatral, desse trabalho de exposição de emoções. É muito interessante e eu tenho muito a agradecer à ela, também”.

Sétimo Depoimento: Título I, 8'29" - 8'50"

---

8'29" – 8'50" — “Tive muitos problemas, e tudo... E todos eles são superados diante das aulas, que a gente sempre vem. E estamos sempre alegres, isso daqui é um ambiente muito bom e não falta mais nada. Só falta, agora, a gente, sabe, virar criança novamente, que estamos...”

Oitavo Depoimento: Título I, 9'33" - 13'46"

---

9'33" – 10'38" — “Eu, na minha vida já sofri muito. Quando eu vim de São Paulo pra cá, eu morava aqui no Maracanã. Sofri. Aí, quando eu tinha dez anos, eu fugi de lá, não sei dos meus parentes, não sei de ninguém... Aí ficava... la trabalhar em uma casa, me batiam, eu fugia. la trabalhar em outra, me batiam, eu fugia. Assim que eu vivi a minha vida. Depois, aí eu fui... Eu queria ser freira, mas eu fui lá no convento, não aceitavam preto, eu não tinha instrução... Eu disse: ‘sabe de uma coisa, eu vou fazer uma coisa: vou dar comida para os pobres, na rua’. Aí não tinha panela. Fazia em uma lata a comida, pedia a todo mundo, fazia comida para dar pro pessoal da rua. Aí, depois eu fui lá pra minha paróquia, comecei a ajudar a paróquia. Aí, eu deixava de comer a minha comida para dar para os pobres. Assim que eu fui.”

10'38" - 11'29" — “Até hoje eu sou assim, não ando mais porque a minha perna não deixa. Aí eu faço roupa pra dar pro pessoal do asilo, aí eu fa... ‘O que você sabe fazer? Doce?’ Eu digo: ‘sei’. Aí eu faço doce e começava a dar, mas agora, todo mundo: ‘você vende’. Porque é um dinheirinho, meu dinheirinho é pouco, porque eu fui trabalhar em uma lavanderia. Aí eu trabalhei muito, depois eu fui aposentada por causa da minha perna... Aí, agora eu tenho tudo o que eu quero. Tenho minha casa — minha casa, não, alugada, né. Mas aí eu tenho tudo. Mas aí eu fico dentro de casa, trabalhando. Eu não quero saber. Não vejo televisão, nada, eu fico costurando roupa. Aí eu faço meus docinhos, quem quiser comprar pra me ajuda, ajuda, quem não quiser... O que é que eu vou fazer, né!? E é só isso.”

11'30" - 11'45" — “E aí eu sou uma verdadeira... Eu já fui uma verdadeira camela, agora, agora... Já fui leão, agora eu sou onça. (risos) Se mexeu comigo, eu respondo.”

11'46" - 13'48" — “Aí eu vim aqui para a UNATI em '94, fiz uma porção de... Aqui já fiz uma porção de coisas. E aqui são meus verdadeiros amigos, eu saio lá de Mal. Hermes e venho para cá. Assim mesmo, morrendo, mas venho. Aí eu estou aqui, eu estou feliz. Porque os meus vizinhos lá, dizem que eu sou metida a grã-fina. Não quero conversar com ninguém, não! Não gosto. Aí eu fico o dia todo trancada, ouvindo rádio. Aí, aqui eu sou feliz. (...) Tem umas que a gente não gosta, mas tem outras que gosta. Aí eu fiquei atrás da Cristie: ‘eu quero entrar pra sua turma’. Aí ela diz: você não... Aí, aí.. Eu perguntei a ela, e ela disse: ‘não pode, não, porque é só pra rico’. Mas eu digo: ‘mas eu vou entrar’. (risos) ‘Vou entrar’. Aí eu chego no dia em que ela deu... Foi uma festa lá no clube, eu falei assim: ‘eu vou querer entrar na sua turma’. Aí ela disse: ‘pode vir, eu to aqui’. Ontem quase que eu virei isso tudo aqui, mas aí me mandaram embora. (risos)

Mas aí eu digo: 'eu to ficando'. Agora eu sou bem feliz, graças a deus. Aí, quando foi a primeira coisa dela, eu fui sozinha. Eu disse: 'como é que vai?' Mas eu fui. (risos) Fui. E o pior era que eu tinha esquecido o endereço. (risos). Mas eu cheguei lá, mas eu cheguei lá, né!? Então, era só isso. Agora eu sou muito feliz, na minha vida. Agora eu não vivo chorando, porque eu ficava chorando porque os outros não gostavam de mim, agora eu quero que todo mundo se dane. (risos) Não é isso!? (palmas)”

#### Nono Depoimento: Título I, 13'49" - 15'07"

13'49" - 14'44" — “Eu cheguei aqui muito tristonha, porque eu estava com dificuldade de me adaptar a mudança de vida, de uma casa, de perda também, e de mudar de uma casa para um apartamento. Eu me sentia muito só, porque eu estava acostumada com pessoas em volta e quando... Eu cheguei aqui meio camelo, aí consegui mudar um pouquinho para leão e... A Cris foi a primeira oficina que eu fiz. E já fiz outros cursos, já fiz línguas, já fiz internet... Mas daqui eu não saio. Daqui eu não saio, porque a Cris consegue nos transformar de... Ninguém sai daqui triste. Todo mundo... É feito uma terapia, além de ela nos ensinar muita coisa, ela nos ensina a viver. Eu estou emocionada e é só isso, não dá pra falar mais.”

14'54" - 15'07" — “(reinicia depois de uma longa pausa) Então eu quero dizer que eu cheguei camelo, passei pelo leão, e hoje eu sou uma verdadeira criança, aqui nesta aula. A gente sai criança. Só isso.”

#### Décimo Depoimento: Título 1, 15'17" - 16'10"

15'17" – 16'10" — “E eu quero concluir, também, dizendo o seguinte: eu, quando vinha aqui e voltei — porque eu me formei aqui, fui uma das primeiras turmas a se formar aqui, nesse prédio da UERJ. E aí, quando eu retornei, agora, na terceira idade, eu vim pensando o seguinte: eu... A gente aprendeu, a gente fez curso, a gente trabalhou, a gente conviveu. E aí eu quis entrar aqui para a UNATI, para aprender a viver emoções, a conviver com pessoas que tinham emoções iguais às minhas. Então eu acho que esse curso aqui também foi uma extensão de meus cursos anteriores. Foi o curso da convivência com a terceira idade. E esse curso aqui é só emoção, é só emoção”.

#### Décimo Primeiro Depoimento: Título 1, 16'58" - 17'25"

16'58" – 17'25" — “Eu nasci criança, aos doze anos de idade, eu virei camelo. Comecei virar camelo até aos sessenta e cinco anos. Com sessenta e cinco anos, eu virei é leão. Depois, dez anos após, eu virei criança novamente. Porque batalhei a minha liberdade, que eu nunca tive na vida. Porque foi só trabalho”.

Décimo Segundo Depoimento: Título 1, 18'56" - 20'46"

18'56" – 20'46" — “Bom, as amigas falaram do camelo. Se eu for falar do meu camelo, meu camelo é muito pesado, gente. Não parece, né? Porque eu sempre digo se eu já velha, eu não me lembro. Mas, o meu camelo começou... Eu me casei muito cedo, eu me casei com quinze anos. Com dezoito anos eu já era mãe. Eu hoje, atualmente, tenho uma filha de sessenta e dois anos, que é uma grande filha. Mas aquele camelo que eu carreguei, logo assim que eu casei, foi muito pesado. Mas eu segurei, porque eu tive um marido que me deu um ‘cado de trabalho. É aquela coisinha que não para em um emprego, tem o vício da bebida... Então, eu segurando tudo. Fazia bijuteria pra vender na rua da Alfândega, pra ganhar um dinheiro e ganhei. Criei a minha filha, hoje ela é uma grande psicóloga. E eu estou aqui. Foi ela que me trouxe para cá. Ela leu no jornal e disse: ‘mãe, ó que coisa boa pra você fazer’. E eu vim com ela aqui fazer a minha matrícula, isso no ano de '95. Hoje eu estou com... Vou fazer oitenta e dois anos. Hoje eu sou um leão, hoje eu enfrento. Mas aquele leão, que tem horas em que é criança, mas tem horas que eu tenho que ser leão. Mas a minha criança fala mais forte. E eu estando aqui, junto com as minhas amigas, a criança continua. E sou bela e faceira... E não quero crescer mais. Eu quero continuar criança. Mas se precisar ser leão, eu vou ser leão, também.”.

20'54" - 21'31" — “A maior alegria, pra mim, é quando a minha professora diz: ‘eu preciso que você vá fazer o Carlitos.’ ‘Estamos aí!’ Bigodinho... (risos) E sou muito feliz. Gente, isso aqui é demais. Não me tirem daqui, se me tirar vai ter que depois falar com Papai do Céu porque é que você me tirou daqui. E se acabar a UNATI, é como diz a minha amiga, nós vamos acabar juntos. E ninguém que acabar, não vai se acabar. Um beijo no coração pra vocês”.

Décimo Terceiro Depoimento: Título I, 24'33" - 27'49"

24'33" – 25'22" — “Foi pra me reciclar, não é!? Pra melhorar um pouquinho a mente, adquirir mais conhecimento, conhecer mais pessoas e pessoas inteligentes, também, não é!? Interessadas. Porque conhecer quem tem a mesma inteligência que eu, também não adianta nada. Eu não progrido e nem ele progride. Então, foi assim que eu procurei aqui. Fui minado pela minha esposa. Ela levou um ano me minando, me dominando e (?). Aí eu vim e gostei. É uma fonte de saber. Você encontrar outras pessoas inteligentes, para você melhorar a sua inteligência e a sua cultura.”

25'45" – 26'58" — “A oficina melhora tudo: a memória, os exercícios melhoram você fisicamente — você faz... tem aqui dançar, os movimentos e tudo, melhora a sua performance, não é!? Então, você se sente melhor, eu acho que eu só posso agradecer a isso. A essa... E me lembrei daquela moça que também fazia psicomotricidade, que saiu daqui... Como era o nome dela? Gabriela... Me lembrei dela, comecei com elas. Ela foi muito útil para mim, depois foi que eu passei pra você. Fiquei como ouvinte, ligava o ‘rádio’(aponta para as orelhas) e ficava ouvindo você. Aí, fui indo, fui indo, fui indo e adquiri esse meu status de querer sempre saber mais, sempre distribuir aos meus amigos o que eu posso contribuir

para melhorar a eficiência mental de todos, porque o saber é mostrar a eficiência mental, o cara adquirir e ouvir mais é melhor do que falar. Eu sempre procurei ouvir muito, aí depois conversar.”

27'14" – 27'49" — “Agora, sinto. Eu me sinto como uma criança, eu sou um jovem da terceira idade. Camelo... Eu não vou carregar nada nas costas, mesmo... (...) Agora, para defender a família, eu sou um leão. Um pequeno leão, mas leão.”

#### Décimo Quarto Depoimento: Título III, 0'00" - 1'05"

0'00" - 1'05" — “Eu procurei a UNATI desde que ela inaugurou, tem dez anos. Porque eu queria — estava aposentada — e eu queria fazer alguma coisa diferente, aprender alguma coisa, enfim, qualquer coisa. E eu fiquei pirada com o UNATI, porque é todo um leque de coisas, que a gente... é impossível fazer tudo... Mas a coisa que eu mais aprecio no UNATI, até hoje, é a oportunidade que nós temos de falar. Os professores, principalmente a Cris, ela deixa a gente falar, ela dá atenção pra todo mundo, aí ouvem. Porque, às vezes, na nossa casa, não nos ouvem. E eu tenho um marido ótimo, sou casada há cinqüenta e três anos, mas nem sempre ele está disposto a me ouvir, não é!? Não se interessa, às vezes, por certas coisas que só outra mulher é que se iguala a nós, não é!? Então, isso para mim é primordial. E, além do mais, é o bom-humor, porque a Cris tem um bom-humor que levanta qualquer um. A gente pode chegar aqui abatida, triste da vida, que só o abraço que ela dá, pronto, já afastou tudo! Parabéns, Cristie, parabéns!”

#### Décimo Quinto Depoimento: Título III, 1'06" - 2'12"

1'06" - 2'12" — “Eu trabalhei, a minha vida inteira, fora. Sempre estudei muito e me aposentei. E me vi em casa, sem ter nada o que fazer, então, eu soube da UNATI e vim procurar, mas só que eu ainda não tinha sessenta anos. Então, eu tive que esperar mais um pouco e, finalmente, eu estou aqui na UNATI há três anos. Eu vim aqui procurar alguma coisa que satisfizesse o meu... a minha vontade de aprender alguma coisa. E eu consegui. Eu tenho aprendido muito, na UNATI. Eu acho que tudo o que eu aprendi aqui está sendo de muita valia, para minha vida lá fora. E quando a gente consegue ter uma professora como a Cris, que passa pra gente uma vontade de viver, uma alegria tão grande, a gente só tem a agradecer. E é exatamente isso que eu estou fazendo, em meu nome e de todos os nossos colegas. Um beijo muito grande pra Cris”.

#### Décimo Sexto Depoimento: Título III, 2'15" - 3'33"

2'15" – 3'33"— “Eu procurei... Bom dia! Eu procurei a UNATI com cinqüenta e cinco anos, porque eu cai em uma depressão e eu vim para aqui pra fazer aula de dança. Aí, eu entrei aqui como voluntária, me chamaram como voluntária. Fui voluntária, verifiquei pressão ali no ambulatório, depois aí eu fiz os sessenta anos,

aí eu fui pra percussão, depois eu fui pra... Continuei fazendo... Visitava asilo e tudo e o pessoal sempre falava na Cris, e eu nunca tinha tempo, assim, então, aí eu vim pra Cris, porque as meninas disseram que era muito bom. Eu vim a primeira vez, adorei, sempre encontra com a gente fala com a gente muito bem, aonde encontra gente fala: dá um bom dia, dá um abraço... e isso é muito importante, eleva a vida, a gente fica lá no alto. E a depressão, eu fiquei assim... Muito bom, uma coisa muito boa, que levanta qualquer um, de qualquer lugar. Muito beijos pra você, pra Cris e pra Vera, também. Um bom dia.”

---

Décimo Sétimo Depoimento: Título III, 3’35” - 5’36”

---

3’35” - 4’47” — “Segundo a Cris, passada a fase do Camelo — que é uma fase muito dolorosa, geralmente, para nós que somos da terceira idade, que guardamos muitas coisas, muitos valores, muitos conceitos e preconceitos... Ao vir para a aula da Cris, aí passamos para a fase do leão, não é!? E essa fase do leão é muito importante, porque a gente faz uma relação entre si, o passado e o presente e sente que está viva. Que tudo não passou de um passado, passou de uma fase da vida. Ou seja, passou pela fase do camelo, e que nós estamos vivas e que temos que continuar nossa caminhada. Isso é muito importante. É importante para o idoso, porque ele não pode se alimentar de um passado e vive em um presente. E esse presente logicamente nos trará possibilidades para que tenhamos uma vida melhor, uma relação melhor, compreendamos melhor — tanto os idosos, quanto os jovens, porque nós temos que ir ao encontro dos jovens.”

4’47” - 5’36” — “E as fitas, os cinemas, a presença mesmo da Cris, é muito importante. Porque ela passa uma força de afetividade para os alunos, que isso é muito importante na vida de um idoso. Porque a afetividade é algo que nos transporta de um passado para um presente, e de um presente para um futuro. Porque ninguém pode viver de um passo de um camelo, e nem, praticamente, de um leão. Nós temos que ter o equilíbrio, para vivermos a nossa vida e caminharmos. E com ela é muito bom, é muito bom, mesmo. Seja bem vinda sempre nas aulas, porque você sempre trará luz a quem precisa e paz a algumas pessoas que estão carentes e necessitadas.”

---

Décimo Oitavo Depoimento: Título III, 5’42” - 7’36”

---

5’42” – 6’46” — “Na nossa vida, com a responsabilidade que nós temos, na criação dos filhos, na evolução da vida, na contribuição nossa com a família, já somos grandes camelos, porque carregamos muito peso nas costas. E, com a continuação da vida, aquilo vai passando adiante. Depois, chegamos a UNATI, por determinados motivos chegamos até aqui, e aqui, parei na aula da professora Cristie e senti que aquele peso que eu trazia foi diminuindo. Eu fui me tornando uma leonina, com aquela força de dizer, de perguntar, de responder. Então, eu estava mais leve daquele peso do camelo e estava entrando na parte do leão, em que você tem vontade, pode e deve dizer aquilo que sente.”

6'46" - 7'36" — “A professora Cristie é uma pessoa doce, que tem uma palavra amiga para todos nós. E essa turma de... que no momento chama-se ‘cinema e a psicomotricidade’... É uma reunião de alegria, de satisfação, de compreensão, de respeito e que ela nos torna pessoas leves. Então, nós passamos à terceira fase, nós passamos a sermos crianças. Porque aqui nós rimos, nós agradecemos, nós brincamos, nós trabalhamos com a afetividade tudo o que a psicomotricidade nos oferece. E ela é uma professora que nem um coração de mãe: sempre tem lugar para mais um.”